

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ADAILTON DI LAURO DIAS

**EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E ESTRANGEIRISMOS: ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA ACERCA DOS FENÔMENOS DE USO DE LÍNGUA
INGLESA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

SÃO MATEUS-ES

2022

ADAILTON DI LAURO DIAS

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E ESTRANGEIRISMOS: ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA ACERCA DOS FENÔMENOS DE USO DE LÍNGUA
INGLESA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Ciência, Tecnologia e Educação, Nível de Mestrado Profissional, com área de Concentração em “Educação” do Centro Universitário “Vale do Cricaré”, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Pin.

SÃO MATEUS-ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Centro Universitário Vale do Cricaré – São Mateus – ES

D541e

Dias, Adailton di Lauro.

Empréstimos linguísticos e estrangeirismos: abordagem sociolinguística acerca dos fenômenos de uso de língua inglesa nos livros didáticos de língua portuguesa / Adailton di Lauro Dias – São Mateus - ES, 2022.

109 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof^a. Dr^a. Adriana Pin.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Estrangeirismos. 3. Língua inglesa - Lexicografia. 4. Empréstimos linguísticos. 5. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Pin, Adriana. II. Título.

CDD: 469.3028

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6^a Região – MG e ES

ADAILTON DI LAURO DIAS

**EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E ESTRANGEIRISMOS:
ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA ACERCA DOS FENÔMENOS
DE USO DE LÍNGUA INGLESA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovado em 03 de dezembro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente

gov.br

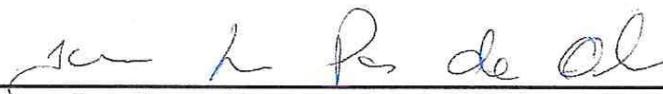
ADRIANA PIN

Data: 12/12/2022 22:54:23-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. Adriana Pin

**Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)
Orientador (a)**



Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)

Documento assinado digitalmente

gov.br

NAGILA DE FATIMA RABELO MORAES

Data: 08/12/2022 15:39:48-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. Nágila de Fátima Rabelo Moraes

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Dedico a todos os amantes da Língua Inglesa. A todos os professores que fazem a diferença nas aulas de Língua Inglesa, que aprendem a arte de se reinventar, adaptar e transformar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo seu eterno amor e por ter me dado equilíbrio e espírito de busca que me encorajou e propiciou a caminhar em direção à realização do meu sonho – o Mestrado.

À minha esposa, por seu imenso amor e compreensão e por ter me dado força e incentivo para que eu realizasse mais um sonho – o de me tornar Mestre.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Adriana Pin, por ter contribuído imensamente para a realização deste trabalho, dispensando, a mim, toda a sua gentileza, compromisso e atenção.

“Todo dia, devíamos ler um bom livro, uma boa poesia, ver um quadro bonito, e, se possível, dizer algumas palavras sensatas.” (Johann Goethe)

RESUMO

O propósito deste estudo dissertativo é analisar a presença de estrangeirismos, empréstimos linguísticos e expressões lexicais nos manuais didáticos de língua portuguesa das coleções do 9º. ano do Ensino Fundamental das autoras Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) e Marchetti, Strecker e Cleto (2015), sob a abordagem do escopo sociolinguista variacionista. Busca-se observar os estrangeirismos e empréstimos linguísticos quanto ao sentido semântico-pragmático, enquanto prática linguística, visto que o seu uso se tornou comum na língua portuguesa, trazendo novos vocábulos devido à globalização. Como aporte teórico, fundamentam este trabalho os autores Almeida (2005), Bagno (2013), Canagarajah (2005), Carvalho (2016), Cooper (1982), Fávero (2012), Geraldi (1997), Hall (2006), Leffa (2002), Paiva (2004), Vygotsky (1998), entre outros. A metodologia utilizada dispõe de instrumentos da pesquisa exploratória e bibliográfica, de natureza qualitativa, com análise dos dados que serão retirados dos manuais didáticos citados. Assim, no primeiro momento, serão realizadas leituras que abordem temas como a expansão da língua inglesa, o livro didático no Brasil e processos de ensino-aprendizagem. No segundo momento, será analisado como se dá a presença dos estrangeirismos, empréstimos linguísticos e expressões lexicais nesses manuais. O estudo apontou a importância da aprendizagem em língua inglesa devido a sua presença no cotidiano brasileiro, em uma reflexão sobre os estrangeirismos e empréstimos linguísticos, visto que seus usos se tornaram comuns na língua portuguesa, que passou a incorporar novos vocábulos ao seu léxico, os quais estão inseridos no cotidiano dos alunos, devido à influência da globalização, da ideologia, aculturação, multiculturalismo e do contato entre os povos.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Língua Portuguesa. Língua Inglesa. Estrangeirismos. Empréstimos linguísticos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Ensino Fundamental
<i>LBS</i>	<i>Location Base Service</i>
LDP	Livro Didático de Português
LE	Línguas Estrangeiras
LI	Língua Inglesa
LD	Livro Didático
MEC	Ministério da Educação
MD	Manual Didático
MDLP	Manual Didático de Língua Portuguesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Pela internet.....	50
Figura 02 – Os avanços nas comunicações.....	51
Figura 03 – Blog	52
Figura 04 – Multimídia.....	52
Figura 05 – Me use <i>mouse</i>	53
Figura 06 – <i>No Messenger</i>	53
Figura 07 – Chuva, suor e cerveja	54
Figura 08 – Animações	55
Figura 09 – Entrevista	55
Figura 10 – <i>Charge: Rock in Rio</i>	56
Figura 11 – <i>Cena Tech</i>	56
Figura 12 – <i>Cartum</i>	57
Figura 13 – Entrevista com Ziraldo	57
Figura 14 – Celebidades descelebradas.....	58
Figura 15 – Quinze minutos de infâmia.....	59
Figura 16 – Entrevista com Ziraldo.....	59
Figura 17 – <i>Cartum: Big Brother</i>	60
Figura 18 – Eles estão seguindo nossos passos	61
Figura 19 – Manifesto um por uma arte única	62
Figura 20 – Estrangeirismos e neologismos	62
Figura 21 – Tirinha: <i>sale</i>	63
Figura 22 – Atividades.....	64
Figura 23 – Balada de louco	68
Figura 24 – Carta Capital	70
Figura 25 – Desonestidade de jogadores e arbitragem ruim caminham juntas.....	71
Figura 26 – Minicrônica esportiva	71
Figura 27 – Dá para confiar.....	72
Figura 28 – Tornardos.....	72
Figura 29 – Pesque-solte 1.....	73
Figura 30 – Pesque-solte 2	74
Figura 31 – Tirinha.....	75
Figura 32 – Ciência maluca – Os arquivos bizarros.....	75

Figura 33 – <i>Podcast</i>	76
Figura 34 – Por uma longa vida útil aos produtos	76
Figura 35 – Consumo consciente	77
Figura 36 – O mapa do consumo adolescente	78
Figura 37 – <i>Making a life, Making a living</i>	79
Figura 38 – Minitexto	79
Figura 39 – Interligados	80
Figura 40 – Atividade proposta	80
Figura 41 – Romance de formação	81
Figura 42 – Anúncio publicitário	82
Figura 43 – Anote	82
Figura 44 – O contexto de produção	83
Figura 45 – Anúncio publicitário – cartaz.....	83
Figura 46 – Último segundo	84
Figura 47 – Empréstimo	84
Figura 48 – Estrangeirismos	85
Figura 49 – Atividade	85
Figura 50 – <i>Jingle</i>	86
Figura 51 – Greenpeace	87

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	12
1.1 MEMORIAL	12
1.2 INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 2 – A LÍNGUA INGLESA E A UTILIZAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS E ESTRANGEIRISMOS PELO DOCENTE EM SALA DE AULA – A DISSOCIAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS	18
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1.1 Diálogo entre pesquisas	18
2.1.2 O livro didático em questão e sua conexão com a língua inglesa.....	20
2.1.3 A língua inglesa nos dias atuais	22
2.1.4 A importância da língua inglesa na contemporaneidade.....	25
2.1.5 A língua inglesa em sala de aula.....	28
2.1.6 Os processos e ideologias que levaram a inserção do Inglês nos MDLP	31
2.1.6.1 O porquê da presença dos vocábulos de língua inglesa nos manuais didáticos de língua portuguesa	33
2.1.7 Elementos lexicais da língua inglesa no ensino de língua portuguesa e a sociolinguística variacionista	35
2.1.8 A aprendizagem da Língua Inglesa por intermédio de metodologias diversificadas e dinâmicas.....	43
2.1.9 Formando leitores proficientes em Língua Inglesa.....	45
CAPÍTULO 3 – O PERCURSO DA PESQUISA	47
3.1 METODOLOGIA.....	47
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
4.1 OLHARES MÚLTIPLOS SOBRE OS MANUAIS DIDÁTICOS DO 9º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – PALAVRAS INCORPORADAS EM LÍNGUA INGLESA, APORTUGUESADAS OU SEM CORRESPONDENTES EM LÍNGUA PORTUGUESA	49
4.1.1 Primeiro Manual Didático analisado – “Português: Projeto Teláris” – 9º. ano	50
4.1.2 Segundo Manual Didático analisado – “Para viver juntos: Português” - 9º. ano.....	70
5 CONCLUSÃO	93

REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICE A	105
ANEXO A	108
ANEXO B	109

CAPÍTULO 1

1.1 MEMORIAL

Sou professor de línguas há 23 anos, atuando na educação em contextos diversos após ingressar no curso de Letras/Português na UNEB. No início, comecei a lecionar em escola estadual, no município de Teixeira de Freitas, por meio de contrato temporário. Paralelamente ao curso universitário, eu estudava a língua inglesa em uma escola de idiomas, onde passei a lecionar também alguns anos mais tarde. Devido à experiência adquirida na língua e às boas referências profissionais, fui convidado a assumir as aulas de inglês na FASB – Faculdade do Sul da Bahia, o que foi uma ótima oportunidade para que eu despertasse e retomasse minha vida acadêmica em busca de avançar na minha formação para melhor desenvolver minhas atividades profissionais. Sendo assim, optei por cursar uma segunda graduação, Letras/Inglês, o que me possibilitou, juntamente com a especialização *latu sensu*, oferecida pela FIJ no Rio de Janeiro, participar e ser aprovado no processo seletivo para professor substituto da UNEB – Universidade do Estado da Bahia. Lá, trabalhei por três anos até decidir estudar para o concurso da carreira de professor EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico) dos institutos federais de educação, onde fui aprovado em 2016.

O interesse em realizar pesquisas sobre a presença da língua inglesa nos manuais didáticos (doravante MD) de língua portuguesa surgiu devido a uma série de observações dos materiais didáticos utilizados na rede pública de ensino. Após a conclusão de uma segunda graduação, língua inglesa (a primeira, Letras/Português-UNEB), houve a possibilidade de entrelaçar esses conhecimentos, visando destacar o uso de palavras¹ e expressões (itens lexicais) de outros idiomas, neste caso, da língua inglesa, tão presentes no dia a dia do professor de língua portuguesa e/ou inglesa.

¹ Embora reconheçamos as complexidades em relação ao uso do termo “palavra”, não pretendemos aqui fazer uma discussão sobre essa questão. Em função disso, optamos pelo uso das expressões “item lexical” e “lexias”, mesmo que não tenhamos descartado o uso do termo “palavra” para as unidades que compõem o léxico de uma língua.

1.2 INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre o tema dos estrangeirismos e empréstimos linguísticos quanto ao sentido semântico-pragmático, enquanto prática linguística, visto que o seu uso se tornou comum na língua portuguesa, trazendo novos vocábulos devido à globalização. Traz uma abordagem sobre a importância da língua inglesa na contemporaneidade. Questiona o porquê da presença dos vocábulos de língua inglesa nos livros didáticos de língua portuguesa e como as expressões lexicais podem ser empregadas pelo professor no cotidiano escolar, mesmo constatando que a língua não pode ser vista de maneira dissociada de aspectos culturais, conforme influências das modificações do mundo tecnológico e globalizado que, muitas vezes, colaboram para enriquecer a linguagem, mesmo que alguns docentes afirmem que essas mudanças na língua vêm descaracterizar, ou até ameaçar a língua nacional. Assim, o que se espera é que essa abordagem sociolinguística acerca dos fenômenos de utilização da língua contribua para uma reflexão de prática de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Quando se fala sobre a educação brasileira e as metodologias de ensino, percebe-se que o livro didático (doravante LD) é um dos principais subsídios de ensino-aprendizagem, sendo considerado parte da cultura escolar e utilizado em quase todas as disciplinas (TORTATO, 2010). No momento em que são observados os conteúdos desses livros, verifica-se que há algumas ideologias impostas, o que muitas vezes descontextualizam o assunto. Sobre isso, Paiva (apud SILVA, 2011) declara que é possível perceber a ideologia predominante em determinada sociedade e em determinada época, estudando a estruturação (textos, imagens, atividades, entre outros) dos livros didáticos.

Atualmente, quando se lê os LD de língua portuguesa, é possível perceber uma grande quantidade de palavras em língua inglesa, o que leva à compreensão que esta segunda língua tem se expandido de tal maneira que é quase impossível não haver suas marcas no ensino da língua portuguesa. Presentemente, vivencia-se um contexto em que a língua inglesa (doravante LI) tem se apresentado como uma fonte indispensável para a inserção econômica em âmbito mundial, logo, além de seu ensino nas escolas brasileiras, tal língua tem marcado profundamente os livros didáticos de língua portuguesa (doravante LDLP). Dessa maneira, quando um aluno ou até mesmo um professor se depara com palavras da língua inglesa no livro didático,

tais palavras podem passar despercebidas, pois esta segunda língua faz parte do contexto brasileiro de forma que, muitas vezes, não há mais preocupação alguma em buscar o seu real significado.

Portanto, neste estudo, é abordado o LDLP, questionando como a língua inglesa tem exercido influência sobre ele e a língua nacional. Para tanto, recorrem-se a fatores históricos para melhor compreensão do assunto em questão, em uma pesquisa um pouco mais abrangente, em que é realizada uma análise de alguns livros didáticos para discutir o referencial teórico apresentado neste projeto.

Diante do que foi exposto, esta pesquisa apresenta como problema: Como os estrangeirismos e os empréstimos linguísticos podem ser abordados pelo livro didático de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, não se dissociando dos aspectos culturais?

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a presença de estrangeirismos, empréstimos linguísticos e expressões lexicais nos manuais didáticos de língua portuguesa das coleções do 9º. ano do Ensino Fundamental (EF) das autoras Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) e Marchetti, Strecker e Cleto (2015), sob a abordagem do escopo da Sociolinguística Variacionista.

E como objetivos específicos, busca:

- ✓ compreender como ocorre a utilização dos empréstimos linguísticos e estrangeirismos nos MDLP, observando se há a dissociação dos aspectos culturais;
- ✓ elencar, a partir dos MDLP, as palavras em língua inglesa que foram incorporadas, aportuguesadas ou que não tenham correspondentes em língua portuguesa;
- ✓ compreender o porquê da presença dos vocábulos de língua inglesa nos MDLP;
- ✓ identificar os contextos em que as expressões lexicais estão inseridas nos MDLP;
- ✓ demonstrar criticamente a influência dos termos em língua inglesa nos MDLP;
- ✓ compreender os processos e ideologias que levaram à inserção do inglês nos MDLP, refletindo de que forma essas ocorrências materializam ideologias e concepções em relação à importância da língua inglesa;

- ✓ elaborar um glossário, a partir do levantamento desses empréstimos linguísticos e estrangeirismos identificados nos LDLP.

São analisados dois manuais didáticos de língua portuguesa, observando a presença da língua inglesa nestes materiais didáticos com vistas a entender o porquê destes vocábulos – estrangeirismos e empréstimos linguísticos quanto ao sentido semântico-pragmático, enquanto prática linguística nos LDLP e qual a sua influência na língua materna.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de se pesquisar os LDLP usados nas séries finais do Ensino Fundamental das escolas da rede municipal de ensino de Teixeira de Freitas. É analisado, portanto, o livro do 9º. ano de Língua Portuguesa, “Português: Projeto Teláris” das autoras Ana Triconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi de 2012, que foi inscrito no PNLD em 2014, ou seja, foi aprovado pelo MEC e passou a ser utilizado nas escolas públicas e privadas. É analisado, também, o livro do 9º. ano de Língua Portuguesa, intitulado “Para viver juntos: Português” das autoras Greta Marchetti, Heidi Strecker e Mirella L. Cleto de 2015 que foi inscrito no PNLD em 2017, usados atualmente na rede municipal de ensino.

Observando a expansão da língua inglesa no mundo, viu-se que muitos MDLP estão compondo seu léxico de palavras com termos, expressões e vocábulos em língua inglesa. Esse aspecto é um dos tópicos de estudo nesta dissertação. Dessa forma, quando se pensa no MD e na presença da língua inglesa, deve-se pensar não apenas na incursão em si, mas na influência que tal aspecto terá no ensino/aprendizagem dos alunos, como esses estudantes podem receber essa influência, tendo em vista que o professor deve estimular o pensamento crítico-reflexivo dos alunos no que tange à sua língua materna, e também, à língua inglesa (ALMEIDA FILHO, 2005).

A escolha do tema surgiu por perceber que existem diversas palavras inseridas nos MDLP, muitas vezes devido à influência da globalização, mas também, da ideologia, aculturação e multiculturalismo. O conhecimento em língua estrangeira é hoje considerado um direito, um requisito para o exercício de uma cidadania plena, não apenas para os alunos em fase escolar, mas para a maioria da população.

O último MD citado está sendo utilizado na rede municipal das escolas de Teixeira de Freitas-BA e o intento perpassa por compreender as ocorrências nos MD's

das palavras em língua inglesa que foram incorporadas, aportuguesadas ou que não tenham correspondentes em língua portuguesa.

Ainda sobre a expansão da língua inglesa no mundo, viu-se que muitos LDLP estão compondo seu léxico de palavras com termos e expressões em LI; tal aspecto é alvo de estudos nesta pesquisa. Quando se observa que o LD tem o poder de influenciar as ideias dos alunos, percebe-se que um livro formula ideias que informam, ensinam e, por assim dizer, divertem. Nesse âmbito, a leitura expande os horizontes de possibilidades de interlocução visto que admite que se dialogue com os pares para verificar o que se disse acerca de determinado tema e a maneira como se disse. Permite, ainda, que se possa construir as próprias palavras com as palavras do outro.

Esta pesquisa, composta por 5 capítulos, traz, nesta parte introdutória, a proposição geral do estudo, apresentando a problematização e os objetivos que norteiam a investigação, a metodologia sintetizada e uma breve descrição dos capítulos que estão contidos nesta dissertação.

O segundo capítulo contextualiza o referencial teórico, estabelecendo um diálogo entre autores, como: Almeida Filho (2005), Brewster, Ellis e Girard (2002), Brown (2001), Cameron (2001), Rocha e Basso (2008), Sankoff (2001), Vygotsky (1998), entre outros relacionados ao tema para que se tivesse fundamento crítico da análise do problema, bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais e legislações. Essas obras tecem algumas discussões acerca da língua inglesa e a utilização dos empréstimos linguísticos e estrangeirismos pelo docente em sala de aula, procurando demonstrar a dissociação dos aspectos culturais, bem como os elementos lexicais da língua inglesa no ensino de língua portuguesa e a sociolinguística variacionista, entre outros temas. Esse capítulo apresenta, também, pesquisas acadêmicas, cuja busca foi realizada no Catálogo da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), contendo temáticas próximas às encontradas em estudo, tais como os empréstimos linguísticos e os estrangeirismos, bem como o tema da sociolinguística, do inglês e dos livros didáticos, e também, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), em artigos científicos e periódicos específicos à temática em questão.

No terceiro capítulo, é delineada a metodologia da pesquisa científica, o método e as técnicas concretizados através da pesquisa exploratória e bibliográfica de natureza qualitativa, com base em leituras que abordam temas como a expansão da língua inglesa, o manual didático no Brasil e os processos de ensino-aprendizagem.

Portanto, como percurso metodológico, é realizada uma análise de expressões lexicais, estrangeirismos e empréstimos linguísticos em dois manuais didáticos de língua portuguesa do 9º. ano do Ensino Fundamental utilizados na rede municipal de ensino de Teixeira de Freitas-BA.

O quarto capítulo desenvolve-se a partir dos resultados obtidos, as análises e discussões destes, a fim de transformá-los em informações relevantes, juntamente com a análise dos livros didáticos, com a intenção de associá-la aos fundamentos presentes nos capítulos anteriores, com foco nas questões que motivaram esta pesquisa.

No quinto e último capítulo, apresenta-se a conclusão e os desdobramentos desta investigação, com a intenção de utilizá-la para uma nova concepção sobre a presença de estrangeirismos, empréstimos linguísticos e expressões lexicais nos manuais didáticos de língua portuguesa sob a abordagem do escopo Sociolinguística Variacionista. Ademais, serão demonstradas algumas recomendações para trabalhos futuros e será realizada uma análise da concretização ou não dos objetivos propostos no estudo.

CAPÍTULO 2 – A LÍNGUA INGLESA E A UTILIZAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E ESTRANGEIRISMOS PELO DOCENTE EM SALA DE AULA – A DISSOCIAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 Diálogo entre pesquisas

Com o objetivo de encontrar pesquisas, cujos temas fossem próximos deste trabalho em construção, fez-se uma primeira busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando as palavras-chave: estrangeirismo; empréstimos linguísticos; sociolinguística; inglês; livros didáticos, tendo como resultado 20 pesquisas, das quais foram selecionadas apenas duas, pois somente estas apresentavam relação mais próxima com o tema a ser investigado.

A primeira abordagem significativa foi encontrada no texto dissertativo de Marcos Racilan Andrade (2005), cujo título é: *Leitura Comunicativa? A abordagem comunicativa nos livros didáticos de Leitura Instrumental em Língua Inglesa*, apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais. Em sua pesquisa, o autor desenvolve uma revisão histórica acerca do ensino de inglês com fins específicos, indicando ser a mesma perspectiva que alterou os fundamentos da língua inglesa na década de 1970, e foi determinante para que o desenvolvimento do ensino comunicativo de línguas fosse implementado. Sua experiência com ensino de leitura instrumental também deu suporte para a pesquisa, pois a hipótese que ele apresentava era a de que os livros didáticos brasileiros para o ensino-aprendizagem de leitura instrumental não se configuram como comunicativos. Andrade se apropriou da pesquisa de descrição focalizada, centrada nas ideias de Larsen-Freeman e Long (1991), em que elaborou um *checklist* de princípios comunicativos, cujo objetivo é avaliar a qualidade comunicativa de 05 livros analisados em seu estudo. Em seus resultados, mostrou a inconsistência dos princípios enumerados, referentes a cada livro descrito. Os resultados esclareceram que, na elaboração das atividades, há uma aplicação média dos princípios comunicativos encontrados nos livros didáticos. O que leva à reflexão de que é preciso outros meios para se trabalhar a leitura comunicativa no ensino comunicativo de línguas.

Na continuação da busca, foi encontrada a pesquisa de Elza Contiero (2014): *A neologia de empréstimos em livros didáticos de Português do Ensino Médio: o léxico*

sob uma perspectiva discursiva, também apresentada e publicada pela Universidade Federal de Minas Gerais. A autora, em sua pesquisa, objetivou investigar a forma como é ensinado o léxico no espaço escolar, especialmente, a maneira como é tratada a neologia de locação dos livros didáticos de Português nas turmas de Ensino Médio. A autora indicou e levantou uma discussão sobre os aspectos inerentes à diferença entre a conceituação de empréstimos e estrangeirismos, a neologia de empréstimo nos dias atuais. Levou a reflexão sobre a produção lexical do Português brasileiro e alguns significados gerados pelo léxico estrangeiro nos contextos de fala. Contiero aponta para outros momentos de observação, principalmente na ampliação lexical e discursiva que subsidie as abordagens teóricas subjacentes às aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica. Em sua pesquisa, analisou todos os livros didáticos de Português do Ensino Médio, aprovados pelo MEC e recomendados pelo FNDE no Programa Nacional do Livro Didático. Os questionamentos que auxiliaram na elucidação das ideias foram: a forma como os estrangeirismos lexicais e empréstimos são abordados pelos autores dos livros didáticos leva a uma discussão mais ampla em sala de aula sobre os processos culturais, os efeitos de sentido produzidos por esses fenômenos da língua. Há uma descrição detalhada do processo de neologia, promovendo a oportunidade de reflexão acerca da produtividade lexical em língua portuguesa? Dessa forma, através das respostas e em análise a 11 coleções de livros de Língua Portuguesa, a autora conseguiu estabelecer diretrizes que abordassem o material didático, utilizado pelo professor e alunos, baseado em estratégias que fortalecessem a necessidade de o livro ser um recurso não apenas verbal, mas também constituído e imbuído de aspectos sociais, ideológicos e pedagógicos.

Com o intuito de encontrar outros estudos que contemplassem o mesmo tema ou assuntos similares, recorreu-se a uma segunda busca, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando as seguintes palavras-chave sinônimas, em ordem diferente da primeira busca: língua inglesa; estrangeirismos; empréstimos linguísticos; livros didáticos. Foram encontradas 20 pesquisas, sendo encontrada apenas uma com similaridade ao tema deste estudo: a de Marcos Racilan Andrade (2005), já identificada na primeira busca. Numa terceira busca, desta vez no *site* da UNIVC, www.repositorio.ivc.br, utilizando as palavras-chave: estrangeirismos; leitura; escrita; língua portuguesa e aprendizagem, surgiram 42 resultados, contudo nenhum que apresentasse similaridade com o tema desta pesquisa.

Diante do resultado dessas três buscas, fica evidente o quão necessário é pesquisar acerca deste tema, pois ainda são raros os estudos nesse âmbito, o que valida ainda mais esta investigação. Os trabalhos descritos são formas diferentes de indicar que o ensino da língua e o incentivo à leitura e à escrita devem integrar, continuamente, a prática e planejamento docentes, de forma que os alunos da Educação Básica possam estar preparados para contextos de avaliação, de observação e de vida.

2.1.2 O livro didático em questão e sua conexão com a língua inglesa

Na atualidade, é grande a presença e o uso de itens e expressões lexicais em inglês na proposta do livro didático do ensino básico de Língua Portuguesa. Essas expressões são chamadas de empréstimos e estrangeirismos em inglês e, muitas vezes, são analisadas em relação ao sentido semântico-pragmático enquanto prática linguística representada no livro de Língua Portuguesa. Para Silva (2013), o manual didático é o portador essencial de conhecimentos basilares das múltiplas disciplinas, que compõem o currículo escolar, e é um dos recursos mais usados em sala de aula, sendo um instrumento pedagógico grandemente difundido.

É fundamental que estes itens e expressões lexicais sejam utilizados pelo docente em sala de aula, mesmo que não se possa observar a língua de forma dissociada de aspectos culturais, bem como sob as influências das transformações do mundo globalizado e tecnológico, as quais, na maioria das vezes, colaboram para o enriquecimento da linguagem, e mesmo que se encontrem professores que afirmem que as transformações ocorrem para ameaçar e descaracterizar a língua nacional (SILVA, 2011), acredita-se que a abordagem sociolinguística acerca desses fenômenos de usos de língua, e não de sistema de língua, venha cooperar para uma reflexão de prática de ensino/aprendizagem em sala de aula.

A língua inglesa tem conseguido, ao longo dos anos, chegar a grandes proporções e se entrelaçar às línguas maternas de vários países, influenciando e fazendo modificações nelas. No Brasil, como exemplo, os estrangeirismos têm alcançado até mesmo os nomes de estabelecimentos comerciais.

De acordo com Canagarajah (2005), essa realidade traz profundas implicações no que se refere aos processos de ensino/aprendizagem desse idioma, pois o inglês

tem um papel importante nas relações entre as culturas, ao mesmo tempo em que possibilita os fluxos globais.

Entendendo a afirmação de Canagarajah, é possível pontuar que a hegemonia da língua inglesa tem trazido implicações espessas no ensino-aprendizagem da língua materna, isto posto, tem levado estudiosos do tema a realizar pesquisas sobre este fenômeno.

Compreende-se que desde a segunda guerra mundial, a língua inglesa tem ganhado espaço em todo o mundo. Diante disso:

Percebe-se que esse processo de integração global requer a fluência em idiomas falados ao nível de língua franca como, por exemplo, inglês e espanhol, sendo que a língua inglesa figura como a mais importante devido a seu vasto uso e abrangência. Nesse sentido, a fluência nessa língua torna-se indispensável na conquista de espaço e atuação dos profissionais no mundo do trabalho (SANTOS; PILATTI, 2008, p. 2).

As autoras acima citadas demonstram, por meio de seus estudos, que falar uma segunda língua, e em especial a língua inglesa, é indispensável na atualidade, uma vez que seu conhecimento acarreta conquistas de espaços profissionais. Verceze e Silvine (2008, p. 85) corroboram com essa ideia quando declaram:

Como é objetivo da educação escolar preparar o educando para o exercício da cidadania e qualificá-lo para o trabalho, o processo formativo deve realizar uma nova mediação, agora entre a esfera privada das exigências familiares ou pessoais e a vida pública na qual o aluno está ingressando. Seja qual for a disciplina abordada, o livro didático deve servir para a construção da ética necessária ao convívio social democrático.

Dessa forma, o conhecimento tanto da língua materna quanto da língua inglesa torna-se de grande relevância para a vida dos aprendizes. Compreendendo que a escola deve preparar os estudantes para o exercício da cidadania, vida pública e construção da ética, o uso de palavras em língua inglesa nos MDLP pode ser considerado uma forma de tornar o ensino da língua portuguesa contextualizado à realidade do aluno, tendo em vista a expansão da LI, porém, com as devidas ressalvas. Assim, cabe ao professor entender e mediar essa interlocução entre as duas línguas para trabalhar seu uso em sala de aula, procurando mostrar a importância de se falar um segundo idioma enquanto língua franca para não subjugar um idioma em detrimento de outro, independentemente de qualquer valoração, local ou global, que essa língua possa ter adquirido através dos tempos em determinado contexto social, econômico ou intelectual. O valor da língua materna deve ser

inestimável para seu falante nativo, dessa forma falar uma segunda língua não deve ser visto como símbolo de *status* ou dominação e sim como ferramenta que abre portas para o desenvolvimento intelectual e cultural.

2.1.3 A língua inglesa nos dias atuais

Globalização e língua inglesa são assuntos intrinsecamente ligados, quando se considera que esta é uma das línguas estrangeiras modernas mais globalizadas (GUIMARÃES, 2011). Pode-se observar que, devido à grande potencialidade econômica norte-americana, a língua inglesa tem se incorporado cada vez mais em outras línguas e culturas, ocasionando empréstimos linguísticos ou estrangeirismos.

Os *estrangeirismos*, grosso modo, caracterizam-se a partir da introdução de uma palavra estrangeira, conservando sua grafia e pronúncia, ao vocabulário de uma determinada língua. O *empréstimo linguístico*, por sua vez, é a incorporação de um vocábulo ao léxico de um idioma que, ainda que mantenha sua pronúncia (ou algo bem próximo), sofre alterações para adquirir o padrão de escrita da língua em que acaba de ser inserido. E para deixar mais óbvia a explicitação, têm-se casos de empréstimos como abajur, futebol, bife, sinuca, blecaute entre outros. Como exemplos de estrangeirismos comumente usados, têm-se *shopping, show, hall, pizza*.

Vale a pena ressaltar que as palavras só entram e ficam definitivamente em uma língua quando não há um termo que expresse o referente indicado por ela com a mesma expressividade e pertinência. Foi assim com abajur, com futebol, com sinuca. No Brasil, não havia nenhuma dessas coisas com a carga de significação que lhe é atribuída hoje, logo, recebemo-las assim como as palavras que as designavam.

Muitas vezes os empréstimos e estrangeirismos caminham juntos como está escrito no excerto de Brandão (2008, p. 35), “[...] vivemos no Brasil cercados de *videocassetes* e *videogames*, comemos *hot-dogs* e *hamburgers*, tomamos *coca-cola* e escutamos *jazz* e *rock*, vestimos *jeans* e os jovens praticam *skate* e *surf*”. Assim, pode-se dizer que termos como empréstimos linguísticos e estrangeirismos podem ser usados de forma simultânea.

Sendo que o empréstimo possui diferença do termo estrangeirismo, sendo o empréstimo, um termo que possui uma necessidade linguística e o estrangeirismo,

um termo em outra língua que possui correspondente em português. Desse modo, São José (2011, p. 191) traz que:

[...] podemos destacar os filmes que são produzidos fora do Brasil, as músicas internacionais, a rede internacional dos computadores – a internet, ou até mesmo quando compramos um produto ou vamos em uma loja, quase sempre, verificamos a presença marcante de outra língua, na maioria das vezes, o Inglês, por ser a língua da globalização

Dessa maneira, independente da nação ou se o cidadão é fluente na LI, esta acaba se tornando parte de seu dia a dia por meio de palavras como, *recall*, *holding*, *coffee-break*, *self-service*, *fashion*, dentre outras. Diante disso, por meio de leituras, é possível observar que a língua inglesa se tornou uns dos grandes veículos da globalização que aproxima pessoas de diferentes culturas. Sobre esse assunto, Barbosa (2008, p. 8) declara que:

A globalização e seu grande veículo, a língua inglesa, trouxeram à humanidade benesses antes impensáveis, dentre as quais destaco a possibilidade de nos tornarmos menos estranhos uns aos outros, e o conhecimento menos exclusivo. Entretanto, devem-se traçar objetivos que nos permitam tirar melhor proveito desse fenômeno, considerando-se as necessidades específicas.

Logo, é necessário conhecer a língua inglesa para que se possa participar ativamente da globalização, tendo a oportunidade de se relacionar com pessoas de diferentes culturas, obter informações na língua estrangeira e compartilhar conhecimentos. Entretanto, com embasamento nas metáforas integradas ao capitalismo, Bordieu (1991) ressalta como a linguagem que vem a ser legitimada como a língua universal, a língua inglesa, representa um capital simbólico de grande valor. Esse capital cumpre um papel essencial na criação de mercados que de alguma forma restrinjam a produção, consumo e circulação de bens culturais. Apesar do reconhecimento da legitimidade da linguagem padrão ser construído de diversas formas por distintas instituições sociais, o autor destaca que por ser o guardião do que conta como cultura legítima, o mercado educacional representa um dispositivo estratégico para sustentar o capital simbólico da linguagem universalmente padronizada e seus produtos.

Como a língua franca da globalização e, como tal, uma ferramenta para (i)mobilidade, a língua inglesa tornou-se uma mercadoria inestimável dos nossos tempos. Assim, parece natural que seus papéis no mundo contemporâneo e as

pedagogias através das quais é ensinada/aprendida tornem-se arenas de ideologias de linguagem concorrentes (SZUNDY, 2016).

Através dessas arenas, as ideologias dos acadêmicos em relação a essa mercadoria variam de posturas que enfatizam o caráter imperial do inglês e suas ameaças ao multilinguismo (PHILLIPSON, 2001; RAPATAHANA, BUNCE et al., 2012) àquelas cujos focos estão em como a linguagem é criativamente ressignificada à medida que se espalham fronteiras para se tornar uma língua franca entre os falantes de diferentes culturas de língua (JENKINS, 2007; LEFFA, 2002; RAJAGOPALAN, 2004; SEIDLHOFER, 2011), entre outros, é um dos recursos da pesquisa de práticas transidiomáticas (BLOMMAERT, 2013; JACQUEMET, 2005; MOITA LOPES, 2008).

Apesar da crescente pesquisa sobre o inglês como língua franca e práticas transidiomáticas nos campos de estudos de linguagem aplicada, os esforços das *gatekeepings*² para manter as variedades padrão nativas de língua inglesa, principalmente a dos britânicos, como vias de mobilidade acadêmica e profissional permanecem vigorosas nos mercados educacionais (BLOMMAERT, 2013).

Para este autor mencionado, enquanto os editores, as instituições de pesquisas e as universidades podem figurar como os guardiões mais óbvios desses mercados muito lucrativos, processos de recontextualização e descontextualização de discursos, nos quais o inglês é ressignificado como um importante *commodity* para a mobilidade acadêmica, têm sido feitas ideologias de linguagem sobre o que conta como (padrão) inglês mais opaco ou, segundo Bloomaert (2010), como uma língua inglesa mais multifacetada e policêntrica.

A ideia de ideologias de linguagem pode ser conceituada como “crenças ou sentimentos sobre as linguagens usadas em seus mundos sociais” (KROSKRITY, 2004, p. 498) e ainda como “representações, explícitas ou implícitas, que interpretam a intersecção entre linguagem e seres humanos em um mundo social” (WOOLARD, 1998, p. 3) para refletir sobre os significados das fronteiras entextualizadas³. Percebe-se que, a maioria dos cursos de línguas presenciais e os cursos *on-line*, estão a serviço dessa mobilidade se restringirem ao inglês e ao francês, o que indica que

² É um conceito jornalístico para edição.

³ O termo entextualizada refere-se a uma unidade linguística que precisou ser descontextualizada e levada para outro lugar (SILVA, 2014).

essas duas línguas gozam de maior prestígio no mercado científico previsto nessa política de internacionalização, dando ênfase para a língua inglesa.

2.1.4 A importância da língua inglesa na contemporaneidade

A democratização do acesso à língua estrangeira está intrinsecamente ligada ao tema da diversidade cultural que vem adquirindo crescente importância na atualidade. Segundo a pedagoga Claudia H. Rocha, autora do livro: “Ensinar a aprender uma língua estrangeira”, o ensino de línguas estrangeiras (LE) para crianças, adolescentes, adultos e até idosos está baseado nos princípios da teoria sociocultural (ROCHA; BASSO, 2008), cujo precursor é Vygotsky (1998), e do comunicativismo (ALMEIDA FILHO, 2005), voltados para o ensino de línguas (inglês-espanhol) para crianças, jovens e adultos (CAMERON, 2001; BREWSTER, ELLIS & GIRARD, 2002).

Independentemente de reconhecer o quão fundamental é o aprendizado de uma Língua Estrangeira, considera-se imprescindível assinalar algumas justificativas do porquê de aprender e/ou ensinar a Língua Inglesa:

O caso típico é o papel que o Inglês representa em função do poder e da influência da economia norte-americana. Essa influência cresceu ao longo deste século, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, e atingiu seu apogeu na chamada sociedade globalizada e de alto nível tecnológico, em que alguns indivíduos vivem neste final de século. O Inglês, hoje, é a língua mais usada no mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades (BRASIL, 1999, p. 23).

Analisando o uso do inglês como uma ferramenta para a formação da criança e do adolescente, como cidadãos, a língua inglesa pode promover a autoestima, para que a criança, nas séries iniciais, e o adolescente nas séries finais do Ensino Fundamental valorize o que produz individualmente ou no grupo, favorecendo a convivência, considerando a igualdade e a identidade para que aprenda: a conhecer, a fazer, a ser e a conviver dentro de seu idioma ou em qualquer outro, sendo estes os quatro pilares da educação com base no relatório para a Unesco.

Assim, o papel que a língua inglesa desempenha nas séries iniciais e finais está em auxiliar as relações sociais e culturais da criança e do adolescente, possibilitando, através do aspecto cultural que possui, um desenvolvimento intelectual mais sólido, de forma a desenvolver as potencialidades individuais e, ao mesmo tempo, o trabalho

coletivo. Isso implica no estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação à sua própria capacidade, assim o aluno pode perceber que através do seu trabalho e do seu esforço pode transformar e intervir no meio onde vive e que a escola é um dos caminhos para que isso aconteça, assim como o trabalho (TELES, 2002).

Assim, é fundamental que se considere os interesses e as motivações dos alunos e que se garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participantes, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem, utilizando sua própria língua ou outra, e sendo capazes de se comunicar e atuar como cidadãos, formando assim sua própria história.

Por conseguinte, aprender inglês não é mais uma questão de necessidade, mas sim um direito que não pode ser negado a nenhum aluno, pois quando se aprende uma língua estrangeira durante o período estudantil, valoriza-se, acima de tudo, as competências e habilidades que se desenvolve ao longo de sua vida (MACEDO, 2011).

Friedrich (2000) traz como contribuição ao estudo a sua percepção da importância do inglês como uma língua para comunicação internacional, ressaltando não só o papel do inglês no Brasil, mas o papel dos aprendizes da língua em suas expectativas de tempo e energia a serem consumidos na aprendizagem da língua. A autora ressalta, ainda, a importância de se criar um currículo que abranja não apenas as características formais da língua, mas também os elementos atitudinais que são trazidos para a sala de aula.

O inglês está em toda parte. Milhões de pessoas em todo o mundo fazem uso do seu básico diariamente. Outros milhões estão dispostos a aprender. Kachru (1992a, p. 67) chama a atenção para a "posição internacional única do Inglês que é certamente incomparável na história do mundo". Ele prossegue explicando que "pela primeira vez uma linguagem natural alcançou o status de uma língua internacional (universal), essencialmente para a comunicação".

Dado o *status* do inglês como idioma internacional, é impossível contabilizá-lo ou descrevê-lo como apenas uma língua. Se adotarmos uma visão do inglês como linguagem onde a mudança, a variação e a multiplicidade são frequentemente abordadas e reconhecidas, entramos no domínio dos ingleses do mundo (FRIEDRICH, 2000).

Adotando uma perspectiva mundial para a disseminação do inglês, Kachru (1992a) explica como os países onde o inglês é usado podem ser agrupados de acordo com o tipo de propagação e função atribuída à linguagem.

Nos países do Círculo Interior, o inglês é usado nativamente. Os países do Círculo Exterior são aqueles em que o inglês é usado como oficial ou como uma das línguas oficiais, enquanto os países do Círculo de Expansão são aqueles em que o inglês é usado como língua. Pode-se dizer também que o Círculo Interior gera regras que servem de modelo para o Círculo de Expansão, enquanto que no Círculo Externo, a nativização do Inglês faz gerar normas locais possíveis (FRIEDRICH, 2000). Os brasileiros fazem parte do grande corpo de aprendizes e usuários de inglês no Círculo de Expansão. No entanto, não tem sido feita muita pesquisa mundial do inglês no país, tanto quanto em relação às atitudes e percepções da língua-alvo. O uso do inglês no Brasil como meio de comunicação internacional tem sido pouco investigado (BARBARA et al., 2006; SCHLEPPEGRALL; ROYSTER, 2000; FRIEDRICH, 2000).

Enquanto os aprendizes brasileiros têm perfilado no que diz respeito às suas necessidades acadêmicas e à sua relação com o meio ambiente (COUTO, 2002), as atitudes dos brasileiros em relação ao inglês não foram completamente analisadas. Um dos poucos exemplos de trabalho realizado em atitudes linguísticas no Brasil é o de Busnardo e Braga (1984).

Eles descrevem algumas das questões relacionadas ao ensino de inglês no ambiente brasileiro. Uma de suas principais preocupações é a necessidade para repensar a pedagogia da linguagem no Brasil, para que ela aborde questões de poder e status. Suas preocupações são ecoadas por estudos em outros países do Círculo de Expansão, que também demonstram que a escolha do inglês é geralmente associada ao *status* e à modernidade e até mesmo à mobilidade social. Além disso, atitudes positivas têm sido apontadas como um dos aspectos, se não um dos determinantes da disseminação do inglês em todo o mundo (FRIEDRICH, 2000).

Fishman e Rubal-Lopez (1992, p. 310) explicam que “a propagação de uma linguagem pode ser examinada não apenas medindo a extensão de seu uso, mas também estudando as atitudes das pessoas em relação a esse uso”. Cooper (1982, p. 6) argumenta que: “quando nos referimos a como a língua se espalhou, então estamos nos referindo à disseminação de comportamentos”. Lewis (1982, p. 215) afirma que as atitudes linguísticas fazem parte de uma categoria de fatores que promovem a mudança social e contribuem para a disseminação da linguagem.

Portanto, só depois que os educadores e gestores políticos estão conscientes das atitudes linguísticas é que podem auxiliar as necessidades dos alunos e lidar com a realidade de sentimentos contraditórios que uma linguagem como o inglês provoca.

O estudo das atitudes é uma parte essencial de uma abordagem mundial do inglês para o uso da linguagem. Para entender a necessidade do ensino de inglês no Brasil (assim como em qualquer outro), é necessário olhar para a língua não só como é usada para comunicação internacional, mas também em seu *status* e percepções de seu poder (MACEDO, 2011).

Também é Kachru (1992b, p. 396) que aponta para essa relação entre a linguagem e a noção de poder e atitude. O que atrai um número crescente de pessoas nas partes remotas do mundo para o estudo do Inglês é a atitude social em relação à língua. Os brasileiros não são exceção.

Ensinar a língua inglesa é construir um caminho comunicativo para que o indivíduo seja capaz de transmitir e assimilar o conhecimento da sociedade e do mundo em que vive, de modo que a língua inglesa venha encaminhá-lo para a construção de seu próprio conhecimento, fortalecendo-o com uma visão crítica para que possa integrar-se à sociedade como agente transformador e construtor de uma nova mentalidade.

2.1.5 A língua inglesa em sala de aula

Quando se fala da LI em sala de aula, vê-se que a discussão sobre o uso dessa língua tem grande relevância, tendo em vista que, em muitos casos, a LI é utilizada em vocabulários relacionado às outras disciplinas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 2001), a maioria das propostas educativas no ensino de línguas já oferece uma abordagem comunicativa, mas as atividades, em geral, ainda exploram a estrutura gramatical fora de qualquer contexto. Ou seja, a gramática é vista como algo desvinculado das situações de contato interpessoal e dos textos disponíveis na vida real (livros, revistas, *internet*, canções). O estudo de forma contextualizada é o melhor caminho porque oferece novas informações e ideias, revela elementos da cultura e amplia o vocabulário dos alunos de acordo com a sua realidade vivenciada. Em outras palavras, a educação ideal deve estar inserida no mundo real.

Faz-se necessário, portanto, observar a importância da língua inglesa na concepção cognitiva do educando (MACEDO, 2011). Com base no pesquisador Schütz (2003), por razões de ordem biológica e psicológica, quanto mais cedo o indivíduo tiver contato com a língua inglesa, melhor se torna o ritmo de assimilação da suposta língua. Brown (2001) também informa que a linguagem é desenvolvida com mais eficácia durante a infância.

Alguns autores creem que o Brasil colocou muita ênfase no ensino da compreensão de leitura por um intervalo longo de tempo. Somente na atualidade tem-se encontrado materiais – *coursebooks* – (livros ou manuais didáticos) que dão alguma atenção ao falar (*speaking*), por exemplo, ouvir – *listening* – ainda é uma habilidade muito limitada nesses manuais (BRITISH COUNCIL, 2014).

Essa tendência provavelmente tem a ver com a importância que foi dada ao Inglês para fins específicos na década de 1970 e 1980, que foi baseado mais exclusivamente na habilidade de leitura, embora atualmente alguns autores afirmem que o Inglês para fins específicos nunca foi concebido para concentrar inteiramente em leitura (MADUREIRA, 2016).

Para alguns, a ênfase na leitura é mais realista (ou é pensada para ser) para o contexto brasileiro, em que há falta de professores suficientemente fluentes para promover o ensino da linguagem oral. No entanto, esta é uma situação agravante, porque o modo oral parece prevalecer sobre a leitura e a escrita, algo que é muito fácil de se perceber, como o linguista David Crystal argumenta convincentemente, dizendo que passamos a maior parte do tempo falando e ouvindo, em vez de ler ou escrever. Naturalmente, não há dúvidas de que a leitura é de suma importância, mas os alunos provavelmente se sentem frustrados por não poderem ouvir uma música ou assistir a um filme sem legendas, por exemplo (apud MADUREIRA, 2016).

No desenvolvimento da linguagem, a escrita e a leitura vieram depois do desenvolvimento da capacidade humana de falar e escutar, portanto, essas duas habilidades devem ser de grande importância para motivar os alunos a aprenderem uma nova língua. Em outras palavras: a melhor parte de conhecer outro idioma é falar, tanto que a primeira coisa que perguntamos a alguém é “Você fala inglês?”, e não “Você pode ler / escrever em inglês?” A fluência provavelmente está associada a falar primeiro.

Existem outras dificuldades a serem levadas em conta quando se trata de ensinar inglês, especialmente se tratando de escolas públicas, como as seguintes: o

número de classes, o número de estudantes, a falta de material adequado, conversas paralelas em sala de aula, a falta de motivação (BAGNO, 2007).

Em relação ao número de classes, pode-se afirmar que, naturalmente, nas escolas privadas de língua inglesa existem apenas duas aulas de 50 minutos por semana (o mesmo número em escolas públicas), mas isso é menos que suficiente em grandes salas de aula, que variam em tamanho (de 35 a 40 alunos). No que se refere ao número de estudantes, sabe-se que, em cursos particulares, é muito fácil para o professor trabalhar a pronúncia. Imagine professores tentando conseguir que 35 ou 40 alunos repitam depois dele, para desenvolver habilidades de pronúncia. Dispensável será dizer que, em uma classe tão grande, há sempre o problema onipresente de indisciplina, que rouba tempo de ensino precioso. (MADUREIRA, 2016)

No tocante à falta de material, os livros publicados no Brasil, destinados ao “Ensino Médio”, percorreram um longo caminho e mostraram um desenvolvimento considerável, quando comparados ao passado, quando a ênfase era principalmente na gramática e na leitura. A leitura costumava afastar-se de uma certa estrutura gramatical, contextualizada em passagens de leitura. Mesmo hoje em dia, no entanto, a leitura e a estrutura gramatical ainda ocupam a maior parte do espaço do livro didático para as escolas públicas brasileiras, permitindo quase nenhum tempo para a prática de conversação e audição (BRITISH COUNCIL, 2014).

Quanto a conversas paralelas, pode ser desconcertante para os professores explanarem o assunto com 40 alunos em sala de aula falando ao mesmo tempo. Levaria bastante tempo para pedir a cada um ou mesmo que se trabalhasse em dupla (20 duplas) que dessem *feedback* ao resto da turma. Quanto à escuta, muitos estudantes esperam que este material seja gravado em inglês nativo. É claro que alguém pode argumentar que, do ponto de vista puramente linguístico, isso não é tão importante (para alguns, não particularmente importante), mas não se pode ignorar as razões pelas quais os estudantes querem aprender inglês: usá-lo e praticá-lo ouvindo música ou assistindo a filmes, por exemplo, e em ambos os casos é o inglês nativo que conta (MADUREIRA, 2016).

Não há dúvida de que os estudantes precisam entrar em contato com outras vertentes do inglês. O idioma nativo deveria ser o ponto de partida, ao passo que incluir outras variedades seria uma vantagem interessante. Uma língua é associada a um país e aos valores que representa, quer gostemos deles ou não. Seria

linguisticamente perverso fazer com que os alunos desaprovassem o inglês falado nos Estados Unidos, porque é “a língua universal”.

Em relação à falta de motivação, como o inglês não é amplamente utilizado no Brasil, os alunos não têm oportunidades de interação real e significativa fora da sala de aula (mesmo a interação em sala de aula é artificial no todo); o que é ainda pior, quando os alunos tentam usar o inglês com os amigos para praticá-lo, isso pode ser visto como exibição, e muitos são desencorajados de usar o inglês quando saem da sala de aula (MADUREIRA, 2016).

Enquanto isso, sem dúvida, é válido para fins interativos imediatos, o que não é suficiente para contar como experiência bilíngue real. Considerando-se a distância dos brasileiros de países de língua inglesa e as dificuldades que essa distância traz para os alunos, estes podem se sentir longe de possibilidades reais e significativas de interação real da linguagem.

Uma consideração também precisa ser feita aqui em relação ao que tem ocorrido ao longo do tempo; é que a responsabilidade sobre o papel formador das aulas de línguas estrangeiras tem sido tacitamente retirado da escola regular e atribuído aos institutos especializados no ensino de línguas. Assim, quando alguém quer ou tem necessidade, de fato, de aprender uma língua estrangeira, inscreve-se em cursos extracurriculares, pois não se espera que a escola cumpra essa função (FARACO, 2008).

2.1.6 Os processos e ideologias que levaram a inserção do Inglês nos MDLP

Quando se fala sobre o manual didático no Brasil, tem-se que, por muito tempo, este foi considerado um instrumento de educação política e ideológica, logo, os professores deveriam escolher os livros por meio de uma lista já pré-determinada, tendo por base essa deliberação legal (VERCEZE; SILVINO, 2008).

Percebe-se, então, que o MD, por algum tempo, foi um produto de coerção que, inúmeras vezes, em vez de trabalhar a criticidade do aluno, alienava-o com apreciações políticas e ideológicas. Atualmente, o MD é encarado como um auxiliador tanto para o professor quanto para o aluno. Sobre isso, alguns autores apontam que:

Surge, assim, a importância do livro didático como instrumento de reflexão dessa situação particular, atendendo à dupla exigência: de um lado, os procedimentos, as informações e os conceitos propostos nos manuais; de outro lado, os procedimentos, as informações e conceitos que devem ser

apropriados à situação didático-pedagógica a que se destinam (VERCEZE; SILVINO, 2008, p. 85).

Embora alguns pontos tenham mudado em relação aos MD e, em especial, aos MDLP, alguns pensamentos tendenciosos ainda permeiam os materiais didáticos. Entende-se que cabe ao professor, enquanto mediador de conhecimento, lidar com essas ideologias em sala de aula, levantar discussões a respeito e diminuir possíveis impactos negativos.

A língua inglesa pode ser aprendida com diferentes propósitos e abordagens, entretanto, poucos conhecem esse fato. O domínio completo da língua inglesa, que requer o desenvolvimento das habilidades de audição, fala, escrita e leitura, é um processo demorado, entre seis e oito anos de estudos e dedicação. Já a leitura, pode-se dominar em um prazo consideravelmente mais curto, entre seis meses e um ano, dependendo do interesse e motivação de cada um (ORLANDI, 2002).

Nos últimos anos, tem predominado no português do Brasil a ocorrência de termos do inglês, pela influência dos Estados Unidos, especialmente na economia, na moda, na música, na informática ou no cinema. Isso tem provocado muita polêmica entre os puristas e/ou estudiosos da gramática e da língua portuguesa.

Nesse âmbito, o jornalista Eduardo Martins (2000, p. 20, grifos do autor) afirma:

O que mais faz falta em toda a discussão a respeito da “invasão da língua inglesa” é um produto raro também em outros setores do país: bom senso [...] Se a palavra é necessária e não tem equivalente em português, seja bem-vinda! Eu não trocaria *marketing*, por exemplo, por mercadologia. Mas mercadológico pegou. [...] Não se pode aceitar argumentos como o de que o uso de *sale* dá mais charme à liquidação. Ou que *40% off* representam maior apelo para o cliente de uma loja. Aí reside o deslumbramento.

Na vida em sociedade, os falantes se veem envolvidos em diversas circunstâncias de comunicação. Essa diversidade possibilita a criação de palavras para designar inovações científicas, culturais, novas vivências do mundo moderno bem como para atender às necessidades criadas pelas novas tecnologias de informação e pela informática. Muitas palavras são formadas pela adaptação de estrangeirismos – utilização de palavras e expressões de diferentes línguas –, como deletar, internauta, informatizar, surfar, moleton, roqueiro etc.

Os termos estrangeiros têm se manifestado em várias situações comunicativas. Em uma crônica intitulada “Língua estrangeira”, o escritor Ivan Ângelo afirma que:

O nosso dia a dia é bilíngue, mas em *flashes*. Controles remotos sinalizam *up*, *down*, *search*, *stop*, *power*. Vitruvianas proclamam *off*, *sale*. Esportes da

moda são *surf, trail, skydiving, bungee jumping*. O computador populariza *chat, blog, mouse, download*. Não dá para contornar *rock, reggae, rap, hip hop, funk*. É isso aí, *brother* [...] (ÂNGELO, 2005, p. 138, grifos do autor).

Muitas vezes, os estrangeirismos são, não raras vezes, objeto de debate dos mais puristas da língua que condenam o seu uso, pois consideram que podem prejudicar a identidade linguística do país. Alguns autores asseveram que o uso de estrangeirismos, neologismos e linguagens criadas por grupos específicos, como internautas, por exemplo, é prejudicial à boa comunicação entre as pessoas (BAGNO, 2013; CASTILHO, 2012; CITELLI, 2004).

Entretanto, outros autores observam que a língua é um sistema em permanente transformação, pois consideram que não há como impedir o uso de neologismos⁴ e de estrangeirismos (DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2010; FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012). Como afirma o gramático Evanildo Bechara, “a língua é um fenômeno histórico e social [...] e acompanha a história do homem que a fala e, por isso, está sujeita a todas às influências” (BECHARA, 2009, p. 20).

Tanto os estrangeirismos como os neologismos do passado, por exemplo, abajur, xampu, futebol, foram assimiladas e assumiram a forma vernácula (COLL et al., 1998). Novos termos vão surgir e têm surgido, todos os anos, e outros vão se tornando arcaísmos⁵ ou vão simplesmente desaparecer. Isso não significa ameaça à língua portuguesa, pois esta foi sempre a dinâmica de uma língua viva.

É necessário, entretanto, ressaltar que há uma variedade padrão da língua que segue determinadas normas, como forma de preservação, de identidade, de garantia de comunicabilidade, especificamente em momentos mais formais, na Ciência, em alguns meios de comunicação etc.

2.1.6.1 O porquê da presença dos vocábulos de língua inglesa nos manuais didáticos de língua portuguesa

Com as facilidades de comunicação entre os povos e com a globalização, intensificam-se a “importação” e a incorporação em uma língua de palavras, expressões e construções tomadas de outras línguas. Assim, é comum encontrar

⁴ Criação de palavras para fazer referência às inovações e ao desenvolvimento tecnológico e científico.

⁵ É o uso lexical ou gramatical de uma palavra ou expressão antiga, que já caiu em desuso.

estrangeirismos e empréstimos nos MDLP. Por exemplo, as palavras *Recycle* e *Recycle Bank* são empréstimos linguísticos visto que se transformaram em Recicle e Recicle Banco, Banco de Reciclagem.

Um dos maiores motivos para a presença dos vocábulos de língua inglesa nos manuais didáticos de língua portuguesa trata-se do fato da língua estar em constante processo de transformação: palavras deixam de ser usadas, passam a ter novos sentidos, são criadas a partir de outras, ou de parte de outras (SCHNEUWLY, 2010).

Esse processo de criação e recriação de palavras sempre acontece em qualquer idioma. Por exemplo, a palavra *ciborgue* é uma forma aportuguesada do inglês *cyborg*, palavra que nomeia um ser biônico, isto é, um ser que tem funções reguladas, por meio eletrônico. O elemento *cyber* – que compõe a palavra *ciborgue*, deu origem a muitas palavras que entraram na língua portuguesa por volta da segunda metade do século XX, por exemplo, *cibernética*, assim como *ciberespaço*⁶, *ciberpirata*⁷, *cibernauta*⁸, *cibercafé*⁹, *robótico*¹⁰. O empréstimo ou estrangeirismo ocorre quando uma palavra de outra língua passa a fazer parte da língua portuguesa, com adaptação da pronúncia e da grafia ou não.

Ao longo das últimas décadas, pesquisas que analisam o livro didático têm crescido, configurando-se como uma das preocupações da linguística aplicada, como destaca Buzzen (2008, p. 2). Nessa direção, o autor ratifica que:

O livro didático de Português (doravante LDP), por exemplo, tem desde a década de 1960, sido utilizado constantemente, como campo de investigação no campo das Ciências da Linguagem (Letras, Linguística, Teoria da Literatura, Comunicação Social, Linguística Aplicada) e algumas áreas da educação.

Ainda segundo Bunzen (2008), as pesquisas apontam que a maioria das análises de livros didáticos de língua portuguesa está direcionada aos livros de Ensino Fundamental I, onde são analisadas as metodologias de ensino dos livros, além de grande parte das análises buscarem também apontar defeitos de editoração. Essas análises, com características avaliativas, surgiram entre as décadas de 1970 e 1980,

⁶ Espaço virtual de comunicações por rede de computação.

⁷ Pirata eletrônico ou *hacker*.

⁸ Navegador (nauta) do espaço virtual.

⁹ Café-bar que aluga o acesso a seus computadores com conexão em geral, com a internet.

¹⁰ Aquilo que tem relação com robôs.

devido ao caos no ensino da língua materna, e o livro de português passou a ser visto como o vilão dessa história.

Diante desse contexto, a pesquisa também tem por objetivo romper com tais estatísticas apresentadas por Bunzen (2008), tendo em vista que os materiais de análise foram livros didáticos de língua portuguesa do 6º. ao 9º. ano do Ensino Fundamental II. A investigação não tencionou encontrar “defeitos”, mas sim analisar a presença de itens do léxico da língua inglesa nesses livros, levando em conta as questões socioculturais, ideologias e historicidades impostas nesses itens. Assim, Bakhtin e Volochinov (apud BUNZEN, 2008, p. 6) mostram que a análise do livro de português como um discurso escrito é parte integrante de uma discussão ideológica que refuta, confirma, antecipa respostas, objeções etc.

2.1.7 Elementos lexicais da língua inglesa no ensino de língua portuguesa e a sociolinguística variacionista

A história da língua inglesa começou em uma pequena ilha no hemisfério Norte, a qual atualmente se sobrepõe a todos os outros idiomas do mundo. O inglês é uma língua basicamente anglo-saxônica, mas apresenta vocábulos de origem celta também. Nota-se, além disso, a grande influência do Latim trazido pelos romanos, que perdurou mesmo após a partida dos conquistadores; mas os povos que fundamentaram a língua inglesa foram os anglos e os saxões. Em 1425, a língua inglesa foi reconhecida de fato como língua oficial pelo parlamento após as características germânicas. O inglês é considerado, atualmente, como uma língua simples, rica e frequente entre os povos de diferentes países (FARACO, 2008). Esse idioma influencia os indivíduos e os aproxima. A importância do aprendizado de um idioma estrangeiro não depende do quão necessitado está, mas também da vontade interior de cada indivíduo.

No Brasil, em muitas atividades diárias, raramente necessita-se expressar fluentemente na língua inglesa. O que é preciso, na maioria das vezes, é ser capaz de ler em inglês, seja para obter informações na internet, compreender literatura técnica especializada ou desempenhar outras funções rotineiras, tais como a leitura de correspondências, traduzir algumas palavras usadas no cotidiano.

A segunda metade do século XX marcou o período em que a língua inglesa passou a exercer influência significativa sobre a língua portuguesa, muito maior do

que a exercida por outros idiomas. As razões dessa ascensão do inglês ao *status* de língua universal foram amplamente debatidas (MATENCIO, 2000).

Dentre estas influências, pode-se destacar os predomínios econômico, político, cultural, técnico e científico das nações de língua inglesa e a evolução tecnológica sem precedentes dos meios de comunicação. Não há dúvida de que, ao longo da história, as línguas vêm sofrendo larga influência de tantos outros idiomas, com inclusão da língua inglesa, de forma mais hegemônica.

Grandes são as contribuições da sociolinguística variacionista para o estudo das línguas em contato. Apesar do fato de Uriel Weinreich, autor do livro de referência *Languages in Contact* (1953), ter sido o mentor de William Labov, “a linguística variacionista não foi aplicada à análise de situações de contato de linguagem até muito mais tarde, um atraso atribuído por Labov à morte prematura de Weinreich” (GORDON, 2006, p. 334).

Esse atraso resultou em décadas daquilo que Nagy e Meyerhoff (2008, p. 7) chamaram de “viés monolíngue em perspectiva quantitativa”. Em 1993, Poplack aplicou o método variacionista à análise de variedades bilíngües¹¹, dando uma contribuição importante para o campo de línguas em contato, revelando a heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) por trás da natureza variável dos dialetos de contato; e, mais importante, forneceu uma ferramenta para o exame sistemático da relação entre o contato da linguagem e a mudança linguística.

O Brasil tem passado a ideia de ser um país monolíngue, entretanto sabe-se que não há um expressar linguístico totalmente homogêneo, fazendo parte do comportamento dos falantes o uso de termos de empréstimos linguísticos na comunicação. Termos estes, que se toma emprestado de outras línguas, chamado de estrangeirismo (GHELLER; BORSTEL, 2010).

Para as autoras mencionadas, “o termo empréstimo traz, ainda, várias conceituações e interpretações e, muitas vezes, há criações de novos termos. Mas esses não são resultados, nem de interferência nem de empréstimo, podendo ocorrer

¹¹ No entanto, importantes tratamentos quantitativos de variedades bilíngües, foram realizados anteriormente, incluindo, entre muitos outros, Mougéon e Beniak (1991), Poplack (1988), Rickford (1980) e Sankoff (1980).

mistura de língua” (GHELLER; BORSTEL, 2010, p. 4) especialmente devido ao contato como mostrado na sociolinguística variacionista.

Percebe-se por diversas vezes, a determinação de alguns termos em inglês, uma vez que todas estas palavras, tanto os empréstimos linguísticos quanto os estrangeirismos são novidades introduzidas e nomeadas, sem traduções nem adaptações, como já foram relacionadas algumas palavras como *internet, blog, chat, chip, software, hardware*, entre tantos outros termos que remetem à tecnologia, dentre outros. A adoção de um termo estrangeiro pode ser um ato de cultura e *status*, mas geralmente é gerada por uma necessidade prática ou até por uma realidade de multiculturas e de bidialectalismo existente no Brasil.

Com embasamento teórico na vertente Sociolinguística Variacionista, procura-se analisar os empréstimos lexicais da língua inglesa para a portuguesa. Para tanto, aborda-se, ligeiramente, as situações referentes ao contato linguístico e suas decorrências, atribuindo evidência aos empréstimos no âmbito lexical (MOLINA, 2010).

A ampliação do vocabulário da língua por meio da entrada de vocábulos estrangeiros não é um fenômeno recente. Como herança da invasão moura na península ibérica, ocorrida ainda na Idade Média, ficaram no português, palavras de origem árabe, como açougue, azeite, álcool, álgebra, algodão.

Como resultado do contato entre portugueses e indígenas no período colonial, foram incorporadas na língua dezenas de termos em tupi que designam elementos da fauna, da flora e da geografia brasileiras, como arara, jaguatirica, abacaxi, caboclo, carioca.

Como marca do prestígio cultural da França nos séculos XVIII e XIX, restaram-nos termos como abajur, sutiã, butique, garagem, chalé, toailete. Contemporaneamente, a hegemonia dos Estados Unidos na política e nos campos da economia, da cultura de massa e da tecnologia tem trazido inúmeras palavras em inglês para o nosso dia a dia. Por exemplo, *show, shopping, site, web* (SILVA, 2011).

A maioria das palavras de nossa língua se formou e continua se formando a partir de radicais gregos e latinos (e também de outras línguas, como o tupi e línguas africanas), com o acréscimo de prefixos e sufixos. Mas há palavras que se originam por outros processos (onomatopeias, abreviações e siglas) ou se incorporam à língua

viva de outras maneiras (como os empréstimos e os neologismos) em um processo permanente de renovação através do contato.

Qualquer que seja a língua usada por um determinado grupo de falantes, ela é sujeita a passar por modificações e variações linguísticas, visto que a língua não é cristalizada, pois está passível de ser influenciada por idiomas diversos. Em decorrência do contato linguístico, há a possibilidade de uma língua influenciar a outra. E devido a esse contato pode-se resultar no bilinguismo ou multilinguismo, modificações linguísticas como a sintática bem como a fonológica e morfológica, e ainda, os empréstimos lexicais e etc. (MARIAN; BLUMENFELD; KAUSHANSKAYA, 2007).

Esses empréstimos decorrem da mais comum interação linguística, visto que não demanda uma intensidade maior no que se refere ao contato entre determinadas línguas. Desse modo, há a possibilidade de ocorrer os empréstimos lexicais por razões distintas, como a imprescindibilidade de um termo que indique alguma coisa nova incluída na cultura que recebe esse novo vocábulo ou, também, por uma simples relação de influência em que o empréstimo de uma língua em relação a uma outra ocorre ainda que haja o termo que corresponda à língua de destino. Pesquisas atuais indicam que a língua inglesa influencia sobremaneira as mais distintas línguas, de todos os países.

Bagno (2013) trata no terceiro capítulo do seu livro *Sete erros aos quatro ventos*, especialmente da teoria sociolinguística, abordando ainda, a sociologia da linguagem em que observa, tanto as noções de norma culta, que é a norma padrão quanto o *continuum* dialetal, por exemplo. Relata o autor que essas noções são de forma intrínsecas, questões ideológicas, uma vez que existe um intrincado jogo de relações não igualitárias entre língua e sociedade, pois, embora as variedades linguísticas se assemelhem funcionalmente, elas têm valores sociais distintos.

Para uma ampla compreensão da incorporação de palavras de uma língua para outra, recomenda-se, a princípio, uma visão ampliada acerca da área da linguística destinada, também, a estudos do contato linguístico, que se trata da Sociolinguística Variacionista. Posteriormente, demonstram-se as ocorrências em que sucede o contato entre línguas diversas e as implicações concernentes a esse contato com a finalidade de dar um contexto aos empréstimos linguísticos no âmbito lexical. Ambiciona-se, dessa forma, possibilitar o entendimento das circunstâncias de

interação entre falantes de distintas línguas e suas decorrências, dando ênfase, também, aos empréstimos lexicais (HIGA, 1973).

Além disso, as análises variacionistas também diferem dos estudos experimentais, enquanto que as últimas podem revelar nuances importantes da produção e percepção linguística dos que almejam falar/dominar outra língua além da materna. Elas podem produzir resultados que não são representativos da produção de linguagem em contextos comuns, pois dependem de tarefas de manipulação não tão familiares para a maioria dos falantes (NAGY, 2015; POPLACK; LEVEY, 2010). Desse modo, ocorre a inclusão de novas palavras advindas por empréstimos, estrangeirismos que ocorrem naturalmente na tentativa de capturar a produção oral espontânea característica das práticas linguísticas na comunidade da fala.

De fato, a avaliação das mudanças linguísticas – que implica a capacidade de estudar a incorporação gradual de uma inovação linguística na gramática de uma comunidade – é indiscutivelmente uma grande contribuição da análise variacionista para a linguística em geral e para as línguas em contato em particular. Em conversas informais em grupo com outros bilíngues, bilíngües equilibrados normalmente relaxam suas barreiras linguísticas e produzem uma infinidade de características de contato, como empréstimos lexicais e construções híbridas fonéticas, morfológicas e sintáticas (CARVALHO, 2016).

Labov (1972) demonstrou que o comportamento linguístico de um indivíduo pode ser efêmero e idiossincrático¹². Portanto, a questão que enfrenta os variantes que examinam as características de contato são suficientemente difundidas nos repertórios individuais e comunitários que deslocam outras estruturas na língua hospedeira e, conseqüentemente, tornam-se parte da gramática comunitária que será transmitida para a próxima geração.

Em relação à Sociolinguística Variacionista, ela dá contribuições para a assimilação das circunstâncias de contato linguístico. Quando se refere à Sociolinguística, é preciso compreender que língua alguma permanece em isolamento, visto que não se pode pesquisá-la como alguma coisa estagnada e intacta (HIGA, 1973). Uma língua está sujeita a passar por distintas variações de naturezas diversas. Essas variações podem ser diacrônicas ou sincrônicas. A primeira variação se refere às mudanças que acontecem devido ao tempo. Já a sincrônica trata-se da

¹² Característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa.

variação social, regional ou estilística de cada sujeito ou cada grupo de falantes. Essas modificações e variações sobrevivem pelo caráter contínuo de convívio entre os falantes de línguas iguais ou distintas. Nas circunstâncias em que ocorre o contato linguístico, por conseguinte, há a influência mútua de comunidades linguísticas em que seus membros se encontram interagindo com membros de comunidade distinta (MOLINA, 2010).

Como exemplos de variação diacrônica, podemos citar: “dir-se-ia”, “dar-lhe-ei” e “far-se-á”, pois antigamente eram de uso comum e cotidiano. Hoje, podemos dizer que essas formas praticamente caíram em desuso sendo substituídas por seus equivalentes “lhe diria”, “lhe darei” e “se fará”, muito utilizados atualmente na oralidade, existindo apenas em raros textos escritos e na tradição literária. O mesmo ocorre com o pronome de tratamento “Vossa Mercê”, que, durante décadas, sofreu várias transformações: Vossa Mercê > Vossemecê > Vosmecê > Vancê > Você > ocê > cê (vc, forma mais usada em redes sociais/internet). Já em relação a exemplos de variação sincrônica, que são simultâneas, observáveis em um mesmo plano temporal, tem-se: “piá”, termo comumente usado no Rio Grande do Sul para referir-se à palavra “garoto”, que é usada em outras regiões do país; “taperebá”, no norte do país, mais precisamente em Roraima, refere-se a uma fruta nomeada de Cajá em outros estados. Além de ocorrer devido a fatores geográficos, as variações sincrônicas podem ocorrer tanto por fatores estilísticos, onde cada indivíduo constrói sua comunicação para se adequar à situação da fala, e quanto por fatores socioculturais, pois classes sociais distintas apresentam formas diferentes de comunicação.

Segundo afirma Sankoff (2001, p. 640), “o contato linguístico é sempre um produto histórico de forças sociais”. Conforme essa ótica sócio-histórica do contato que há entre diferenciadas comunidades linguísticas, verifica-se que, conforme algumas bases históricas, esses contatos acontecem, na maioria das vezes, sob situações relacionadas à desigualdade social que resulta de guerras, escravidão, conquistas, colonização e migração – podendo ser a força ou não. Nesse âmbito apresentado,

Contatos naturais que envolvem tanto a urbanização quanto o comércio como motivos para que ocorra o contato, igualmente são, expressivamente, documentados, incluindo as circunstâncias de respectiva igualdade entre as comunidades (SANKOFF, 2001, p. 641).

Quando se trata da conquista e imigração, as comunidades linguísticas que representam a minoria “sofrem a imposição da língua da comunidade linguística que possui um grupo político dominante” (RANKA, 2010, p. 2). Desde o final do século XX até a contemporaneidade, observa-se que há, ainda, uma fonte inovadora de interação entre falantes de distintas línguas: a globalização. Essa questão de o mundo encontrar-se interligado pelas mídias virtuais, através da internet, possibilita uma troca cultural imensa e uma ampla aproximação entre os países (RANKA, 2010). Por consequência, devido ao advento da internet, dos canais de televisão internacionais e, também, pelo fácil acesso ao exterior por meio de viagens, existe um crescimento substancial da influência mútua de falantes de línguas diferenciadas, originando, portanto, o contato linguístico e exacerbando as suas decorrências (SANKOFF, 2001).

Sob outro olhar, percebe-se que há uma discriminação sobre os que não dominam os recursos linguísticos, que são bastante valorizados por outros que os dominam. Por outro lado, a mobilidade sem precedentes no fluxo de pessoas e textos experimentados no mundo contemporâneo introduzem mais desafios neste processo de *gatekeeping* e contribui para mudar as estratégias através das quais é exercitado (BLOOMAERT, 2010).

Do ponto de vista da sociolinguística da globalização, os recursos linguísticos são transformados e propensos a avaliações à medida que as pessoas atravessam as fronteiras físicas e virtuais, constituindo um meio de grande perturbação nos esforços de manutenção dos mercados linguísticos unificados tradicionalmente definidos dentro das fronteiras nacionais (BLOOMAERT, 2005).

É perceptível que há o predomínio ou, até mesmo, uma grande influência de uma língua que está sobrepujando a outra, o que se relaciona de forma direta ao poderio político e, também, econômico da comunidade linguística que está em proeminência em relação à outra. Conforme relata Sankoff (2001), a influência que uma língua possui análoga à outra tem relação diretamente proporcional ao poderio econômico da comunidade que a tem como língua materna, e ainda, a força político-cultural que essa população configura no panorama mundial.

Baseando-se no escopo da Sociolinguística Variacionista, apresenta-se como finalidade, portanto, a exposição de palavras de língua inglesa “emprestadas” ao português e já inseridas no livro didático de língua portuguesa.

Um dos fatores que contribui para a ampliação do léxico são os empréstimos linguísticos ou estrangeirismos. Esse uso de palavras de língua estrangeira, aos

poucos, passa a fazer parte da comunicação entre os usuários da língua portuguesa, sendo aportuguesadas na pronúncia ou na escrita, como *surfe*, *karaokê*, *videokê*, *hambúrguer*, etc. Atualmente, a adoção de grande número de estrangeirismos está relacionada à importação de tecnologia: *deletar*, *escanear*, *becape*, *internet*, *internauta*, etc.

Os empréstimos surgem do contato com outras culturas e de novas práticas sociais, por exemplo, a palavra *jeans*, bastante utilizada para designar um determinado tipo de calça, largamente usada no Brasil e nos Estados Unidos. A partir do empréstimo da palavra *blog* (página pessoal da internet), por exemplo, foi criada a palavra *blogueiro*, que designa a pessoa que tem *blog*, e surgiu a partir do empréstimo da palavra *blog* e do sufixo – eiro.

As palavras que entram na língua na condição de estrangeirismos são geralmente originárias de polos irradiadores de cultura ou designam conceitos, produtos e espécies próprios de determinado povo. É comum os estrangeirismos se aportuguesarem depois que se tornam palavras estáveis na língua. Para exemplificar, tem-se a palavra *layout*, que já ganhou a forma aportuguesada *leiaute*.

Desse modo, verifica-se que o inglês tem adquirido um *status* de linguagem internacional e muitos indivíduos querem aprender a língua inglesa para expandir a sua *network* (rede de relacionamentos) e ainda por terem um desejo de pertencerem a uma sociedade global onde o inglês é uma língua de comunicação mais ampla. Além disso, a aprendizagem da língua inglesa é justificada pela multiplicidade de reações a questões de identidade linguística, poder e *status* (FRIEDRICH, 2000).

Para Hall (2006), em relação à questão identitária, o descentramento dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Esses processos de mudança tomados em conjunto representam um processo de transformação e nos leva a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.

Ao juntar as peças fornecidas pelas comunidades espalhadas por todo o lado do planeta, podemos nos aproximar um pouco mais da resolução do quebra-cabeça. Para entender o uso do inglês no Brasil e, de fato, em todo o mundo, os pesquisadores precisam examinar os alunos e as atitudes dos usuários em relação ao idioma (BLOOMAERT, 2010).

Para Yong e Campbell (2005), o desejo de aprender inglês para obter um emprego melhor ou uma promoção indica que o inglês funciona como um meio de

ascensão social. Isto implica também que no Brasil existe uma atitude social em relação ao inglês que atrai as pessoas a aprenderem a língua. Essa atitude social equivale a conhecer o inglês para ser mais bem sucedido materialmente.

Finalmente, de acordo com Friedrich (2000), aprender inglês é uma parte importante da rotina desses aprendizes e um requisito necessário para que suas metas de carreira sejam alcançadas, mas só será possível aprender inglês se esses alunos forem capazes de estabelecer metas mais realistas de aprendizagem.

Em conclusão, os estudos de atitude contribuem significativamente para uma compreensão da importância do fenômeno sociolinguística, porque eles alertam para o fato de que quando alguém aprende a linguagem, estão lidando com mais do que um conjunto de características formais; estão lidando com sentimentos, estereótipos, expectativas e preconceitos.

2.1.8 A aprendizagem da Língua Inglesa por intermédio de metodologias diversificadas e dinâmicas

Faz-se necessário, aqui, uma reflexão sobre quais metodologias podem ser adotadas para facilitar a aprendizagem da língua inglesa. Esta tem se tornado um idioma cada vez mais inserido no cotidiano das pessoas através da música, da publicidade, da internet, dos manuais de produtos adquiridos de outro país, entre outros. Portanto, é preciso ir em busca do conhecimento, fala e entendimento, pelo menos do 'básico', desse idioma. Assim, é necessário despertar esse aspecto através das leituras prévias, das discussões e reflexões em sala de aula.

Justifica-se este estudo visto que se necessita de uma implementação de metodologias diversificadas em sala de aula, com o objetivo de despertar nos alunos a importância do inglês na vida de cada um e sua frequência no dia a dia dos indivíduos. E essa ideia deve ser trabalhada o mais cedo possível no cotidiano das crianças e adolescentes, já que hoje eles têm o contato com o mundo moderno cada vez mais rápido, por exemplo, ao entrar em uma sala de bate papo na internet, ao ouvir músicas ou ir ao cinema, ao fazer compras em um *shopping*, entre outros aspectos.

Por isso, a ideia principal é justamente desenvolver nos indivíduos o desejo de se relacionar com a língua inglesa de uma forma dinâmica, encarando o idioma como algo que está inserido no cotidiano de todos e que por isso é possível estar sempre

convivendo e aprendendo com as experiências diárias, uma vez que é importante a aprendizagem em língua inglesa através de metodologias diversificadas, bem como é necessário e relevante tornar os alunos leitores e escritores proficientes em língua inglesa. É preciso, portanto, propiciar ao aluno condições para que ele possa aprender, praticar e se expressar em uma língua estrangeira, desenvolvendo e estimulando atividades e metodologias diversificadas que promovam a vivência da língua inglesa dentro e fora de sala de aula.

São desafiadores e, ao mesmo tempo, estimulantes para a educação os avanços que situam o ensino da língua estrangeira. Tratando-se do inglês, os desafios são perceptíveis, uma vez que é inegável seu valor instrumental para o acesso aos avanços tecnocientíficos contemporâneos. E devido a esses fatores, aprender a língua inglesa na atualidade é tão importante como aprender uma profissão.

Esse idioma tornou-se tão necessário na contemporaneidade que, para o indivíduo conseguir aprimorar-se em qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física, informática, entre outros, precisa saber falar inglês. Assim, é imprescindível a sua aprendizagem proficiente na escola, que é onde o indivíduo tem as primeiras noções básicas desse idioma.

Por mais paradoxal que pareça, certos dados acerca da situação que se encontra o ensino de língua inglesa nas instituições oficiais do ensino fundamental evidenciam sua inadequação, pois os alunos não sabem português, quiçá, o inglês, uma segunda língua, portanto urge-se o uso de metodologias diversificadas para dinamizar a aprendizagem da língua e o estudo da mesma.

A prática dessa disciplina tem sido feita de forma mecânica e tradicional. Aulas monótonas e repetitivas fora dos contextos reais dos alunos, além da completa desmotivação por parte de docentes e discentes, e a tentativa, enfim, do ensino de assuntos irrelevantes à formação educacional dos alunos, comprometem a aquisição satisfatória dos conteúdos da disciplina.

Essas questões acabaram por nortear a escolha deste tema para ser aplicado neste estudo, pois, na execução deste, será mostrado como é possível tornar as aulas de inglês algo prazeroso para os alunos, trabalhando conteúdos através de metodologias diferenciadas que serão intertextualizados com situações reais do cotidiano dos alunos e da sociedade de uma forma geral, mostrando a estes como o inglês está inserido no dia a dia e, a partir disso, desenvolver a autoconfiança para que eles acreditem na capacidade de aprender.

Assim, é relevante que haja estratégias para que seja amenizada a resistência por parte das crianças, adolescentes e jovens no que diz respeito à aquisição de um novo idioma, de forma a conscientizá-los que uma língua estrangeira, particularmente, o inglês, dá acesso à ciência e à tecnologia moderna, à comunicação intercultural e ao mundo dos negócios, visto que já a utilizam largamente na contemporaneidade.

2.1.9 Formando leitores proficientes em Língua Inglesa

A leitura e a escrita da língua inglesa na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para os educandos.

Ler com autonomia e proficiência uma segunda língua é difícil para qualquer estudante e se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender pelo menos o básico dos textos com os quais se defrontam no dia a dia, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas existentes na vida cotidiana onde estudar uma segunda língua é indispensável. A escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes (LAJOLO, 2005).

É com essa perspectiva que se busca desenvolver esse estudo, organizando-o de modo a servir de referência, de fonte de consulta e de objeto para reflexão e debate. Percebe-se que algumas escolas, no decorrer dos anos, não desenvolveram práticas de leitura e escrita de língua inglesa para os educandos, com tratamento didático positivo; onde é claramente exposta a incapacidade de leitor/escritor desses docentes.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de leitores incapazes de decodificar textos em inglês a partir de descritores, e apresentam ainda, enormes dificuldades para compreender a escrita e/ou traduzi-la (SOARES, 2002).

Portanto, é necessário oferecer subsídios que favoreçam as situações interativas com ênfase na leitura, escrita e tradução. Como processo interacional que

envolve a linguagem e, portanto, a construção conjunta de contextos para agir sobre o outro, a leitura, antes reduzida a uma questão linguístico-pedagógica, passou a ser considerada uma prática social e discursiva. Por isso, acredita-se que a aprendizagem acontece em espiral, as atividades de leitura retomam, aprofundam e ampliam aspectos pertinentes à maturidade e às habilidades linguísticas das crianças e adolescentes.

Aprender a ler é muito mais do que simplesmente aprender o valor sonoro das letras, juntar sílabas, palavras, frases. É preciso proporcionar à criança e ao adolescente o contato e a interação com textos escritos, histórias em quadrinhos, tirinhas, anedotas em inglês de modo que eles possam perceber as funções sociais da escrita: ler por algum motivo ou para alguma coisa. Para Soares (2001), a prática de ler ou mesmo ouvir histórias em inglês com mímicas e bastante ênfase na contação da história, ajuda a criança e ao adolescente a se conscientizar das funções, formas e convenções do texto. Como cita Soares (2002), é preciso associar leitura a prazer.

O sistema de aprendizagem da linguagem percorre caminhos impulsionados por verificações de hipóteses sobre o funcionamento do sistema de códigos da escrita. A leitura e o trabalho com os textos não farão sentido se o aluno não compreender suas relações e conexões. Em contato com a linguagem escrita, com textos que circulam pelo seu meio, a criança e o adolescente vão adquirindo habilidades para analisar e refletir sobre as relações e os sentidos do texto, das palavras – como se constituem e se organizam na formação de significados (GERALDI, 1997).

É necessário contribuir na formação de leitores, e não apenas de sujeitos que possam decifrar o sistema de leitura. Assumir esse desafio significa abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido que levam os educandos a afastarem-se da leitura por considerá-la uma mera obrigação escolar; significa também incorporar situações onde ler determinados materiais torna-se imprescindível para o desenvolvimento dos mesmos, tornando-se situações que produzam o prazer e o conhecimento que é inerente ao contato com textos verdadeiros e valiosos.

CAPÍTULO 3 – O PERCURSO DA PESQUISA

3.1 METODOLOGIA

Para as autoras Lakatos e Marconi (2002), a pesquisa científica pode ser considerada como um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.

Em relação ao paradigma de pesquisa, adotou-se a exploratória e bibliográfica de natureza qualitativa, tendo em vista que se buscou, por meio de leituras, interpretações relacionadas à presença da LI nos livros didáticos pesquisados de língua portuguesa.

Neves (1996) aponta que, nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados. Ainda sobre pesquisa qualitativa, Telles (2002) afirma que, nos dias atuais, essa metodologia de pesquisa tem tido mais destaque quando o objeto de pesquisa é a educação. Os pesquisadores têm se importado com a qualidade dos fenômenos educacionais em detrimento de números ou dados quantificáveis. Ainda nesse contexto, Lakatos e Marconi (2002, p. 71) informam que a pesquisa qualitativa “coloca o pesquisador em contato direto com aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”.

Assim são realizadas leituras e a análise da presença da LI nos MDLP. Os manuais didáticos, objetos desta análise, fazem parte da coleção de manuais de Português do 9º. do Projeto Teláris, de Ana Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, bem como os da coleção “Para viver juntos: Português”, das autoras Greta Marchetti, Heidi Strecker e Mirella L. Cleto, todas as duas coleções integrantes da lista do PNLD para o Ensino Fundamental II.

O primeiro MD citado foi utilizado na rede pública de ensino da cidade de Teixeira de Freitas, Bahia, de 2014 a 2016, e o segundo MD está sendo utilizado nessa rede municipal desde 2017, e o intento perpassa por analisar a presença de estrangeirismos, empréstimos linguísticos e expressões lexicais nos manuais didáticos de língua portuguesa das coleções do 9º. ano do Ensino Fundamental das autoras sob a abordagem do escopo Sociolinguística Variacionista.

Assim, a pesquisa é desenvolvida a partir dos seguintes procedimentos:

- ✓ Análise de dois MDs de língua portuguesa para compreender quais vocábulos da língua inglesa são mais frequentes, para posterior análise.
- ✓ Retomada das leituras do Referencial teórico em diálogo com os resultados encontrados na análise das duas coleções didáticas, para que se tenha uma interpretação crítica do problema, observando semelhanças e diferenças.
- ✓ Estudo de expressões lexicais, estrangeirismos e empréstimos linguísticos em manuais didáticos de língua portuguesa do 9º. ano do Ensino Fundamental.
- ✓ Construção de um rol de palavras e termos linguísticos empregados nos MDLPs para compreensão da ideologia presente referente à questão cultural e à abordagem sociolinguística.
- ✓ Elaboração de um glossário, a partir do levantamento dos empréstimos linguísticos, utilizando o vocabulário identificado na pesquisa realizada nas duas coleções de LDLP.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a efetivação de leituras para a construção teórica desta dissertação, passou-se para o mapeamento dos dois manuais didáticos do 9º. ano de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental de duas coleções recomendadas pelo PNLD, já referendadas, que trazem a presença de palavras de língua inglesa ao longo de suas páginas.

Para o desenvolvimento da pesquisa nos MDLP, foram realizadas leituras que abordam temas, como: expansão da língua inglesa, a sociolinguística variacionista, o livro didático no Brasil e processos de ensino aprendizagem. Após essas leituras, foi realizada uma análise de dois manuais didáticos de língua portuguesa para compreender quais os termos da língua inglesa são mais frequentes nos MD. Em relação ao paradigma de pesquisa, adotou-se o qualitativo. Assim, as leituras foram realizadas, seguidas da escolha dos livros didáticos e, por fim, a análise destes.

Os livros didáticos analisados no presente estudo estão sendo utilizados na rede municipal das escolas de Teixeira de Freitas-BA, e o intento perpassa por compreender as ocorrências dos itens lexicais em língua inglesa, nos LDLP, que foram incorporados à língua portuguesa sem mudanças estruturais, os itens aportuguesados ou os que não tenham correspondentes em língua portuguesa. De início, serão apresentados os itens identificados nos LDLP analisados, seus contextos e localização no respectivo manual didático.

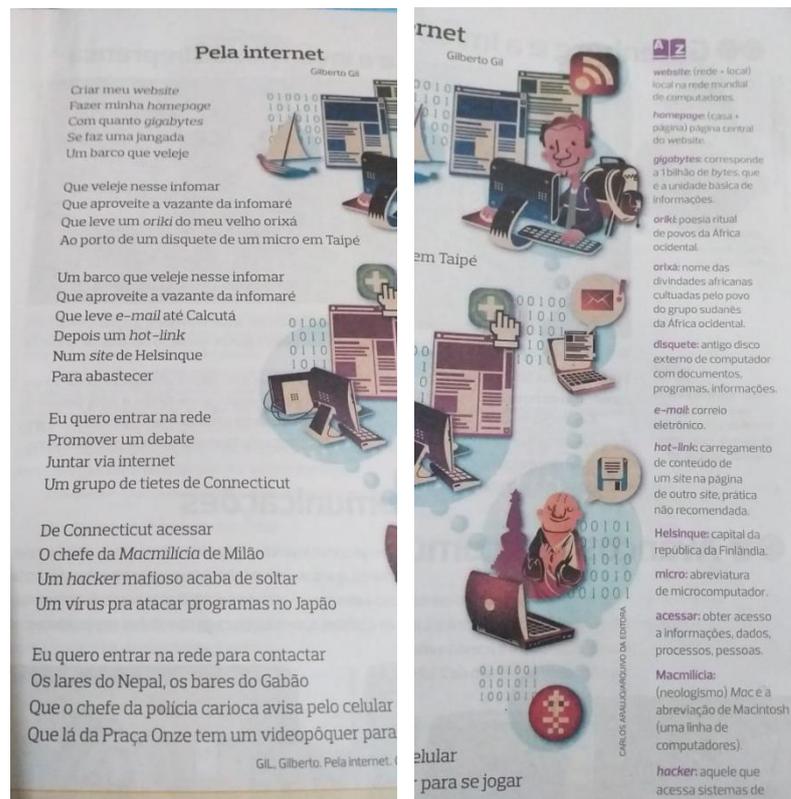
4.1 OLHARES MÚLTIPLOS SOBRE OS MANUAIS DIDÁTICOS DO 9º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – PALAVRAS INCORPORADAS EM LÍNGUA INGLESA, APORTUGUESADAS OU SEM CORRESPONDENTES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Procurou-se analisar a presença dos empréstimos linguísticos e estrangeirismos em dois manuais didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental. Foi analisado, *a priori*, o manual do 9º. ano de Língua Portuguesa, “Português: Projeto Teláris”, das autoras Ana Triconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi de 2012, que foi inscrito no PNLD em 2014, ou seja, foi aprovado pelo MEC e passou a ser utilizado em escolas públicas e privadas.

4.1.1 Primeiro Manual Didático analisado – “Português: Projeto Teláris” – 9º. ano

Ao ler o manual em busca de palavras em língua inglesa, já na página 11 encontra-se a música “Pela internet”, de Gilberto Gil com vários vocábulos: *Website*, *homepage*, *gigabytes*, *e-mail*, *hot-link*, *site*, *hacker*, *disquete*, *micro*, *internet* (Figura 1). Há, também, a tradução dos vocábulos.

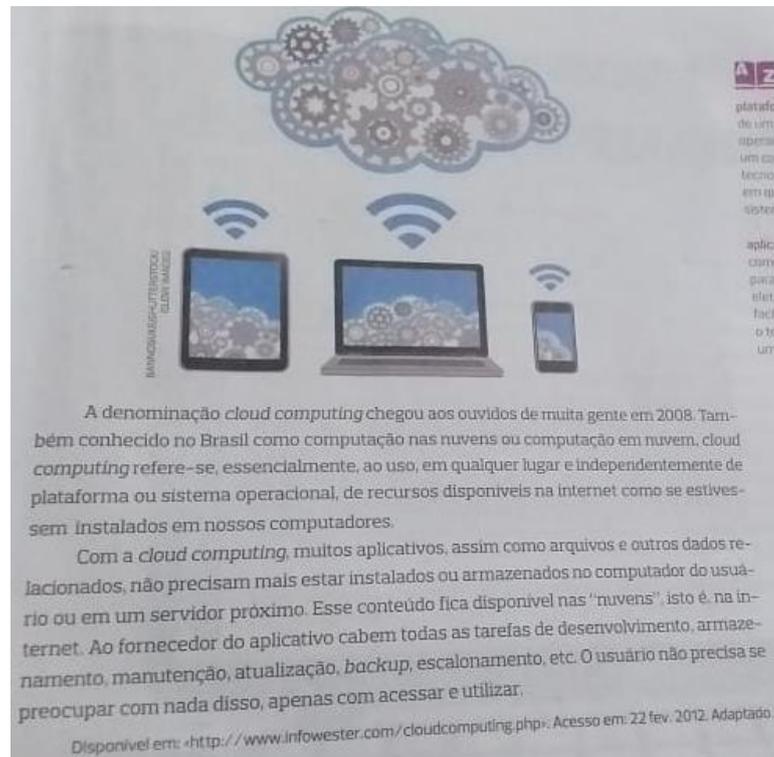
Figura 01 – Pela internet.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 11).

Em um texto (p. 12-13) que aborda sobre “Gutenberg e a invenção da imprensa” trazendo o subtema “Os avanços nas comunicações”, encontram-se as palavras *outdoor*, *internet*, *backup*, *media* (mídia), *cloud computing*. Esta última palavra refere-se à computação em nuvens, mas, essencialmente, ao uso, em qualquer lugar, e independente de plataforma ou sistema operacional, de recursos disponíveis na internet como se estivessem instalados em nossos computadores.

Figura 02 – Os avanços nas comunicações.



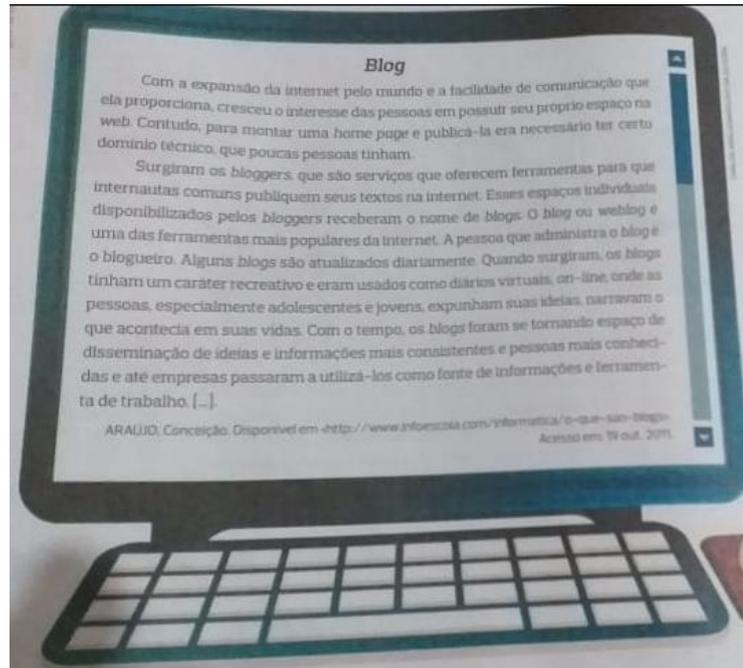
Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 13).

Nesse contexto, observa-se que há a presença da língua inglesa nos manuais didáticos de língua portuguesa e, ao fazer essas observações nesses materiais, percebe-se que há uma constância de itens lexicais, considerados estrangeirismos e empréstimos linguísticos, o que motivou a refletir sobre o uso de palavras e expressões de outros idiomas, neste caso da língua inglesa, tão presentes no dia a dia dos alunos e professores e dos indivíduos como um todo.

Na p. 14, há um exemplo de *Blog*, em um texto de Conceição Araújo, em que são encontrados os termos: *web*, *home page*, *blog*, *bloggers*¹³, *blogs*, *webblog*, *online*. Na explanação logo abaixo do *blog*, tem-se a palavra *tweets* e o seu significado.

¹³ Serviços que oferecem ferramentas para que internautas comuns publiquem seus textos na internet.

Figura 03 – Blog.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 14).

No texto “Multimídia” de Leonardo Brasiliense (p. 15), encontram-se os vocábulos: *internet, Skype, chat, mp3 player*¹⁴.

Figura 04 – Multimídia.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 15).

¹⁴ É uma abreviação de MPEG Layer 3, um formato de compressão de áudio digital que minimiza a perda de qualidade em músicas ou outros arquivos de áudio reproduzidos no computador ou em dispositivo próprio.

Em uma crônica de Walcyr Carrasco intitulada “A vida pelo telefone” (p. 16-17), são apresentadas as palavras, *show, fax, bip, bips, e-mails*.

Na p. 45, é encontrada a palavra *mouse*, em um poema visual de Léo Cunha cujo título é “Me use *mouse*”.

Figura 05 – Me use *mouse*.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 45).

Em um miniconto denominado “*No Messenger*” (p. 54), em que o título é uma expressão inglesa, “No” em português indica a preposição em + o. Já em inglês “No” significa não, nenhum. O vocábulo *Messenger* em inglês significa mensageiro. No Brasil, pode ser uma referência a um programa que permite conversas por escrito, instantâneas, por meio da internet.

Figura 06 – *No Messenger*.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 54).

Na p. 59, em uma atividade que ensina formas de organizar o período composto, demonstrando a justaposição de frases encontradas na letra da música “Chuva, suor e cerveja” de Caetano Veloso, as autoras do manual didático em estudo traduziram como: *Rain, sweat and beer*.

Após a identificação dos itens lexicais, percebe-se que, muitas vezes, é usada a intertextualidade para buscar elementos do cotidiano que são introduzidos de forma dinâmica e criativa no contexto dos assuntos trabalhados. E os elementos utilizados foram objetos, palavras, neologismos, músicas, poemas, charges, cartum, tirinhas, propagandas, artigos, entre outros.

O intuito maior é que, dessa maneira, seja despertada a curiosidade dos alunos em tentar descobrir os significados dos termos e palavras propostas. Com isso, “[...] ao mesmo tempo em que aumentando o conhecimento da língua materna, no caso do português, por meio de comparações com o idioma estrangeiro em diversos níveis [...]” (BRASIL, 2001, p. 61).

Figura 07 – Chuva, suor e cerveja.

Formas de organizar um período composto: coordenação e subordinação
 Você analisou principalmente o recurso da justaposição de frases. Leia a letra da música a seguir:

Chuva, suor e cerveja (*Rain, sweat and beer*)
 Caetano Veloso

Não se perca de mim
 Não se esqueça de mim
 Não desapareça
 Que a chuva tá caindo
 E quando a chuva começa
 Eu acabo perdendo a cabeça
 Não saia do meu lado
 Segure o meu Pierrot molhado

E vamos embolar indeira abaixo
 Acho que a chuva ajuda a gente a se ver
 Venha veja deixa beija seja
 O que Deus quiser
 A gente se embala se embola se embola
 Só para na porta da igreja
 A gente se olha se beija se molha
 De chuva suor e cerveja

VELOSO, Caetano. Coetania... muitos carnavais... [s.l.]
 Universal Music, 1989. 1 CD. Faixa 2.

Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 59).

Em uma entrevista jornalística feita ao cartunista Laerte (p. 151), observam-se algumas palavras em língua inglesa, tais como, *Disney*, *DJ*¹⁵, *Life*, *samplers*¹⁶, *cartum*¹⁷. Na página 152, ao exemplificar algumas animações, aparecem vários nomes em Inglês: *William Hanna*, *Joseph Barbera*, *Flintstones*, *Scooby Doo*, *Barney*, *Betty*, *Fred*, *Wilma*, *Mickey Mouse*, *Disney*, *Norman Rockwell*, *Ken Parker*, *Vagabond*, *charge*.

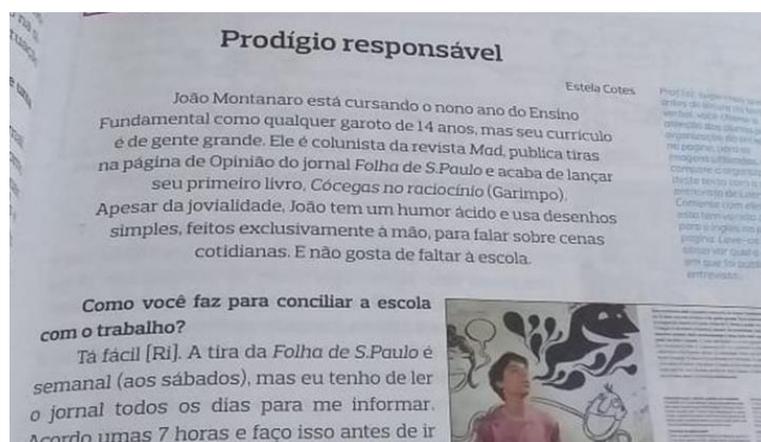
Figura 08 – Animações.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 152).

Na p. 155, aparece o nome da Revista *Mad*, ao trazer uma entrevista com um garoto prodígio, João Montanaro, de apenas 14 anos que faz parte do seu quadro de colonistas.

Figura 09 – Entrevista.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 155).

¹⁵ Sigla de *Disc Jockey*. Discotecário. Costuma ser usada para definir quem faz mixagem de músicas.

¹⁶ Equipamento que armazena sons e os reproduz posteriormente.

¹⁷ Desenho humorístico ou caricatural.

No manual (p. 166), há uma *charge* referente ao *Rock in Rio*, e logo abaixo, uma tirinha intitulada *Cena Tech* que traz as palavras *iPhone 4*, *iPAD*.

Figura 10 – *Charge: Rock in Rio*.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 166).

Observando as palavras em inglês utilizadas no MDLP, nesse contexto, faz-se necessário retomar o questionamento de Carvalho (2010, p. 2), “[...] permitir o uso excessivo de termos e expressões estrangeiras na língua portuguesa representa um processo de evolução linguística ou de desvalorização linguística brasileira?” Mais adiante, após algumas conjecturas acerca da temática abordada, a autora responde ao seu próprio questionamento, afirmando que “[...] o contato cada vez maior com países de idiomas diferentes faz com que o uso de estrangeirismos seja cada vez mais comum. Com a globalização, surge a necessidade de uma língua universal, que é a língua inglesa” (CARVALHO, 2010, p. 2).

Figura 11 – *Cena Tech*.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 166).

Voltando ao menino prodígio citado, anteriormente, João Montanaro, na p. 155 do manual didático, é apresentado um *cartum* de sua autoria em que são encontradas as palavras *photoshop*, *twist and shout*, *Beatles*.

Figura 12 – *Cartum*.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 168).

O manual didático apresenta, na p. 178, uma entrevista com Ziraldo, em que a palavra *Cult* é mencionada.

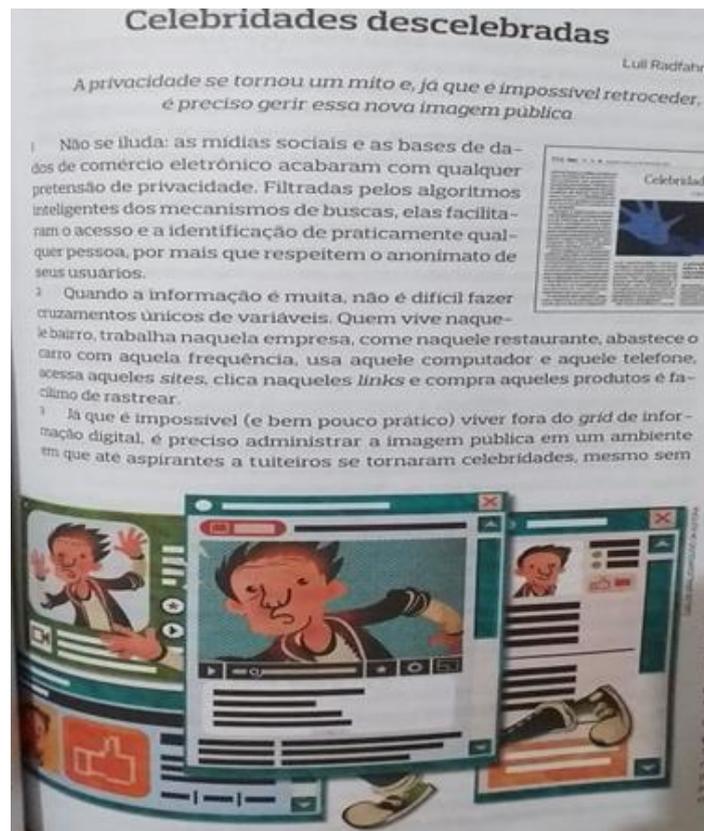
Figura 13 – Entrevista com Ziraldo.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 178).

As páginas 213 e 214 trazem um artigo de opinião sob o título “Celebidades descelebradas” de Luli Radfaher, em que alguns termos são encontrados, como: *sites, links, grid (grade), twiter, marketing, Big Brother, on-line* e, também, a palavra já aportuguesada, *tuiteiro*.

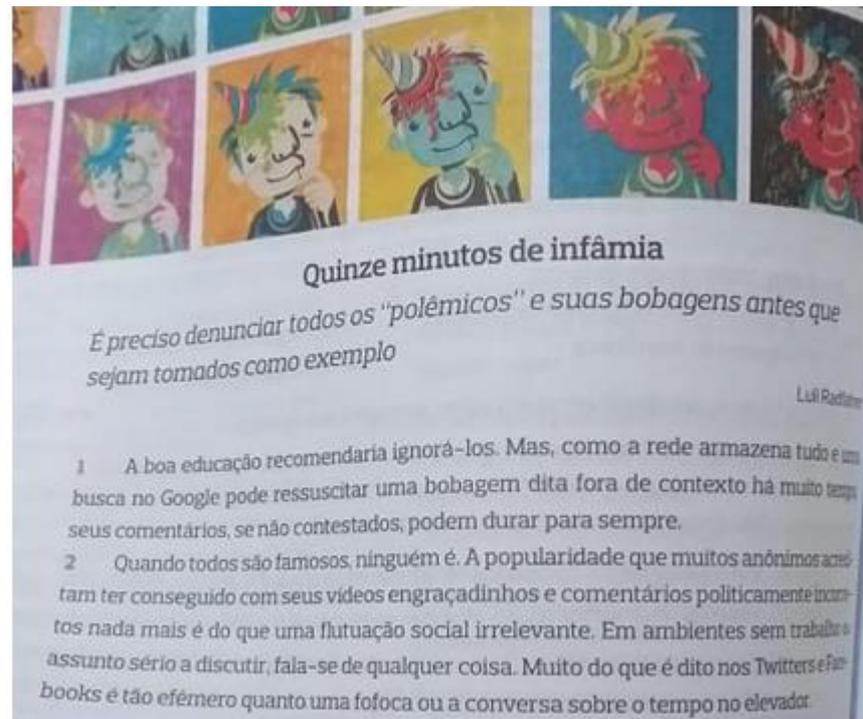
Figura 14 – Celebidades descelebradas.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 213).

Em outro artigo de opinião (p. 216), há a menção do *Google, Twitters* e *Facebooks*, no texto “Quinze minutos de infâmia”, de Luli Radfaher. E, também, as palavras *crack, glamour, internet, web*.

Figura 15 – Quinze minutos de infâmia.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 216).

Na p. 221, tem um *cartum* de Glasbergen em que a palavra *Facebook* é apresentada.

Figura 16 – Entrevista com Ziraldo.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 221).

Em um texto cujo título é “*Big Brother*” não é só um título de programa de TV (p. 222), há o termo *Big Brother*. Abaixo do texto, há um *cartum* com a mesma palavra.

Figura 17 – *Cartum: Big Brother*.



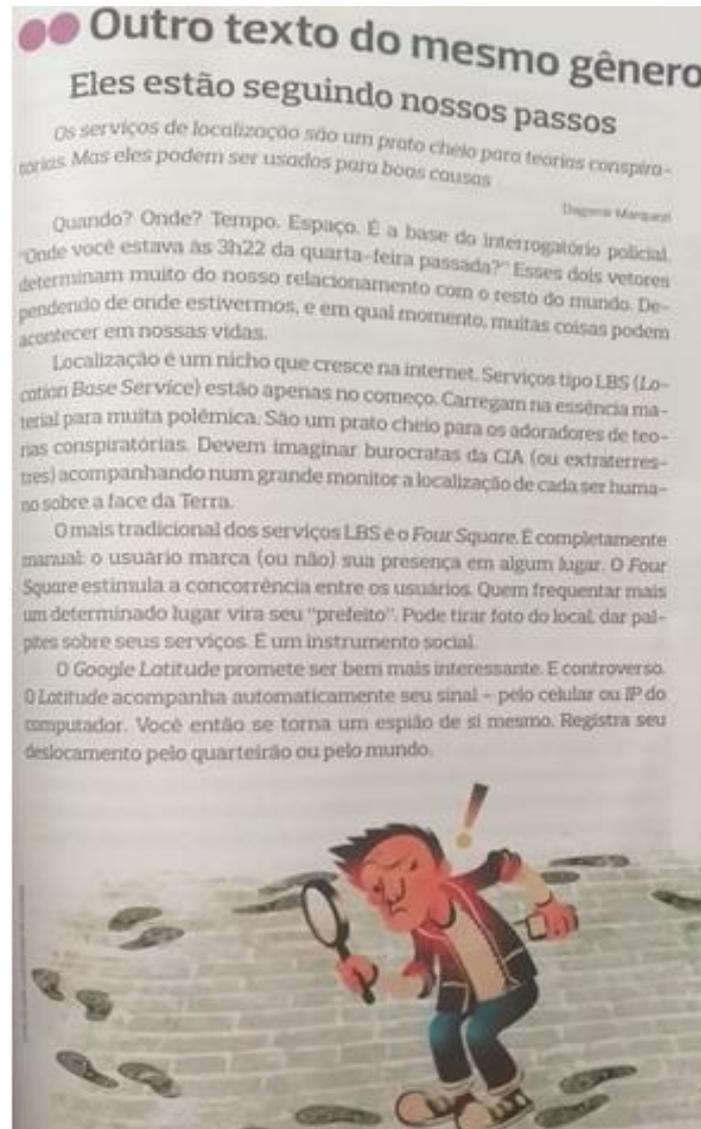
Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 222).

Um artigo de opinião consta na p. 235 intitulado “Eles estão seguindo nossos passos”, de Dagomir Marquez, que traz as seguintes palavras em língua inglesa: *LBS* – *Location Base Service, For Square, Google Latitude, Google, cheque in*.

Após análise dessas palavras de LI nos LDLP, verifica-se que os itens lexicais fazem-se presentes em propostas que visam a dinamizar as aulas de língua portuguesa, em gêneros textuais-discursivos diversos, como: cruzadinhas, tirinhas, charges, *cartuns*, diálogos, músicas, figuras, imagens, relacionando-as ao contexto da temática a ser introduzida aos alunos.

Não se pode esquecer de outro tipo de palavra, aquela que não possui uma tradução e entra para o idioma com o tempo, através do aportuguesamento (ou abasileiramento), ou está presente apenas em algumas fases da vida das pessoas, como as marcas e os logotipos; em geral, aquilo que a mídia faz com o idioma português: *Jetski, Skate, Surf, Multimídia, Internet, Diskman, Close, Outdoor*, entre outras.

Figura 18 – Eles estão seguindo nossos passos.

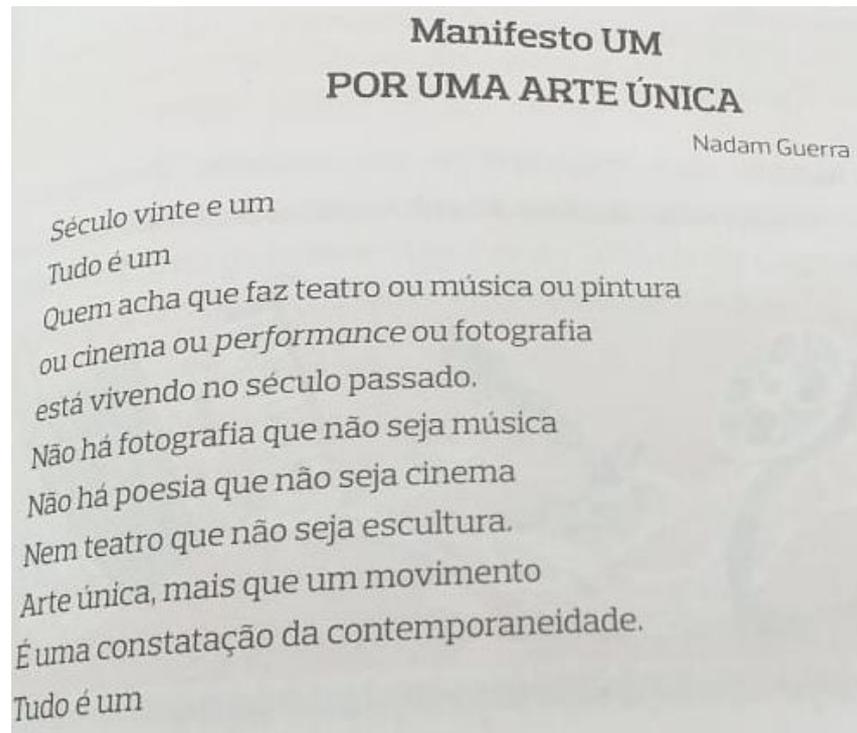


Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 235).

Em um trecho de um Manifesto feito por meio de um poema (p. 249), cujo título é "Manifesto UM POR UMA ARTE ÚNICA" de Nadam Guerra, há a presença da palavra *performance*. Também há um anúncio sobre o *Greenpeace*.

Observando estes vocábulo, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, espera-se que o aluno do Ensino Fundamental seja capaz de saber identificar palavras em línguas estrangeiras e perceber que vive num mundo plurilíngue, no qual alguns idiomas desempenham papel hegemônico em determinado momento histórico; bem como reconhecer que a aquisição de uma ou mais línguas permite acessar bens culturais da humanidade (BRASIL, 2001).

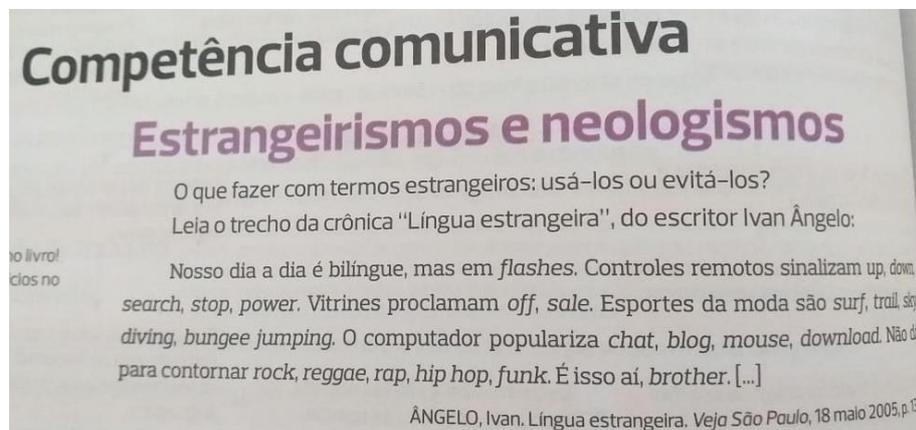
Figura 19 – Manifesto um por uma arte única



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 249).

Na unidade suplementar do manual didático (p. 266), as autoras abordam a temática dos estrangeirismos e neologismos e traz em seu bojo, uma minicrônica intitulada “Língua estrangeira” do escritor Ivan Ângelo. No texto, há a presença das palavras *flashes, up, down, search, stop, power, off, sale, surf, trail, skydiving, bungee jumping, chat, blog, mouse, download, rock, reggae, rap, hip hop, funk, brother*.

Figura 20 – Estrangeirismos e neologismos



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 266).

Considerando a importância da língua inglesa nesse contexto cada vez mais globalizado, passa-se a refletir sobre sua presença no livro didático de língua portuguesa, fruto dessa nova realidade social que marca a contemporaneidade. Inevitavelmente, refletir sobre essa presença ou, para alguns, “intromissão”, leva a trazer à tona a discussão sobre os estrangeirismos e empréstimos linguísticos, fenômenos não desconhecidos daqueles que se ocupam com as investigações que envolvem contatos linguísticos.

Na mesma página, abaixo, uma tirinha com a palavra *sale* e a sua tradução, liquidação.

Figura 21 – Tirinha: *sale*.

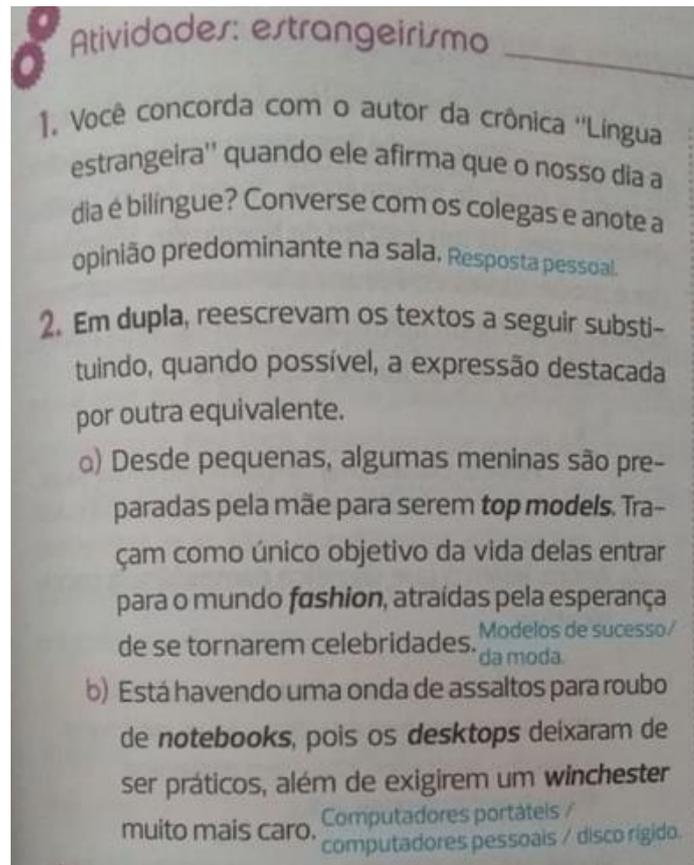


Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 266).

Na página seguinte (p. 267), algumas atividades em dupla foram solicitadas. Os alunos precisariam reescrever os pequenos textos, substituindo, quando possível, a expressão em inglês, destacada em negrito e itálico, por outra equivalente em língua portuguesa. As palavras em destaque eram: *top models*, *fashion*, *notebooks*, *desktops*, *winchester*.

Sabe-se que, no Brasil, em muitas atividades diárias, raramente necessita-se expressar fluentemente na língua inglesa. O que é preciso, na maioria das vezes, é ser capaz de ler em inglês, seja para obter informações na Internet, compreender literatura técnica especializada ou desempenhar outras funções rotineiras, tais como pedir um *hamburger* ou *cheeseburger*, *hot dog* ou *milk shake*, ir ao *shopping* fazer compras em lojas como o Bazar *Fashion* e saber, na maioria das vezes, o que significam essas palavras, fazendo seu uso adequado em diversos contextos sem precisar se atentar à sua origem ou aos processos que elas sofreram devido à inserção na língua portuguesa.

Figura 22 – Atividades.



Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 267).

Mais abaixo, ainda em dupla, solicitaram aos alunos um levantamento de termos estrangeiros que são encontrados ou empregados no dia a dia. E pediram que, para cada termo encontrado em língua inglesa, escrevessem o seu correspondente em língua portuguesa.

Na p. 306, há uma música de Rita Lee e Agnaldo Baptista sob o título "Balada do louco", e em seu contexto é apresentado um nome e uma frase, a saber: *Sharon Stone, I'm Rolling Stones*.

Partindo desse pressuposto, percebe-se, muitas vezes, que essas palavras são introduzidas e utilizadas por não haver correspondente das mesmas em Português.

Figura 23 – Balada de louco.

texto 2

Balada do louco

Rita Lee / Arnaldo Baptista

Dizem que sou louca
Por pensar assim
Se eu sou muito louca
Por eu ser feliz
Mais louco é quem me diz!
E não é feliz!
Não é feliz...

Se eles são bonitos
Eu sou Sharon Stone
Se eles são famosos
I'm Rolling Stone
Mais louco é quem me diz!
E não é feliz!
Não é feliz...

Eu juro que é melhor
Não ser um normal
Se eu posso pensar
Que Deus sou eu...

Se eles têm três carros
Eu posso voar
Se eles rezam muito
Eu sou santa!
Eu já estou no céu
Mais louco é quem me diz!
E não é feliz!
Não é feliz...

Sim! Sou muito louca
Não vou me curar
Já não sou a única
Que encontrou a paz
Mais louco é quem me diz!
E não é feliz!
Eu sou feliz!...

LEE, Rita; BAPTISTA, Arnaldo. Balada do louco. In: LEE, Rita. Acústico MTV. DVD Universal. SP.

Rita Lee Jones (São Paulo, SP, 1947): em meados dos anos 1960 formou, com irmãos Arnaldo e Sérgio Dias Baptista, o grupo experimental Os Mutantes; em 1967, acompanhou Gilberto Gil no III Festival de Música Popular Brasileira TV Record, na apresentação da música Domingo no parque – marco do tropicalismo. A música de Rita Lee caracteriza-se pelo senso de humor e irreverência.

Fonte: Borgatto; Bertin; Marchezi (2012, p. 267).

Dessa forma, após uma primeira análise desse manual, surge o questionamento se há a necessidade de ensinar aos alunos o significado dos estrangeirismos e empréstimos linguísticos que são utilizadas tão frequentemente, seja nos livros didáticos, seja em vários outros contextos em que eles estejam inseridos, tais como: *outdoors*, *nicks*, *banners*, nomes de lojas, *e-mails*, entre outros. Sabe-se da influência da língua inglesa na língua portuguesa; entretanto, a velocidade com que essa influência passou a ocorrer, principalmente com o advento da internet, aumentou, exponencialmente. Muitas palavras não existiam pouco tempo atrás,

principalmente aquelas que se referem à inovação tecnológica como *chip, blog, facebook, whatsapp, chat*, entre outras.

De início, foram apresentadas as figuras; por fim, serão elencados os itens identificados nos MDLP analisados, seus contextos e localização no respectivo manual didático, em um breve resumo, conforme quadro 01.

Quadro 01 - livro didático de língua portuguesa do 9º. ano – “Português: Projeto Teláris”

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º. ANO¹⁸		
Itens lexicais identificados	Página	Contexto das ocorrências
<i>website, homepage, gigabytes, e-mail, hot-link, site, hacker, disquete, micro, internet</i>	11	Estes vocábulos são encontrados na música de Gilberto Gil, “Pela internet”, relacionando-se ao contexto da língua na era da informação.
<i>outdoor, internet, backup, media (mídia), cloud computing</i>	12-13	Expressões encontradas no texto explicativo que aborda sobre “Gutenberg e a invenção da imprensa” trazendo o subtema “Os avanços nas comunicações,” texto este que informa sobre os recursos disponíveis na internet.
<i>web, home page, blog, bloggers, blogs, weblog, on-line, tweets</i>	14	Estrangeirismos encontrados em um texto de Conceição Araújo para exemplificar o gênero textual <i>blog</i> .
<i>Og, internet, Skype, chat, mp3 player.</i>	15	Termos usados no texto “Multimídia” para introduzir o tema “Minicontos”.
<i>show, fax, bip, bips, e-mails.</i>	16-17	Palavras encontradas na crônica “A vida pelo telefone”, do autor Walcyr Carrasco, em que ele atribui o uso exagerado dos meios de comunicação ao distanciamento físico entre as pessoas.
<i>Mouse</i>	45	Vocábulo encontrado no poema visual de Leo Cunha “Me use <i>mouse</i> ”. O autor faz um jogo de palavras com o esse vocábulo em inglês usando parte dele enquanto cognato.
<i>No Messenger</i>	54	Expressão apresentada em um miniconto de Leonardo Brasiliense “ <i>No Messenger</i> ” de apenas duas linhas, demonstrando ser possível conter uma história em um espaço tão pequeno.
<i>rain, sweat and beer</i>	59	Título de uma música de Caetano Veloso, “Chuva, suor e cerveja”, traduzido para inglês. A atividade ensina formas de organizar o período composto, demonstrando a

¹⁸ BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Português: Projeto Teláris: 9º. ano.** São Paulo: Ática, 2012.

		justaposição de frases encontradas na letra da música.
Disney, DJ, Life, samplers, cartum	151	Termos mencionados na entrevista jornalística intitulada “Laerte: gozações e revelações”.
<i>William Hanna, Joseph Barbera, Flintstones, Scooby Doo, Barney, Betty, Fred, Wilma, Mickey Mouse, Disney, Norman RockWell, Ken Parker, Vagabond, charge.</i>	152	Substantivos mencionados na entrevista jornalística intitulada “Laerte: gozações e revelações”.
<i>Mad</i>	155	Nome da revista de onde foi retirada a entrevista com João Montanaro, garoto prodígio de 14 anos de idade que faz parte do quadro de colunistas.
<i>Rock in Rio</i>	166	Substantivo próprio usado para intitular evento musical que acontece no Rio de Janeiro. O termo aparece na <i>Charge</i> que satiriza o evento.
<i>Cena Tech, iPhone 4, iPod</i>	166	Termos encontrados na charge e tirinha intitulada <i>Cena Tech</i> de Montanaro da Revista INFO ¹⁹ . O diálogo entre o pai e os filhos traz uma crítica ao sentido do Natal mercantilizado.
<i>photoshop, twist and shout, Beatles</i>	168	Palavras do Cartum de João Montanaro, menino prodígio de 14 anos, para se referir a uma escrita por Phil Medley e Bert Russell.
<i>Cult</i>	178	Nome da revista onde foi veiculada a entrevista com Ziraldo sobre sua vida profissional e seu encantamento pela escrita de livros para o público infantil.
<i>sites, links, grid (grade), twiter, marketing, Big Brother, on-line e também, a palavra já aportuguesada, tuiteiro.</i>	213-214	Referem-se a termos encontrados no artigo de opinião intitulado “Celebidades descelebradas” de Luli Radfahrere, informando que a privacidade tornou-se um mito devido às mídias sociais e as bases de dados de comércio.
<i>Google, Twitters, Facebooks, crack, glamour, internet, web.</i>	216	Termos do artigo de opinião “Quinze minutos de infâmia”. Recomenda cuidado para com a postagem na rede.
<i>Facebook</i>	221	O termo estrangeiro aparece em um <i>cartum</i> de Glawbergen, que fala sobre a facilidade de interação dos jovens nas mídias sociais.
<i>Big Brother.</i>	222	O termo “ <i>Big Brother</i> ” surge em um comparativo em que o autor procura mostrar as mudanças de concepções e valores deturpados pelo meio televisivo e usa como exemplo um de seus programas.
<i>LBS – Location Base Service, For Square, Google Latitude, Google, cheque in.</i>	235	A sigla e as palavras em inglês do artigo de opinião “Eles estão seguindo nossos passos” são elencadas pelo autor com o objetivo de

¹⁹ MONTANARO, João. *Revista INFO*, São Paulo: Abril, dez, 2010, p. 22.

		dinamizar as aulas de língua portuguesa, utilizando gêneros textuais-discursivos diversos.
<i>performance, Greenpeace.</i>	249	Palavras do trecho do “Manifesto UM POR UMA ARTE ÚNICA” e do anúncio sobre a importância da preservação da natureza.
<i>flashes, up, down, search, stop, power, off, sale, surf, trail, skydiving, bungee jumping, chat, blog, mouse, download, rock, reggae, rap, hip hop, funk, brother.</i>	266	Expressões inseridas na unidade suplementar do livro texto explanando sobre estrangeirismos na competência comunicativa através de uma minicrônica “Língua estrangeira”.
Sale	266	Tradução do estrangeirismo na tirinha para exemplificar o fenômeno abordado anteriormente.
<i>top models, fashion, notebooks, desktops, winchester.</i>	267	Os vocábulos fazem parte de uma proposta de atividade que solicita aos alunos a reescrita dos trechos substituindo as palavras em inglês por outras equivalentes em português.
<i>Sharon Stone, I'm Rolling Stones.</i>	306	O nome próprio, de origem inglesa, e a frase posterior são da Música de Rita Lee e Agnaldo Baptista “Balada do louco” e surgem nessa passagem com o intuito de mostrar a influência de termos estrangeiros na língua portuguesa e na cultura brasileira.

Fonte: DIAS, A. L., 2022 (arquivo do autor).

Analisando as ocorrências das palavras encontradas no 1º. MDLP do 9º. ano do Ensino Fundamental e elencadas na tabela, percebe-se que os termos: *website, homepage, e-mail, hot-link, outdoor, media, web, blog, bloggers, blogs, webblog, on-line, tweets, skype, chat, show, fax, bip, bips, e-mails, life, samplers, cartum, charge, photoshop, sites, grid, twiter, marketing, Big Brother, Google, Twitters, Facebooks, crack, glamour, check in, performance, flashes, up, down, search, stop, power, off, sale, surf, trail, skydiving, chat, blog, mouse, download, rock, reggae, rap, hip hop, funk, brother, fashion* são estrangeirismos, ou seja, palavras introduzidas de outro idioma na Língua Portuguesa e, nesses casos, sem aportuguesamento, pois conservou-se a forma original da palavra.

Cult é um estrangeirismo utilizado no Brasil para designar uma pessoa culta, clássica ou ainda, aquilo que é cultuado nos meios intelectuais e artísticos (diz-se de pessoa, ideia, objeto, movimento, obra de arte, etc.). Teclar, disquete, tuiteiro, customizar, portanto, são palavras aportuguesadas, empréstimos linguísticos.

Já as outras palavras, tais como: *Disney, William Hanna, Joseph Barbera, Flintstones, Scooby Doo, Barney, Betty, Fred, Wilma, Mickey Mouse, Disney, Norman Rockwell, Ken Parker, Greenpeace* são nomes próprios. *Mad* se trata de uma revista.

A expressão *cloud computing* refere-se à computação em nuvens. *No Messenger* significa sem mensagens. *Rain, sweat and beer* é uma música em inglês que possui uma versão em uma música composta por Caetano Veloso. *Twist and Shout* é uma canção escrita por Phil Medley e Bert Russell e mais tarde, cantada pelos *Beatles*. *For Square, Google Latitude, bungee jumping, top models* também são termos em inglês empregados na língua portuguesa sem tradução simultânea.

Os termos *gigabytes, notebooks, desktops, winchester, site, hacker, micro, internet, backup, mouse, links* referem-se à tecnologia.

Mp3 player diz respeito à abreviação de MPEG Layer 3, relacionada a uma compressão de áudio digital, assim como DJ é uma sigla para disc jockey, quem faz mixagem musical. *LBS* é a sigla de *Location Base Service*. Essas palavras foram abreviadas para facilitar o seu uso. *iPhone 4* trata-se de um smartphone desenhado e desenvolvido pela Apple Inc.; *iPOD* é uma marca registrada da Apple Inc. e refere-se a uma série de *media players* portáteis projetados e vendidos pela Apple.

Observando essas ocorrências no livro do 9º. ano, pode-se mencionar Brandão (2004, p. 42), quando cita que “os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos do discurso”, de modo que um estrangeirismo seja a fonte desse efeito para os ouvintes.

A partir da análise realizada dos contextos nos MDLP, que apresentam os itens lexicais da língua inglesa, percebe-se que as autoras propõem um contato frequente com a escrita dessa língua estrangeira. Nesse sentido, Alves (2000) e Giraldelelli Jr. (1994) abordam com muita propriedade, dizendo que a aula reside no uso crítico e criativo dos muitos espaços – tempos de aprender-ensinar; na possibilidade do real encontro entre sujeitos aprendizes; na troca entre humanos livres na reescrita da realidade e no reconhecimento da autoridade semântica de outra maneira de dizer as coisas.

Dessa forma, pode ser observado que a proposta didática traz intencionalmente os estrangeirismos na competência comunicativa, tais como: *flashes, up, down, search, stop, power, off, sale, surf, trail, sky, diving, bungee, jumping, chat, blog, mouse, download, rock, reggae, rap, hip hop, funk, brother, marketing, top models,*

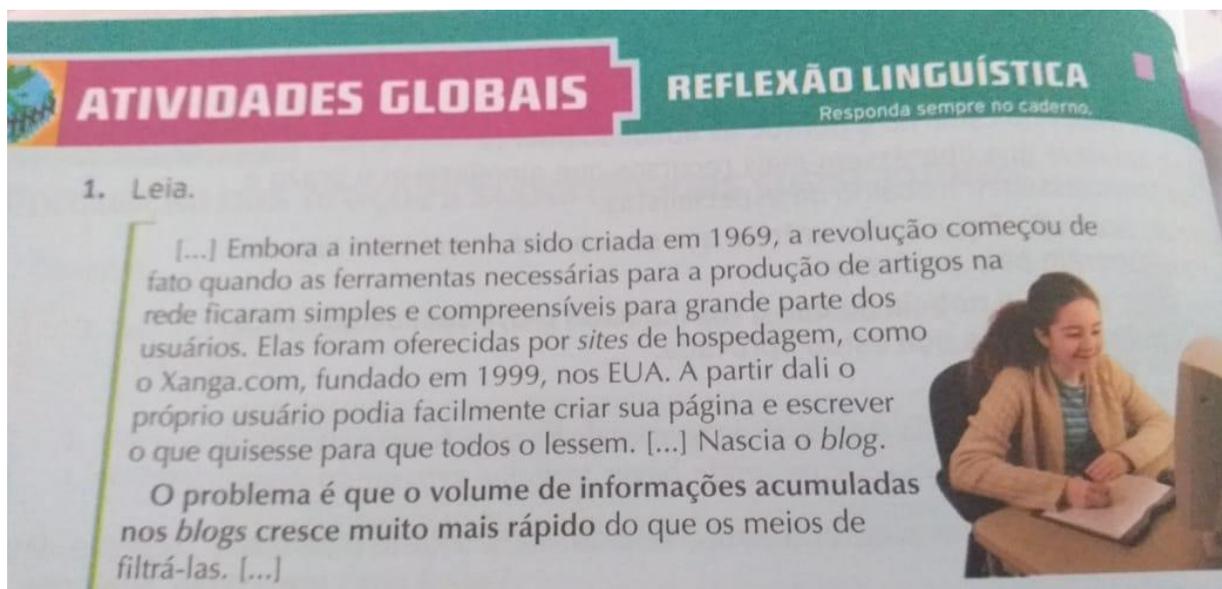
fashion, notebooks, desktops, winchester, entre outros, para demonstrar a importância dos termos, ou expressões atualmente utilizadas no país, expressões encontradas na unidade suplementar do livro texto.

4.1.2 Segundo Manual Didático analisado – “Para viver juntos: Português” - 9º. ano

Foi analisado, *a posteriori*, o manual do 9º. ano de Língua Portuguesa, intitulado “Para viver juntos: Português”, das autoras Greta Marchetti, Heidi Strecker e Mirella L. Cleto de 2015 que foi inscrito no PNLD em 2017, usado atualmente na rede municipal de ensino.

A partir do mapeamento das duas coleções estudadas, verificou-se que este segundo manual didático analisado, diferentemente do primeiro MD, apenas começou mencionar as primeiras palavras inglesas a partir da página 74, onde observa-se o emprego das palavras *internet, sites, blog, blogs*. Trata-se de um texto do autor Fabio Cipriani extraído da Revista Carta Capital.

Figura 24 – Sessão “Atividades Globais”

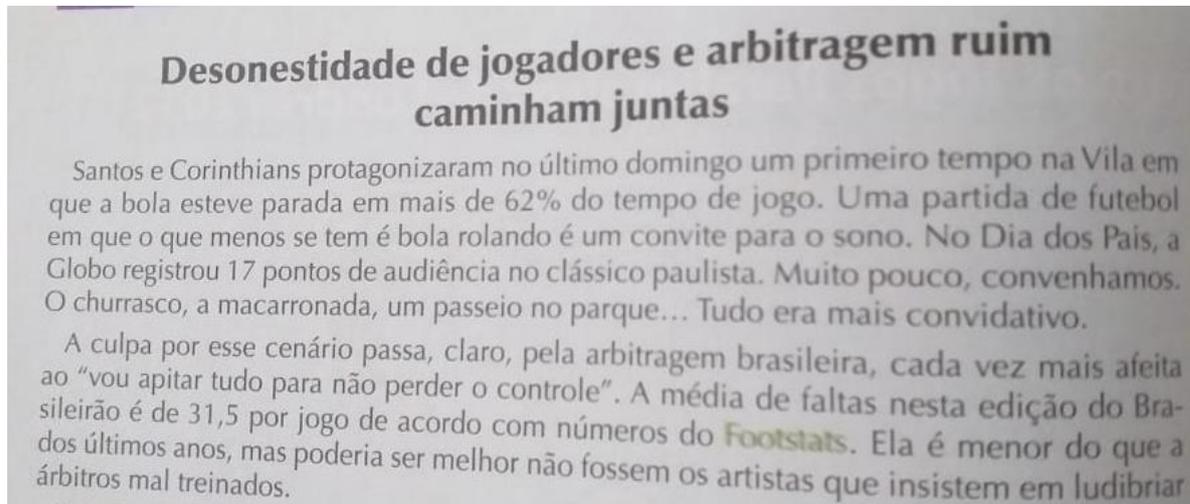


Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 74).

Na p. 80, verifica-se o emprego do vocábulo *footstats*, que se trata de uma empresa especializada em estatísticas sobre o futebol. O texto é uma crônica

esportiva do autor Bruno Winckler, denominada “Desonestidade de jogadores e arbitragem ruim caminham juntas”.

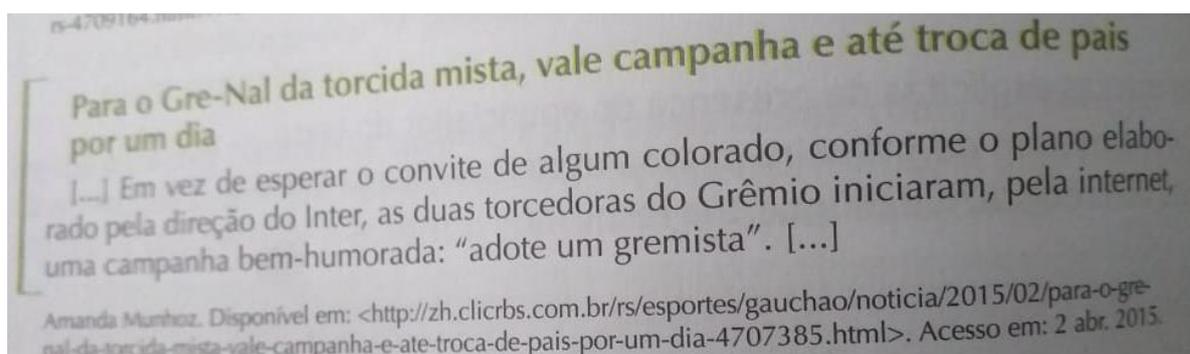
Figura 25 – Desonestidade de jogadores e arbitragem ruim caminham juntas.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 80).

Mais uma vez, a palavra internet é mencionada em um manual didático (p. 84) em uma minicrônica esportiva de Amanda Munhoz.

Figura 26: Minicrônica esportiva.



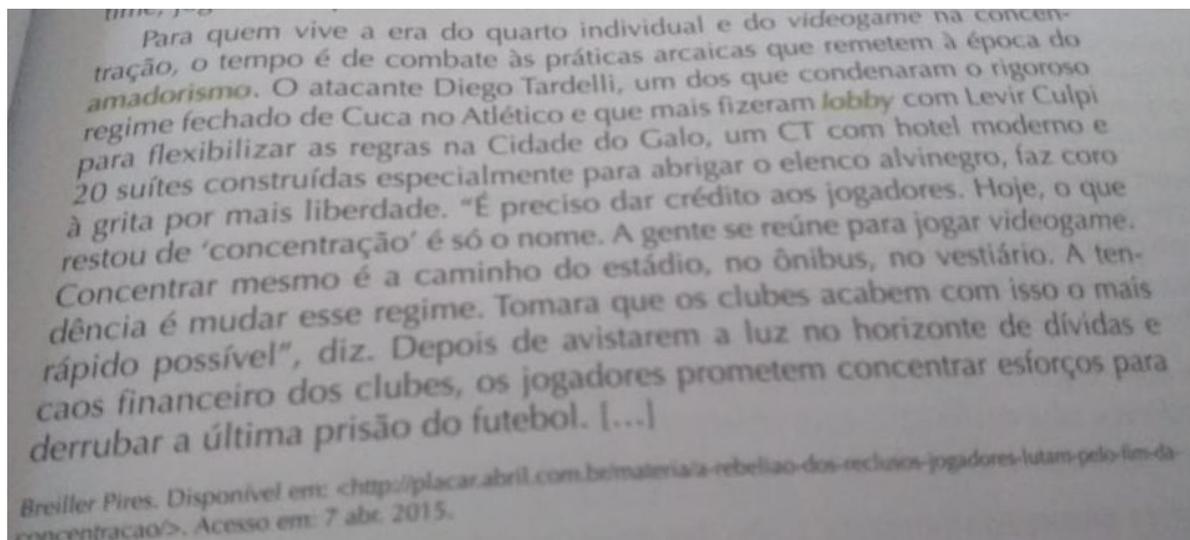
Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 84).

Alguns vocábulos em língua inglesa são encontrados na página 95, na segunda parte do texto “Dá para confiar” de Breiller Pires, tais como: *lobby*²⁰, *videogame*,

²⁰ Pressão de um grupo organizado sobre políticos e poderes públicos.

videogames, todos encontrados em uma reportagem de Breiller Pires na Revista Placar da Abril Editora.

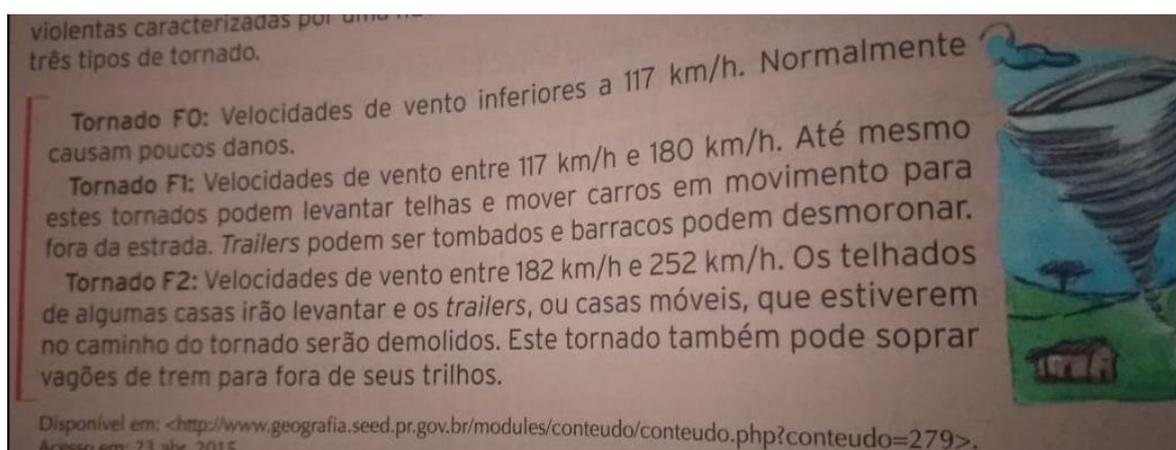
Figura 27 – Dá para confiar.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 95).

Na página 118, há o uso duplo da palavra *trailers* em uma descrição de três tipos de tornados.

Figura 28: Tornardos.



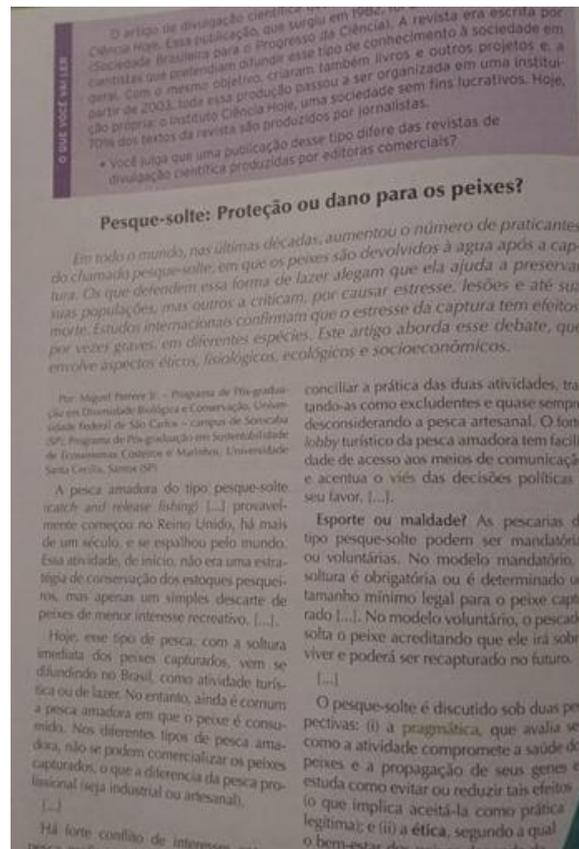
Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 118).

Encontra-se o termo *catch and release fishing* (pesca amadora do tipo pesque-solte), na p. 126. Trata-se de um artigo de divulgação científica de Miguel Petreire Jr.

Segundo as autoras Gheller e Borstel (2010), em se tratando dos PCN's, sabe-se que mencionam e contemplam as diversidades culturais, existentes, no país, e

buscam construir referências nacionais comuns ao processo educativo. Visam contribuir com a comunidade escolar no contexto das discussões pedagógicas da atualidade. Estes documentos posicionam-se contra discriminações pelas diferenças culturais, contudo em relação às alternâncias e transferências gramaticais (fônica, morfológica, sintática, lexical e semântica), é observado nestes documentos que há uma ausência de informações a esse respeito. Grosso modo, o único fenômeno de uso, citado no PCN de Língua Portuguesa, refere-se ao estrangeirismo e aos empréstimos, expondo que o educando necessita ter consciência sobre o emprego correto de palavras limitadas a certas condições históricas e sociais de estrangeirismos.

Figura 29 – Pesque-solte 1.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 126).

Também são encontradas no mesmo artigo (p. 127), na segunda parte do texto, as palavras *lobby*, *bogagrip* (alicate especial de pesca), *largemouth bass* (peixe da família *Micropterus salmoides*), *common snook* (peixe robalo branco).

Figura 30: Pesque-solte 2.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 127).

Na página 135, há uma tirinha de Chris Browne com o termo *viking*.

Figura 31 – Viking.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 135).

Encontra-se a palavra *country* em um minitexto da Revista Galileu denominado “Ciência maluca – Os arquivos bizarros” (p. 139).

Figura 32 – Ciência maluca – Os arquivos bizarros.

Um dia de cientista
 Leia estas informações.

Ciência maluca – Os arquivos bizarros
 Acredite se quiser: estudos cada vez mais estranhos vêm sendo conduzidos por pesquisadores sérios de algumas das universidades mais renomadas do mundo.

Você sabia que frutas e legumes têm personalidade? De acordo com uma pesquisa liderada por Robert Sommer, da Universidade da Califórnia, em 1988, limões não parecem ser muito afáveis, cebolas são idiotas e cogumelos são alpinistas sociais. Sommer não está sozinho em sua fascinação pelas ideias bizarras que povoam a mente humana. A cada geração, alguns poucos pesquisadores têm a coragem de explorar terrenos nos quais seus principais colegas temeram colocar os pés. Uma equipe, por exemplo, investigou como suicídios poderiam estar relacionados com a quantidade de música *country* tocada no rádio. Outra fez um mapa da beleza do Reino Unido, anotando o número de pessoas bonitas que andavam pelas ruas (Londres ficou em primeiro lugar e Aberdeen em último, se você quiser saber).

Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,EDG77811-7943-192.00.html>>.
 Acesso em: 30 abr. 2015.

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 139).

Também explana-se sobre um *Podcast* (p. 142), que é um arquivo de áudio que pode ser baixado e transferido para tocadores de MP3. O nome deriva de duas palavras do inglês: *iPod* (marca de um tocador) e *broadcasting* (transmissão de rádio). Desse modo, estas três palavras citadas constam no texto.

Figura 33: Podcast.

Podcast

Observe a imagem ao lado, uma vinheta retirada do site da revista inglesa *Nature*, que promove a divulgação científica.

1. Descreva o que o homem retratado na imagem está fazendo.
2. Que relação a imagem tem com a divulgação científica?
3. Essa vinheta faz parte de um site da revista *Nature* que oferece podcasts. Podcast é um arquivo de áudio que pode ser baixado e transferido para tocadores de MP3. O nome vem de duas palavras do inglês: iPod (marca de um tocador) e *broadcasting* (transmissão de rádio). Quais seriam os conteúdos dos podcasts oferecidos pela *Nature*?

Produção de texto: podcast



Ilustração da Nature Podcast.

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 142).

Em uma explicação acerca do artigo de opinião “Por uma longa vida útil aos produtos”, há a palavra *site* (p.178).

Figura 34 – Por uma longa vida útil aos produtos.

Artigo de opinião

O artigo de opinião a seguir foi publicado em junho de 2014, no site do Instituto Akatu pelo Consumo Consciente, entidade relacionada ao impacto do consumo no meio ambiente e à sustentabilidade.

Escrito por Hélio Mattar, presidente do Instituto Akatu, o texto apresenta situações relacionadas ao consumo de produtos e serviços, além de questões ligadas ao descarte e ao reúso. Ao longo do artigo de opinião, também são apresentados dados de estudos que auxiliam na reflexão proposta pelo autor.

- Leia o título do artigo e busque deduzir a ideia defendida pelo autor do artigo de opinião.



O QUE VOCÊ VAI LER

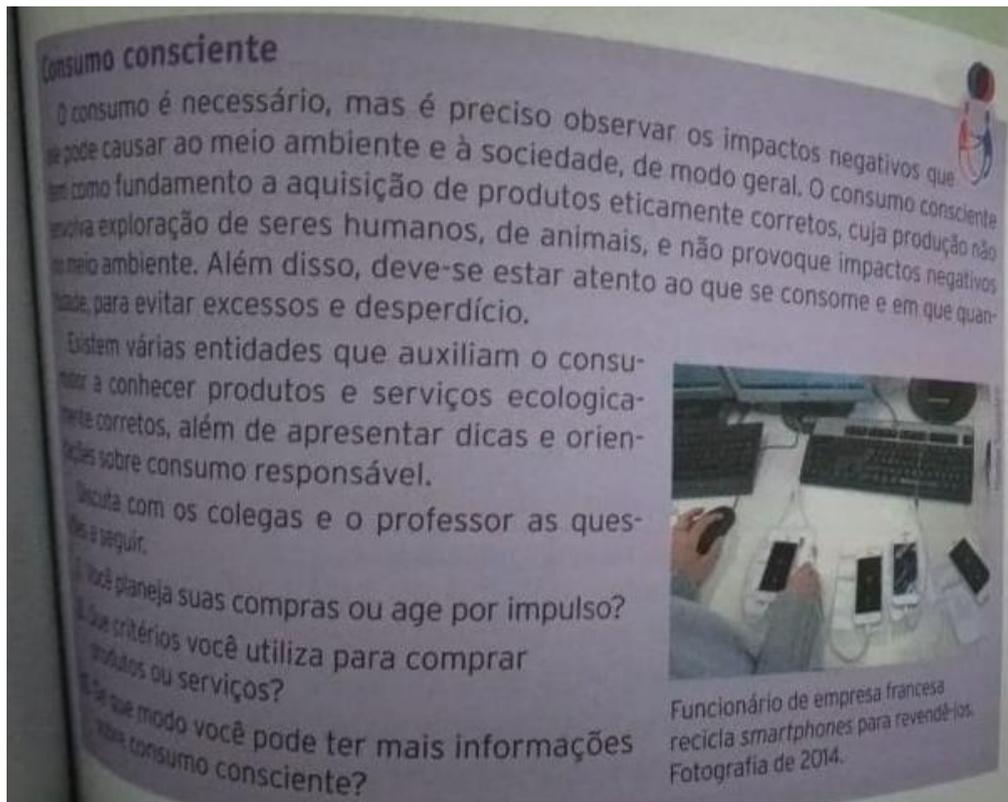
Hélio Mattar
(1947-), doutor em engenharia industrial e presidente do Instituto Akatu. Fotografia de 2012.

Zanone Fotografia

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 178).

Há a presença da palavra *smartphones* em uma fotografia de 2014, ao lado de um minitexto “Consumo consciente” (p.185).

Figura 35 – Consumo consciente.

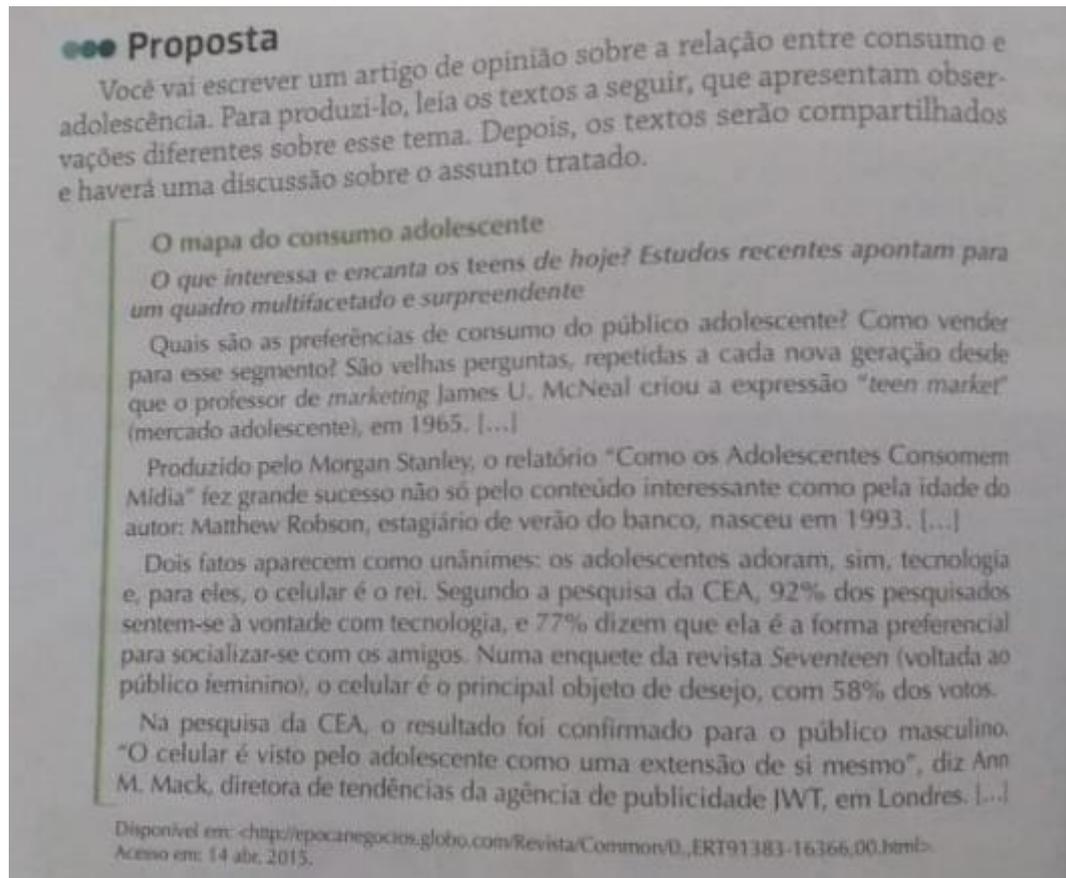


Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 185).

Em uma proposta para a escrita de um artigo de opinião, há a presença das palavras *marketing*, *teens*, *teen*, *market*, *Seventeen* (nome de uma revista) no texto “O mapa do consumo adolescente” (p. 186).

O desenvolvimento da habilidade de dizer/entender o que outras pessoas, em outros países, diriam em determinadas situações, leva, portanto, à compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto da cultura materna. Essa compreensão intercultural promove, ainda, a aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento. Assim, colabora-se para a construção e para o cultivo de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas.

Figura 36 – O mapa do consumo adolescente.

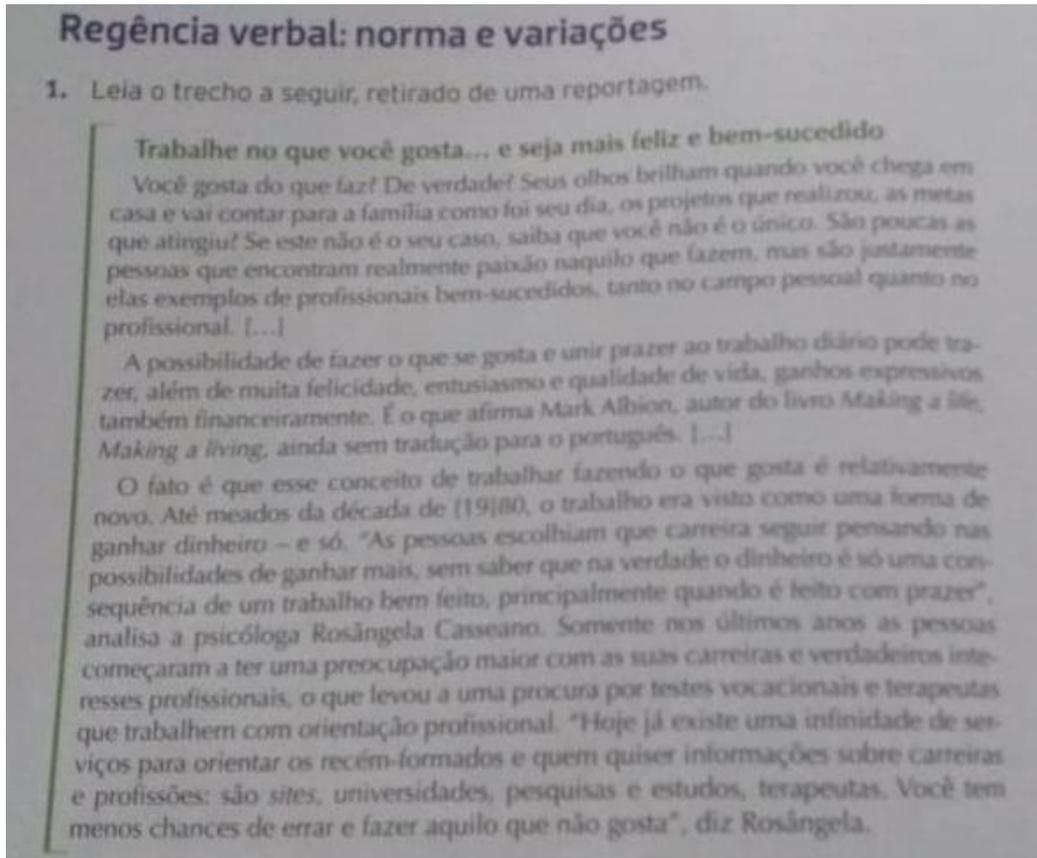


Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 186).

Na página 192, apresentam-se as frases retiradas de uma reportagem de Camila Micheletti referentes ao livro de Mark Albion “*Making a life, Making a living*” – ainda sem tradução para o português. Também, no mesmo texto, é encontrada a palavra *site*.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, a aprendizagem da língua estrangeira é também uma possibilidade de aumentar a autopercepção do estudante como ser humano e como cidadão. Daí centrar-se no engajamento discursivo do aluno, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a agir no mundo social (BRASIL, 1998, p. 15). Dessa maneira, o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes, tornando-se função primordial na escola.

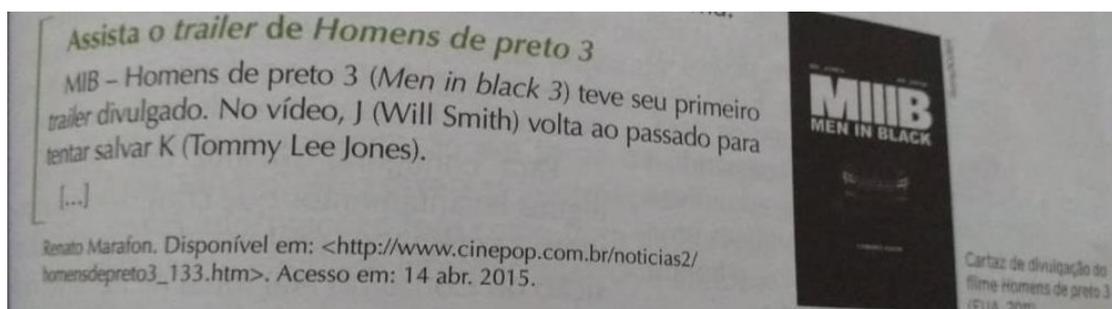
Figura 37 – *Making a life, Making a living.*



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 192).

Há um texto de Renato Marafon (p. 193) retirado de um *site* dedicado ao cinema. Tanto no minitexto quanto no cartaz de divulgação há a presença da frase *Men in black*, traduzida para o cinema como “Homens de preto”. Também são encontradas as palavras *trailer*, *site*, *Will Smith* (ator) e *Tommy Lee Jones* (ator).

Figura 38 – Minitexto.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 193).

Na página 208, há uma atividade proposta da montagem de uma exposição, cujo texto “Interligados” traz, em seu contexto, algumas palavras, tais como: *tablets*, *smartphones*.

Figura 39 – Interligados.

INTERLIGADOS

E agora... a história de todos!

Do início do século XXI até hoje, fatos e acontecimentos históricos se acumulam. Houve o avanço tecnológico que propiciou a invenção dos *tablets* e *smartphones*, a pesquisa com células-tronco, que sinaliza a cura de doenças graves, a Copa do Mundo no Brasil, em 2014, as Olimpíadas, em 2016, entre muitos outros acontecimentos. Até que ponto tais eventos repercutiram em sua própria vida e na das pessoas que você conhece?

Neste projeto, você vai escrever um conto em que a vida de uma personagem esteja entrelaçada com um grande acontecimento histórico. O enredo deverá ser inspirado em sua própria experiência pessoal. Você produzirá também uma caixa (uma espécie de “cápsula do tempo”) onde serão guardados objetos que simbolizem ou representem a história que você escreveu.

No final, você vai montar com a turma uma exposição com o tema “Histórias de todos nós” para mostrar seu conto e sua “cápsula do tempo” aos convidados (colegas de outras turmas, familiares, comunidade escolar). Para tanto, mobilizará conhecimentos de diferentes disciplinas: História, Língua Portuguesa e Arte.

Objetivos

- Relacionar uma experiência individual com fatos históricos relevantes.
- Escrever um conto em que essa relação esteja presente na narrativa.
- Criar uma caixa contendo objetos de valor histórico e pessoal.
- Montar uma exposição com os textos e caixas produzidos.

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 208).

A página 210 traz o tema da resenha crítica. Questiona os alunos em uma atividade acerca do filme “Alice no País das Maravilhas” de Tim Burton. Na atividade proposta, há a presença dos vocábulos *blog* e do nome *Lewis Carroll* (pseudônimo de *Charles Lutwidge Dodgson*), escritor do livro “Alice no País das Maravilhas”.

Figura 40 – Atividade proposta

CONVERSE COM OS COLEGAS

1. Observe a imagem ao lado. O que você sabe sobre a personagem que está no centro da cena?
2. Com base nessa imagem, que aspectos do filme você julga chamar a atenção do público?
3. Você acha que profissionais como um maquiador, um figurinista, um cenógrafo e um operador de câmera observariam aspectos diferentes assistindo ao filme?
4. Você julga importante entender tecnicamente da produção de um filme para avaliá-lo?
5. Em sua opinião, um estudioso de cinema, teatro, música, literatura ou artes plásticas pode ajudar um leigo a observar aspectos de uma obra artística que inicialmente não lhe chamam a atenção?
6. Você costuma se orientar pela opinião de conhecidos ou de críticos (de jornais, revistas e blogs) para escolher livros, filmes e peças de teatro?
7. O livro *Alice no País das Maravilhas* foi escrito em 1865 por Lewis Carroll (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson). Ele vem sendo publicado há décadas no Brasil, em traduções para o português.
 - a) Por não se tratar de um livro novo, você acha que os críticos literários resenham essa obra quando escrevem nos jornais ou em blogs?
 - b) Em caso afirmativo, de que aspectos eles tratariam, visto que a obra já é conhecida?

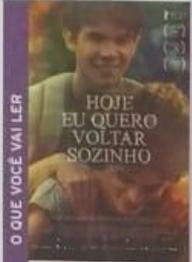
Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 210).

Neste momento, o manual didático dá um grande salto e só na página 226, na resenha crítica do filme “Hoje eu quero voltar sozinho”, sob o título “Romance de formação” de Bruno Carmelo, vai apresentar palavras em língua inglesa, como: *gay*, *C’Ds*, *bullying*.

Figura 41 – Romance de formação.

LEITURA 2

Resenha crítica



O QUE VOCÊ VAI LER

Cartaz do filme *Hoje eu quero voltar sozinho*, 2014 (Brasil). Direção de Daniel Ribeiro.

★★★★★ Nota Adorocinema

Na primeira parte deste capítulo, você leu e analisou a resenha crítica de um livro de contos. Agora é a vez de entrar em contato com a resenha crítica de um filme.

Livros e filmes – assim como espetáculos de dança e música, peças de teatro, CDs, exposições, etc. – são considerados objetos de consumo cultural, ou seja, ainda que representem cultura, seu destino é serem comprados, lidos, vistos, etc. por determinado público. É preciso, então, que o público disponha de informações suficientes para decidir se deseja consumi-los. Ler resenhas críticas é uma forma de obter essas informações e, ainda, de conhecer a opinião de um especialista – o crítico.

- Em geral, o que desperta em você o desejo de assistir a um filme no cinema ou na TV?

Romance de formação

Em *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, o diretor e roteirista Daniel Ribeiro desenvolve uma ideia interessante, aplicando a uma história universal (a descoberta do primeiro amor) características particulares: a homossexualidade e a deficiência física. Este já era o caso do curta-metragem *Eu Não Quero Voltar Sozinho*, também de Ribeiro, no qual os mesmos personagens enfrentavam o medo do primeiro beijo. No longa, o debate se amplia para o amor em geral e para as perspectivas de independência do adolescente em crise.

Ironicamente, o duplo *tabu* do protagonista (gay e cego) funciona como astuciosa ferramenta narrativa: Leonardo (Ghilherme Lobo) não é visto como arquétipo social, como “o garoto cego” ou “o garoto gay”. Ele não é um símbolo único de uma dessas duas comunidades. As dificuldades enfrentadas por Leo são usadas como metáforas para os conflitos de qualquer jovem, que também pode se sentir diferente por ser ruivo, obeso, órfão, disléxico ou simplesmente tímido, ruim em esportes etc. Este é um dos grandes méritos do filme: tratar as particularidades do protagonista como trataria as especificidades físicas e de temperamento de qualquer adolescente.

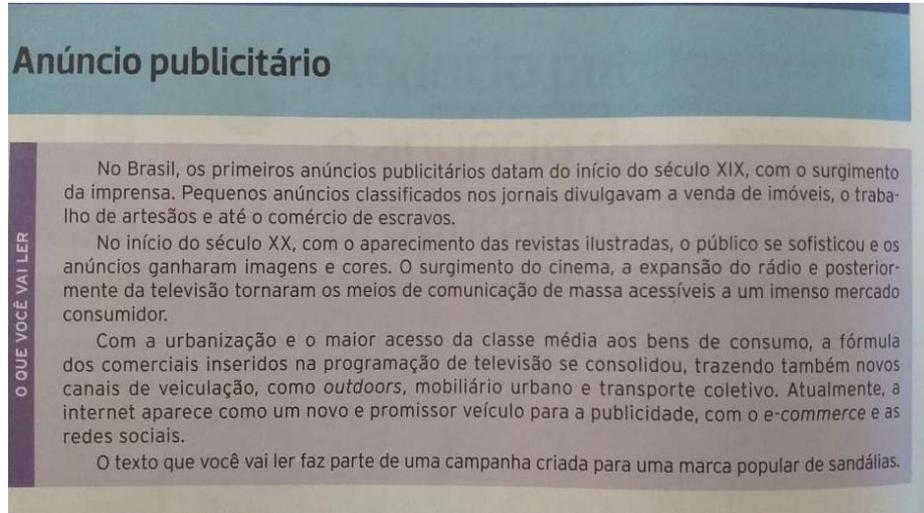
Sem pretensões militantes (com exceção da cena final), o roteiro evita instrumentalizar as particularidades de Leonardo. Quando vemos o dia a dia da personagem, ele já está devidamente inserido na sociedade, estudando em uma escola para adolescentes sem deficiência, indo e voltando para casa com a amiga Giovana (Tess Amorim). Não existe o baque da chegada do garoto cego à escola, nem a descoberta do próprio Leonardo de seu desejo por homens. O roteiro de Ribeiro ultrapassa os típicos relatos cinematográficos de autodescoberta para saltar ao próximo passo: a autoafirmação.

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho trabalha os conflitos da trama de maneira leve, terna. Os momentos pontuais de *bullying* praticados por um grupo de colegas não deixam grandes marcas em Leonardo; as brigas com os pais se dissipam em minutos; as disputas com Giovana apresentam uma evidente perspectiva de reconciliação. O universo não é hostil às minorias, pelo contrário:

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 226).

Na página 244, em uma explanação acerca de um anúncio publicitário, há a presença dos vocábulos *outdoors*, *internet*, *e-commerce*²¹.

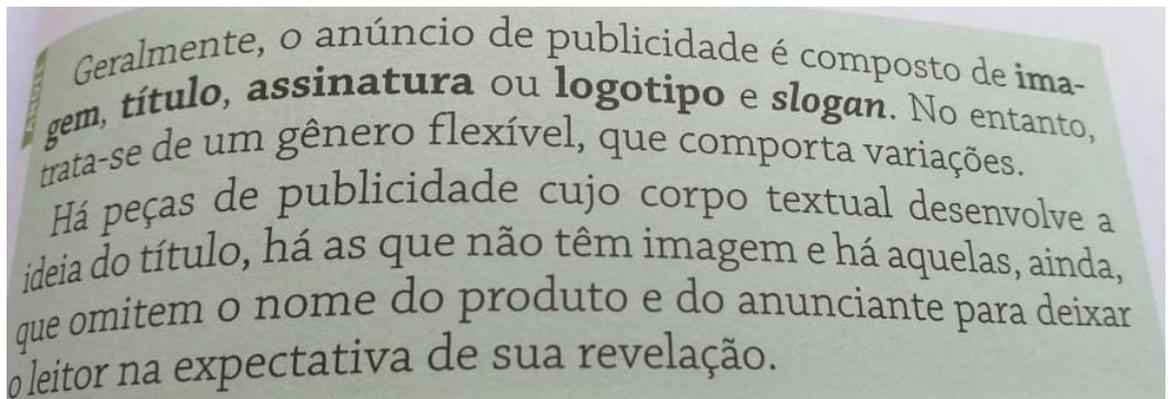
Figura 42 – Anúncio publicitário.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 244).

Já na p. 245, encontra-se no *box* “Anote”, as palavras *logotipo* e *slogan*.

Figura 43 – Anote.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 245).

Na página 246, em um estudo do texto sob o nome “O contexto de produção”, aparece a palavra *busdoor* (publicidade que circula em ônibus), e ao lado, encontra-se um exemplo de *busdoor*. E logo abaixo, no bloco “Anote”, há a menção da palavra *outdoor*.

²¹ Comércio eletrônico.

Figura 44 – O contexto de produção.

●●● O contexto de produção

1. Observe este *busdoor* (publicidade que circula em ônibus).
 - a) Quem lê, geralmente, anúncios veiculados em *busdoors*?
 - b) Qual é a relação entre a imagem, na proporção que aparece no anúncio, e o produto que está sendo divulgado?
 - c) O anúncio publicitário desse *busdoor* está direcionado a um público específico? Explique.
 - d) Em relação a uma revista, quais são as vantagens e as desvantagens, para um anunciante, de uma peça publicitária em *busdoor*?

ANOTE A decisão sobre quem é o **público-alvo** de um anúncio determina o seu **espaço de circulação** e o **suporte** que o abrigará: jornal, revista, *outdoor*, panfleto, ônibus ou outros. As características desse suporte podem ser aproveitadas para integrar a estratégia persuasiva do anúncio.



Busdoor no estado de Sergipe.

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 246).

Consta, na página 248, um “Anúncio publicitário – cartaz” reproduzido na edição brasileira da revista “Seleções” do “*Reader’s Digest*”, do ano de 1942, e neste anúncio apresentam-se as palavras *Kodak Verichrome* (película), *Eastman Kodak Company* e *Rochester* (revendedoras nas principais cidades das Américas).

Figura 45 – Anúncio publicitário – cartaz.

Anúncio publicitário – cartaz

O anúncio reproduzido abaixo foi publicado no ano de 1942, na edição brasileira da revista *Seleções* do *Reader’s Digest*. Leia-o.

Num mundo em transformação constante
Os instantâneos são mais preciosos que nunca...

Amigos e família têm hoje mais valor que nunca... A vida e as ocupações domésticas ganham novo relevo, e o álbum de instantâneos é muito mais apreciado! Por isso, os instantâneos que V.S. tirar este ano talvez venham a ser os mais preciosos da sua coleção.

Use a máquina fotográfica sempre que puder. E já que só se contenta com o que é bom – fotos claras, cheias de vida – consague-a com a Película Kodak Verichrome. A Verichrome é a preferida de milhões de amadores. Qualquer máquina comum tira melhores fotos quando carregada com Verichrome. Peça Verichrome nas lojas que vendem Kodak.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER, N.Y., E.U.A.
Revendedores nas principais cidades das Américas

O texto desse anúncio – tanto por sua dimensão quanto pelo vocabulário utilizado – tornou-se ultrapassado.

- Considere o público-alvo dessa publicidade e, aproveitando a ideia contida nele de que “amigos e família têm hoje mais valor que nunca”, redija um texto mais sintético e coloquial para o mesmo produto e a mesma imagem.



Anúncio publicitário da Kodak, de 1942.

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 246).

Em uma nota publicada no jornal eletrônico “Último Segundo”, há a palavra *Microbike* (p. 250), que se trata de uma moto de 2kg do tamanho de um sapato.

Figura 46 – Último Segundo.

Abreviação

Observe esta nota publicada no jornal eletrônico *Último Segundo*.

Uma moto de apenas dois quilos foi exibida nesta quinta-feira em Leipzig, na Alemanha. Veja a foto ao lado.

A Microbike, uma moto de 2 quilos e do tamanho de um sapato, foi exibida nesta quinta-feira em Leipzig (Alemanha) para promover uma feira de motocicletas que começa no dia 1º de fevereiro. Fotografia de 2008.



Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: 7 nov. 2011.

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 250).

O tema empréstimo ou estrangeirismo é mencionado (p. 251) timidamente no segundo manual didático em estudo. São apresentadas as palavras ligadas ao universo da informática: *blog, site, e-mail, link, chip, mouse*. Todas elas estão incorporadas ao léxico da língua portuguesa com algumas variações na escrita ou pronúncia e, no entanto, são palavras de língua inglesa.

Figura 47 – Empréstimo.

Ampliação do vocabulário da língua

Empréstimo

Observe as seguintes palavras, ligadas ao universo da informática: *blog, site, e-mail, link, chip, mouse*. Todas elas estão incorporadas ao nosso dia a dia e, no entanto, são palavras da língua inglesa.

Empréstimo ou **estrangeirismo** ocorre quando uma palavra de outra língua passa a fazer parte da língua portuguesa, com adaptação da pronúncia e da grafia ou não. Os empréstimos surgem do contato com outras culturas e de novas práticas sociais. Exemplos: *pizza* (italiano), *sutiã* (francês), *karakê* (japonês), *jeans* (inglês).

Neologismo

Necessidades linguísticas alavancam a criação de novas palavras ou a atribuição de significados novos a palavras antigas. Por exemplo, a palavra *blogueiro*, que designa a pessoa que tem *blog* (página pessoal na internet), foi criada a partir do empréstimo *blog* e do sufixo *-eiro*.

Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 251).

Há a apresentação de estrangeirismo na moderna língua portuguesa na tirinha de Adão Iturrusgarai (p. 254). Observa-se a presença da expressão *serial killer*.

Figura 48 – Estrangeirismos.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 254).

Percebe-se, no último quadrinho, que o aluno foi chamado de *anglicista*²², porque, para o autor da tirinha, o uso da palavra estrangeira, de certo modo, valoriza o produto oferecido por eles. Assim, verifica-se o papel desses empréstimos na construção da língua portuguesa.

Em uma outra atividade que consta ainda nessa mesma página, há quatro imagens com expressões em inglês: *pizza delivery*, *50% off*, *Fashion sale*, *online*.

Figura 49 – Atividade.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 254).

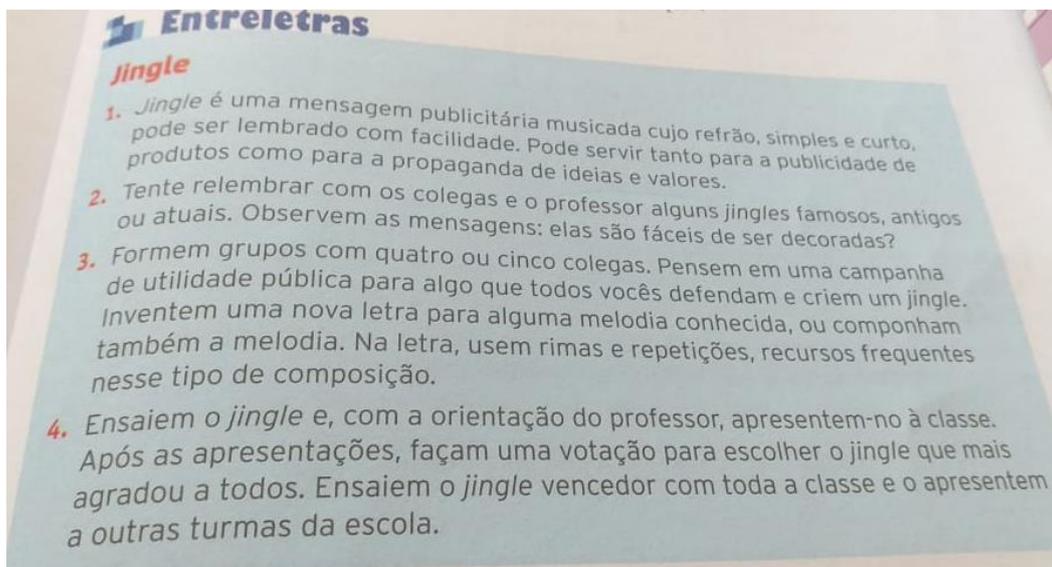
²² Pessoa que imita os hábitos dos países de língua inglesa.

Todas essas figuras têm palavras em língua inglesa empregadas no cotidiano das pessoas no país, seja no consumo, seja na cultura. Outras palavras usadas são: *web, mouse, site, happy hour, coffee break, rente a car, best-seller*.

Na página 262, encontra-se o tema dos processos de formação das palavras: composição e derivação. Comentou-se na explanação do assunto que são usadas uma série de palavras que são empréstimos de outras línguas em que muitas delas são palavras formadas por composição. Para exemplificar têm-se as palavras *vídeo + game -> videogame; on + line -> online; web + site -> website*.

Na pg. 267 há a explicação e menção da palavra *jingle* (mensagem publicitária musicada).

Figura 50: *Jingle*.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 267).

Há uma tirinha de Adão Iturrusgarai, com a presença da palavra *customizar* que adveio da palavra de origem inglesa *custom* que significa 'costume, hábito', se for substantivo. Se for adjetivo, significa 'feito sob encomenda'. Então, a palavra *customizar* significa 'fazer sob medida, criar uma peça exclusiva, personalizada'. Esta palavra foi formada por derivação sufixal, ou seja, aquela que se dá por acréscimo de um sufixo à palavra primitiva.

Na mesma página 267, há a definição de alguns termos de informática, tais como: *navegador, net, netfind* e *netiqueta*. Os vocábulos *net* e *netfind* são estrangeirismos. A palavra *navegador* deriva do verbo navegar, já as palavras

netiqueta (inter) net + (et) queta é uma palavra composta por aglutinação, ou seja, união em que os radicais se modificam para formar a nova palavra.

Na página 278, há a presença da palavra *Greenpeace* em um anúncio de propaganda.

Figura 51 – *Greenpeace*.



Fonte: Marchetti; Strecker; Cleto (2015, p. 278).

A aprendizagem de língua estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da cultura(s) estrangeira(s).

Após apresentação das figuras do 2º. manual didático, serão elencados os itens identificados no MDLP analisado, seus contextos e localização, em um breve resumo, de acordo à Tabela 02.

Quadro 02 – livro didático de língua portuguesa do 9º. ano – “Para viver juntos: Português”

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º. ANO ²³		
Itens lexicais identificados	Página	Contexto das ocorrências
<i>internet, sites, blog, blogs</i>	74	Palavras empregadas no texto de Fábio Cipriani que trata da origem e crescimento da internet e os desafios enfrentados no percurso.
<i>Footstats</i>	80	O termo, formado pela junção de duas palavras da língua inglesa, dá nome a uma empresa especializada em coleta e análise de informações relacionadas ao futebol. Ele aparece em uma crônica esportiva intitulada “Desonestidade de jogadores e arbitragem ruim caminham juntas”.
<i>Internet</i>	84	O vocábulo aparece em uma Minicrônica esportiva que descreve a campanha bem humorada de duas torcedoras em busca de lugar em uma torcida mista.
<i>lobby, videogame, videogames</i>	95	Esses estrangeirismos foram encontrados na segunda parte do texto “Dá para confiar” que faz parte de uma reportagem de Breiller Pires na Revista Placar da Abril Editora.
<i>Trailers</i>	118	Em uma descrição e classificação de três tipos de tornados, surge o uso duplo da palavra <i>trailers</i> .
<i>catch and release fishing</i>	126	A expressão é usada no artigo de divulgação científica que traz questionamentos sobre a prática da pescaria amadora do tipo pesque-solte.
<i>lobby, bogagrip, largemouth bass, common snook</i>	127	Na segunda parte do artigo sobre a pescaria pesque-solte, é relatada a inexistência de dados sobre os efeitos desse tipo de pescaria às espécies de peixes Brasileiros.
<i>Viking</i>	135	O termo aparece na tirinha de Chris Browne relacionado à palavra “chifres” para satirizar a relação de poder entre o marido e a esposa.
<i>country</i>	139	O Minitexto “Ciência maluca – Os arquivos bizarros” relata estudos estranhos e menciona que uma equipe investigou como suicídios poderiam

²³ MARCHETTI, Greta; STRECKER, Heide; CLETO, Mirela L. **Para viver juntos: Português. 9º ano: anos finais: ensino fundamental. 4 ed.** São Paulo: Edições SM, 2015.

		estar relacionados com a quantidade de música “country” tocada no rádio.
<i>Podcast, iPod, broadcasting</i>	142	O autor usa uma imagem para introduzir o tema da atividade por meio de perguntas e, em seguida, explica a formação do termo “Podcast”. Na sequência, propõe a produção de um texto (podcats).
<i>Site</i>	178	A palavra aparece no artigo de opinião “Por uma longa vida útil aos produtos” para indicar onde foi publicado o texto.
<i>Smartphones</i>	185	No Minitexto “Consumo consciente”, a palavra está inserida na descrição do processo de reciclagem.
<i>marketing, teens, teen, market, Seventeen</i>	186	Essas palavras fazem parte da proposta para a escrita de um artigo de opinião a partir da leitura Texto “O mapa do consumo adolescente”.
<i>Making a life, Making a living, site</i>	192	Frases retiradas de uma reportagem de Camila Micheletti referentes ao livro de Mark Albion. O texto fala que há maior probabilidade de realização em se trabalhar com o que se gosta.
<i>Men in black, trailer, site, Will Smith, Tommy Lee Jones</i>	193	Expressões encontradas no minitexto de Renato Marafon e cartaz do filme “Men in black”. Ambos são utilizados para divulgação do filme.
<i>tablets, smartphones.</i>	208	Os dois estrangeirismos aparecem no texto “Interligados” que aborda alguns fatos e acontecimentos históricos desde o início do século XXI, tais como: avanço tecnológico, pesquisas com células-tronco, Copa do Mundo e Olimpíadas.
<i>Blog, Lewis Carroll, Charles Lutwidge Dodgson</i>	210	Na Atividade proposta “Resenha Crítica”, que questiona os alunos em uma atividade acerca do filme “Alice no País das Maravilhas” de Tim Burton, há a presença desses vocábulos.
<i>gay, CD’s, bullying</i>	226	Os termos estão inseridos na Resenha crítica “Hoje eu quero voltar sozinho” sob o título “Romance de formação” de Bruno Carmelo.
<i>outdoors, internet, e-commerce</i>	244	Os vocábulos são explanados em um anúncio publicitário.
<i>logotipo e slogan</i>	245	Essas palavras aparecem no “Box-Anote” que explica o que é um anúncio publicitário.
<i>busdoor, outdoor</i>	246	Na atividade “O contexto de produção” aparecem as palavras em inglês para denominar o tipo de publicidade que circula em ônibus e o tipo que aparece em placas de 9m de largura x 3m de altura, geralmente afixadas em vias públicas.
<i>Reader’s Digest, Kodak Verichrome, Eastman Kodak Company, Rochester.</i>	246	Essas palavras constam no “Anúncio publicitário – cartaz”, reproduzido na edição brasileira da revista “Seleções” do “Reader’s Digest”, do ano de 1942.

		O conteúdo veiculado procura persuadir o consumidor a comprar os produtos Kodak.
<i>Microbike</i>	250	O termo foi usado em uma nota publicada no jornal eletrônico “Último Segundo” que descreve uma moto de 2kg do tamanho de um sapato.
<i>blog, site, e-mail, link, chip, mouse</i>	251	Essas palavras, que são ligadas ao universo da informática, foram usadas na atividade “Ampliação do vocabulário da língua”. Nela, as autoras abordam, de forma breve, os temas “Empréstimo, Estrangeirismo e Neologismo”.
<i>serial killer</i>	254	Na tirinha de Adão Iturrusgarai, está presente o termo <i>serial killer</i> . O texto é usado para a introdução do termo “anglicista”.
<i>pizza delivery, 50% off, Fashion sale, online.</i>	254	Vocábulos usados para desenvolvimento da atividade proposta acerca do tema “Empréstimo, Estrangeirismo e Neologismo”.
<i>videogame, online, website.</i>	262	Estrangeirismos usados para exemplificar os processos de formação das palavras. Comentou-se na explanação do assunto que uma série de palavras usadas na língua portuguesa são empréstimos de outras línguas e que muitas delas são palavras formadas por composição e derivação.
<i>Jingle</i>	267	Na atividade do quadro “Entreletras”, há a explicação do termo e uma proposta de criação de um “ <i>Jingle</i> ”.
<i>custom, customizar</i>	268	A palavra “ <i>customizar</i> ”, que adveio da palavra de origem inglesa “ <i>custom</i> ”, aparece na tirinha de Adão Iturrusgarai. Ela foi formada por derivação sufixal, ou seja, aquela que se dá por acréscimo de um sufixo à palavra primitiva.
<i>net, netfind e netiqueta</i>	268	Os termos de informática aparecem listados e com suas definições na atividade.
<i>Greenpeace</i>	278	Trata-se de um anúncio de propaganda onde a palavra “ <i>Greenpeace</i> ”, que nomeia um grupo de ativista que lutam em prol da defesa do meio ambiente, aparece no texto que faz um apelo sobre as mudanças climáticas.

Fonte: DIAS, A. L., 2022 (arquivo do autor).

Analisando as ocorrências das palavras encontradas no 2º. MDLP do 9º. ano do EF e elencadas na tabela, percebe-se que os termos: *blog, blogs, lobby, videogame, videogames, trailers, viking, country, tablets, smartphones, marketing* também são estrangeirismos. Os léxicos *teens, teen, market, trailer, gay, bullying, outdoor, outdoors, logotipo, slogan, busdoor, microbike, jingle* também são

estrangeirismos e foram assimiladas, independentemente das discussões acerca de introduzir palavras novas no vocabulário da língua portuguesa.

Vale ressaltar que tais termos, quanto à pertinência do seu uso, aqui interessamos que são de fato portadoras de significações importantes que remetem a conhecimentos para uma melhor compreensão da realidade no seu contexto atual, além de outras que encerram um viés de entendimento histórico. Sabe-se que estas palavras foram adotadas e não há outras na língua materna que correspondem ao mesmo contexto. As mesmas não foram aportuguesadas.

Já o termo *catch and release fishing* trata-se da pesca amadora do tipo pesque-solte. Também as expressões *bogagrip*, *largemouth bass* e *common snook* referem-se a peixes, pescarias. *Serial killer* trata-se assassinatos em série. As expressões *pizza delivery*, *50% off*, *Fashion sale* são comumente usados para significar respectivamente, entrega de pizza a domicílio, 50% de desconto, liquidação de moda, roupas.

Os vocábulos *Podcast* (arquivo de áudio), *iPod* (mídia *play* portátil), *broadcasting* (transmissão de rádio) são aparelhos eletrônicos ou referentes a eles. As palavras *blog*, *e-mail*, *link*, *chip*, *mouse*, *internet*, *site*, *sites* são relacionadas ao universo da informática. *Net*, *netfind* e *netiqueta* são definições de alguns termos de informática.

Footstats é uma empresa especializada em coleta e análise de informações relacionadas ao futebol. *Making a life*, *Making a living* são referentes ao livro de Mark Albion, sem tradução, ainda para o português. *Men in black* trata-se do filme *Homens de preto*. *E-commerce* refere-se ao comércio eletrônico

Já as outras palavras, *Seventeen* (nome de uma revista), *Will Smith*, *Tommy Lee Jones*, *Lewis Carroll*, *Charles Lutwidge Dodgson* são nomes próprios. Outros nomes próprios também descritos no MDLP são *Reader's Digest* (revista), *Kodak Verichrome* (película), *Eastman Kodak Company* e *Rochester*, que são revendedoras nas principais cidades das Américas.

No caso do termo *CD's* (*Compact disc*), sua tradução é disco compacto. Já a palavra customizar é uma palavra aportuguesada, portanto, é um empréstimo linguístico que se origina da palavra inglesa *custom*.

Analisando estes vocábulos usados no livro do 9º. ano do Ensino Fundamental, pode-se fazer uma alusão a Gois (2008), quando diz que empregar termos em inglês

soa como sofisticação e elegância por parte do falante. Para ele, ser moderno, estar na moda, ser atual é usar os mesmos termos que o país de referência utiliza.

Após a pesquisa nas das duas coleções estudadas, verificou-se que o primeiro manual didático analisado, o das autoras Borgatto, Bertin e Marchezi (2012), possui mais palavras em língua em seu contexto do que o segundo manual didático das autoras Marchetti, Strecker e Cleto (2015). O tema estrangeirismos e empréstimos linguísticos é bem mais abordado no primeiro manual, também. Infere-se que o fato de haver mais empréstimos linguísticos e estrangeirismos em um determinado livro didático pode gerar uma dificuldade para o professor de Português que não conhece o significado, tampouco a pronúncia dessas expressões.

Diante dos resultados apresentados e discutidos, considera-se importante a criação de um produto educacional a partir desta pesquisa. Durante o estudo e análise dos manuais didáticos, viu-se que há lacunas na explicitação do sentido ou significado dos estrangeirismos e empréstimos linguísticos, o que dificulta a realização de atividades ali propostas e o entendimento do contexto onde esses termos estão sendo usados. Desta forma, apresenta-se um glossário (Cf. Apêndice A) produzido a partir desta pesquisa, para auxiliar no desenvolvimento do conhecimento proposto nesses manuais didáticos, pois será de grande utilidade para aquelas pessoas que utilizam esses manuais (professores e alunos) ou outros com os parâmetros similares.

5 CONCLUSÃO

Manuais didáticos são bastante utilizados como recursos nas escolas, tanto públicas quanto privadas, pois neles são abordados e explanados os mais diversos temas. Em relação aos materiais aqui abordados, “Português: Projeto Teláris” e “Para viver juntos: Português”, por meio desta análise, verificou-se que são encontradas diversas palavras em língua inglesa para maior compreensão e entendimento dos leitores, auxiliando-os no processo de aprendizagem significativa de língua portuguesa e dos empréstimos linguísticos e estrangeirismos nas séries finais do Ensino Fundamental.

A análise da abordagem dos empréstimos e estrangeirismos nas duas coleções contribuiu para o entendimento de duas situações: a primeira, trata-se da tímida presença do tema relacionado aos estrangeirismos e empréstimos linguísticos na primeira coleção do MDLP das autoras Borgatto, Bertin e Marchezi (2012), desmerecendo-os; a segunda, é que as autoras da segunda coleção, Marchetti, Strecker e Cleto (2015) necessitam rever a maneira de apresentar os léxicos, privilegiando a inserção desses vocábulos tão amplamente usados no cotidiano dos alunos, pois da forma como são colocados, quase estão sem vínculos com a sua função comunicativa social. No geral, é isso que ocorre, comumente. Faz-se, portanto, uma rogativa para que o manual didático seja um instrumento de apoio ao trabalho docente e não apenas um parâmetro às aulas.

A reflexão aqui pretendida sobre a análise linguística ou a presença dos léxicos em inglês nos livros didáticos de Língua Portuguesa demonstra que não há motivo para preocupações em relação ao empobrecimento do idioma português e que os estrangeirismos e os empréstimos linguísticos não implicam em fatores que descaracterizam ou ameaçam a língua nacional, pelo menos no que faz referência ao livro didático.

Há a verificação de estrangeirismos, cada vez mais recorrente, na língua portuguesa e, conseqüentemente, nos MD. Isto é um fato que não se pode modificar, visto que, muitas vezes, há a necessidade do uso da palavra no cotidiano brasileiro, no contexto social ou histórico, pois são vários os contextos de uso, tais como, linguagem tecnológica, midiática, entre outras, em que um universo de palavras já foi incorporado, muitas já se encontram aportuguesadas e outras mantêm suas estruturas do inglês. Com a inserção da internet no dia a dia dos indivíduos, fica difícil

não encontrar ou evitar os termos ali apresentados, geralmente de origem inglesa e que muitas vezes não têm correspondente na língua portuguesa, o que facilita a introdução e o seu uso em larga escala.

Nos livros didáticos aqui estudados, verificou-se que há a presença de múltiplos estrangeirismos e alguns empréstimos linguísticos onde, a depender do contexto utilizado no MDLP, são traduzidos ou não. A maioria desses empréstimos não foi aportuguesada, o que se percebe nos inúmeros exemplos elencados e discutidos nesse estudo.

Dessa forma, fica evidente que todos os objetivos específicos pretendidos e elencados, quando da elaboração do projeto deste estudo, foram atingidos e, por conseguinte, o objetivo geral também foi alcançado. Entretanto, há algumas conjecturas e reflexões a serem feitas. Tendo em vista que o mundo, em se tratando dos meios atuais de comunicação, encontra-se em um contexto pós-moderno, o interessante é elaborar livros didáticos mais atualizados com a inserção dessas palavras de forma contextualizada e explicitando o porquê da sua inclusão nos MDLP, sem deixar de privilegiar a Sociolinguística Variacionista que mostra como o contato entre os povos causam mudanças na língua falada e escrita; compete aos professores, através da mediação, levantar a temática junto aos alunos, instaurar debates e de forma dinâmica e fazer da sala de aula um espaço de reflexão, em que se possibilite o contato de diferentes opiniões e que as divergências sejam explicadas como parte integrante dos seres humanos. Divergências estas que se situam no campo da aceitação da inserção ou não de estrangeirismos e empréstimos linguísticos na língua materna, bem como o entendimento do seu uso adequado no panorama globalizado.

Percebe-se, após estudos e pesquisas, que há obstáculos a serem transpostos, no que se refere aos conhecimentos da Língua Inglesa e na utilização desses materiais, ao viabilizar dinamicamente o trabalho com os empréstimos linguísticos e estrangeirismos no ensino de Língua Portuguesa. Alguns fatores importantes no ensino e aprendizagem, utilizando os manuais em questão, poderão ser o desenvolvimento do trabalho integrado na escola e a participação dos atores escolares na construção e realização de uma proposta pedagógica consistente, mediante a uma atuação consistente e com o foco na aprendizagem significativa dos alunos, propondo ações que visem colaborar positivamente na melhoria do processo ensino-aprendizagem de LI.

Há algum tempo que o Inglês tornou-se o principal idioma usado no cotidiano de todo o mundo, principalmente nos meios diplomáticos, no comércio mundial, no turismo, nos encontros de líderes políticos mundiais, nas competições esportivas, na tecnologia e na informática. Por todos esses fatores, é de suma importância conhecer a LI, ou, pelo menos, ter uma boa noção, para não se sentir completamente isolado deste mundo globalizado, portanto urge a necessidade desse processo de aprendizagem iniciar-se desde o Ensino Fundamental nas escolas brasileiras com a inserção dessas palavras nos LDLP.

A importância em ter o domínio do conhecimento e o vocabulário mais diversificado em relação à língua inglesa na atualidade, em praticamente todos os campos, é um fato incontestável. Em um mundo cada vez mais sem fronteiras, comunicar-se é fundamental, estando aí a chave para o sucesso na vida profissional, financeira, nos estudos e nas horas de lazer. Hoje, quem tem acesso ao inglês, mesmo conseguindo comunicar-se apenas razoavelmente bem, tem maior probabilidade de conseguir melhores empregos no mundo do trabalho. Quem não se adaptar à essa mudança, pode ficar excluído pelo processo de globalização, perdendo as oportunidades de se consolidar enquanto cidadão do mundo.

Nesse contexto sobre trabalho, dívida social e a pobreza estrutural globalizada, Santos (2001, p.72-73) declara que:

A divisão do trabalho era, até recentemente, algo mais ou menos espontâneo. Agora não. Hoje, ela obedece a cânones científicos - por isso a consideramos uma divisão do trabalho administrada - e é movida por um mecanismo que traz consigo a produção de dívidas sociais e a disseminação da pobreza numa escala global.

Nos tempos modernos, com a globalização e com o crescente desenvolvimento da tecnologia de comunicação, a funcionalidade dos idiomas como meios de comunicação clara e objetiva se impõe a tudo mais, fato este reconhecido também pelos mais respeitados representantes da língua portuguesa. Gostemos ou não de transformações, as línguas irão acompanhar as mudanças das sociedades e das culturas em que estão inseridas.

Devido ao fato da língua inglesa ter se tornado língua franca a nível global, e estar cada vez mais inserida no cotidiano informatizado das crianças e adolescentes, é que se faz necessária a busca do conhecimento, fala e entendimento, pelo menos do “básico” desse idioma. Portanto, explica-se a inserção de palavras múltiplas de língua inglesa nos livros didáticos de língua portuguesa. O aprendizado de outro

idioma é de extrema importância na formação dos alunos, cidadãos engajados no mundo globalizado.

É importante ressaltar a escolha da temática que fundamenta a razão de ser do texto, pois só ocorrerá engajamento do aluno para com o texto se este despertar interesse, inclusive pela sua função social. Isso não quer dizer, contudo, que, dependendo dessas condições, os objetivos não possam incluir outras habilidades, tais como a compreensão oral e produção oral e escrita. Fundamental é formular e implementar objetivos justificáveis socialmente, realizáveis nas condições existentes na escola, garantindo o engajamento discursivo por meio de uma língua estrangeira.

Entre as línguas estrangeiras contemporâneas, a inglesa é a hegemônica, dando particular acesso à ciência, à cultura, à comunicação intercultural, à tecnologia moderna e ao mundo dos negócios, sendo certamente um diferenciador sociocultural. Entretanto, a posição dominante do inglês nos campos das finanças, na cultura popular e nas relações acadêmicas internacionais coloca-o paradoxalmente como a língua do poder econômico e dos interesses sociais, constituindo-se em possível ameaça para as demais línguas. Nesse sentido, torna-se ainda mais necessária a sua aprendizagem, a fim de se criar condições para a negociação, a troca e a integração, desde que haja consciência crítica suficiente até para se formular contra discursos culturais em relação às desigualdades entre países e grupos sociais.

Assim, os alunos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos, pois o uso de uma língua estrangeira é uma forma a mais de agir no mundo para transformá-lo. Cabe a cada professor adaptar as diversas possibilidades que lhes são dadas. Há meios funcionais de lidar com problemas em sala de aula. Princípio e estratégia podem transformar a luta em desafio.

O fato de a interpenetração das línguas e culturas não aceitar o estrangeirismo ou o empréstimo linguístico se constituiria, em uma visão por demais limitada e estreita de fatores linguísticos, sociais e culturais. Existem formas que reduzem o impacto da importação de termos, como a tradução, a adaptação gráfica e o desenvolvimento de um sentido técnico em palavras do uso comum. Mas o aportuguesamento de uma palavra ou expressão não se faz por decreto, uma vez que acompanha o uso que os falantes nativos da língua fazem destes empréstimos lexicais.

Então seria pertinente que houvesse uma abordagem maior dos PCN's (1998) sobre o fenômeno de usos de línguas, principalmente em nosso país, em um cenário tão multilíngue e pluricultural, como o é.

Em um mundo no qual as identidades tornam-se múltiplas e multifacetadas construídas em um contexto de infinitas interconexões, estabelecidas nas redes sociais, culturais e tecnológicas pelas quais as pessoas transitam, o papel informático da escola também precisa ser redimensionado. Hoje, os meios de comunicação ensinam tanto (ou mais) do que a escola. Nesse universo de comunidades virtuais globais, unidas por interesses e costumes comuns, por culturas próprias e distintas, a escola e os educadores não podem se furtar ao desafio de incorporarem práticas criativas, trazendo para dentro das salas de aulas, os fenômenos de usos de empréstimos e estrangeirismos no LDLP.

A interação mundial é cada vez maior. Sendo assim, o conhecimento de línguas estrangeiras é essencial para a inserção dos estudantes no mundo atual. Acredita-se que quando se trabalha lado a lado com dois códigos linguísticos, mesmo que seja em uma prática na qual se utilizam fenômenos de usos e não de línguas, vem a ser uma abordagem criativa para se trabalhar na intermedialidade sociolinguística de fenômenos semelhantes de linguagem.

A inserção de itens lexicais da língua inglesa nos LDLP precisa ser trabalhada como um processo interdisciplinar, intertextual e permanente, que engloba a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem em uma LE, possibilitando a troca de conhecimentos, experiências e a discussão para as renovações e adaptações na realidade do processo educativo.

O assunto não é estanque. Urge a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada e detalhada, avaliando uma temática que a cada dia assume dimensões mais vultosas entre brasileiros – a língua inglesa inserida no contexto da língua portuguesa, inclusive nos livros didáticos. A globalização, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente e há uma urgência em nomear as novidades.

Levando em consideração a relevância da língua inglesa nesse contexto globalizado, observa-se sua grande presença no manual didático de língua portuguesa, produto dessa nova realidade social que marca a era contemporânea. Torna-se inevitável refletir sobre essa presença que, por diversas vezes, leva à discussão sobre os estrangeirismos e empréstimos linguísticos, fenômenos reconhecidos por aqueles que se ocupam com as investigações que permeiam os contatos linguísticos, em que entra a questão da sociolinguística variacionista e do contato entre os povos das mais diversas línguas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO (Org.), José Carlos P. de. **O professor de língua estrangeira em formação**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- ALVES, Nilda. Espaço e tempo de ensino e aprender. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BARBARA, Leila, et al. A survey of communication patterns in the Brazilian business context. **English for Specific Purposes**, 2006, 15(1), 51-71.
- BARBOSA, Alessandra Maciel Raimundo. Modernidade, modernização e o ensino de língua inglesa no Exército Brasileiro. **PADECEME**. Rio de Janeiro, N° 19, 3° quadrimestre, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLOMMAERT, J. **Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity**. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2013.
- BORDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Cambridge: Political Press, 1991.
- BORGATTO, Ana Triconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **“Português: Projeto Teláris”**: 9º ano. São Paulo: Ática, 2012.
- BRASIL. Diário da Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº. 1676, de 1999**. PL 1676/1999. p. 52060-52063, 4 de novembro de 1999. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069>>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001, 144p.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Inglesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BREWSTER, J.; ELLIS, G. & GIRARD, D. **The Primary English Teacher’s Guide**. New Edition. London: Penguin, 2002.
- BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: and interactive approach to language pedagogy**. 2 ed. San Francisco: State University, 2001.

BUNZEN, C. S. O livro didático de português como um gênero do discurso: implicações teóricas e metodológicas. In: **I SILID - Simpósio sobre o livro didático de língua materna e estrangeira**, 2008, Rio de Janeiro. Anais do I Simpósio sobre o livro didático de Língua materna e estrangeira. Rio de Janeiro: Edições Entrelugar, 2008. p. 1-16.

BUSNARDO, Joann; BRAGA, Denise. **Language and power: on the necessity of rethinking English language pedagogy in Brazil**. Initiatives in Communicative Language Teaching II – a book of readings. Edited by M. Berns and S. Savignon. Massachusetts: Addison-Wesley Publishing, 1984.

CAMBRIDGE. **Dictionaries Online**. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CAMERON, L. **Teaching English to Young Learners**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CANAGARAJAH, S. From babel to pentecost: postmodern glottoscapes and the globalization of English. In: ANGALA, L.; BARRIOS, M.L., WILLIAMS, J. **Towards the knowledge society: making EFL education relevant**. Cordoba, FAAPI, 2005. p. 22-32.

CARVALHO, Ana Maria. The analysis of languages in contact: A case study through a variationist lens. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. (58.3), Campinas, pp. 401-424 - set./dez. 2016.

CARVALHO, Fabiana Maria Alves de. **A influência da língua inglesa no discurso das propagandas veiculadas em revistas**. Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010. p. 1-6.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2004.

COLL, César et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

COOPER, Robert L. A framework for the study of language spread. In: **Language Spread: studies in diffusion and social change**. Edited by R. L. Cooper. Indiana: Indiana University Press for the Center of Applied Linguistics, Washington, 1982, DC, 37-62.

COUTO, Vera. **The Brazilian EFL learner: a profile influencing the curriculum**. Paper presented at the anual meeting of TESOL. Vancouver, Canada, 2002.

DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **História da língua**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino da língua materna. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FISHMAN, Joshua A.; RUBAL-LOPEZ, Alma. Cross-polity analysis of factors affecting English language spread: predicting three criteria of spread from a large pool of independent variables. **World Englishes**, 1992, 11(2/3), 309-29.

FRIEDRICH, Patricia. English in Brazil: functions and attitudes. **World Englishes**, 2000, v.19, n.2, pp. 215-223.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

GHELLER, Ani Cristina; BORSTEL, Clarice Nadir Von. **O léxico do inglês no livro didático de língua portuguesa**. 2010. Disponível em: < e- revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3307/2612>. Acesso em: 23 dez. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOIS, Miguel Ventura Santos. **A influência dos estrangeirismos na língua portuguesa**: um processo de globalização, ideologia e comunicação. In: III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso, 2008, Belo Horizonte.

GORDON, Matthew. (2006) Interview with William Labov. **Journal of English linguistics**, 2006, 34(4), 332-351.

GUIMARÃES. **Globalização X Localismo**. 2011. Disponível em: <http://www.jcom.com.br/colunas/148214/Paulo_Guimaraes_-_Globalizacao_X_localismo>. Acesso em: 30 nov. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIGA, Masanori. Sociolinguistic Aspects of Word Borrowing. **Topics in Culture Learning**, v1 p75-85 1973.

HORNICK, C. **O Brasil aprende inglês**. Marcas do funcionamento discursivo em uma reportagem da revista *Veja*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Linguagens – ILCuiabá, 2006.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language & Communication**, n.25, p.257-277, 2005.

JENKINS, J. **English as a Lingua Franca: attitude and identity**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KACHRU, Braj B. Models for non-native Englishes. **In The Other Tongue: English across cultures** (2nd edn). Edited by Braj B. Kachru. Urbana: University of Illinois Press, 1992a, p. 48-74.

KACHRU, Braj B. Teaching World Englishes. **In The Other Tongue: English across cultures** (2nd edn). Edited by Braj B. Kachru. Urbana: University of Illinois Press, 1992b, p. 355-65.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.

LAKATOS Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dado**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEFFA, V. J. Teaching English as a multinational language. **The Linguistic Association of Korea Journal**, v.10, n.1, p.29-53, 2002.

LEWIS, E. Glyn. Movements and agencies of language spread: Wales and the Soviet Union compared. In: **Language spread: studies in diffusion and social change**. Edited by R. L. Cooper. Indiana: Indiana University Press for the Center of Applied Linguistics, Washington, DC, 1982, p. 214-59.

LIN, A.M.Y.; MARTIN, P. From a critical deconstruction paradigm to a critical construction paradigm: an introduction to decolonization, globalization and language in education policy and practice. In: LIN, A.M.Y.; MARTIN, P. (Ed.). **Decolonisation, globalization**. Clevedon: Multilingual Matter, 2005.

MACEDO, E.G.B. de. **Língua Inglesa: Importância, hegemonia e constância no dia a dia dos brasileiros**. II Congresso de Educação – UEG/UnU Iporá, 2011.

MADUREIRA, Ricardo. **The teaching of English in Brazil: the reality of public schools**. Disponível em: <<http://disal.com.br/site/the-teaching-of-english-in-brazil-the-reality-of-public-schools-ricardo-madureira/>>. Acesso em 16 dez. 2021.

MARCHETTI, Greta; STRECKER, Heide; CLETO, Mirela L. **Para viver juntos: Português. 9º ano: anos finais: ensino fundamental**. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

MARIAN, Viorica; BLUMENFELD, Henrike K; KAUSHANSKAYA, Margarita. The Language Experience and Proficiency Questionnaire (LEAP-Q): Assessing language profiles in bilinguals and multilinguals. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, August 2007, Vol. 50, 940-967.

MARTINS, Eduardo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 26 mar. 2000, p. 20.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de texto e a escola**. Autores associados: São Paulo, 2000.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **D.E.L.T.A.**, v.24, n.2, p.309-340, 2008.

MOLINA, Daniele de Souza Leite. **Empréstimos linguísticos no campo lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa**. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/12/Molina.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

NAGY, Naomi. A sociolinguistic view of null subjects and vot in Toronto heritage languages. **Lingua**, 2015, 164, 309-327.

NAGY, Naomi; MEYERHOFF, Miriam Introduction. In: MEYERHOFF, Miriam; NAGY, N. (eds.) **Social Lives in Language – Sociolinguistics and multilingual speech communities: Celebrating the work of Gillian Sankoff**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008, p. 1-16.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, Nº 3, 2º Sem./1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Fontes, 2002.

PAIVA, V. L. M. de O. **História do material didático**. 2004. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/historia.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PHILLIPSON, R. English for globalization or for the world's people? **International Review of Education**, v.3, n.4, p.185-200, 2001.

POPLACK, Shana; LEVEY, S. Contact-induced grammatical change: A cautionary tale. **Language and space: An international handbook of linguistic variation**, 2010, 1, p. 391-419.

RAJAGOPALAN, K. The concept of 'World English' and its implications for ELT. **ELT Journal**, v.58, n.2, p.111-117, 2004.

RANKA, Bjeljic-Babic. 6,000 Languages: an embattled heritage. **Magazine Article Unesco Courier**. 2010. Disponível em: <http://www.unesco.org/courier/2000_04/uk/doss01.htm>. Acesso em: 02 jun. 2021.

RAPATAHANA, V.; BUNCE, P. (Eds). **English language as Hydra: its impacts on non-English language cultures**. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2012.

ROCHA, Cláudia H; BASSO, E. A. **Ensinar e aprender uma língua estrangeira nas diferentes idades**. São Carlos: Claraluz Editora. 2008.

SANKOFF, Gillian. **Linguistic Outcomes of Language Contact**. In: Peter Trudgill, J. Chambers & N. Schilling-Estes, eds., *Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Basil Blackwell, 2001, p. 638-668.

SANTOS, M. E. M.; PILATTI, Andriele. O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado. **Secretariado Executivo em Revista**, v. 4, p. 05-20, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, p. 72-73, 2001. 88 p.

SÃO JOSÉ, Elisson Souza de. A necessidade de despertar nos alunos interesse pelo estudo de língua inglesa nos dias atuais. **Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP** Vol. 1 - Nº 1 - Janeiro a junho de 2011, p. 189-204.

SCHLEPPEGRALL, Mary J.; ROYSTER, Linda. Business English: an international survey. **English for Specific Purposes**, 2000, 9(1), 3-16.

SCHNEUWLY, B. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

SCHÜTZ, Richard. **O que é talento para Línguas? English Made in Brazil**. 2003. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-talen.html>>. Acesso em: 26 maio 2021.

SEIDLHOFER, B. **Understanding English as a Lingua Franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SILVA, José Manuel da. **Influências do inglês no português do Brasil**. 2007. Disponível em: <josemsilvaprof.weebly.com/uploads/4/8/8/3/4883419/iipb1_atual.doc>. Acesso em: 28 maio 2021.

SILVA, Daniel. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014.

SILVA, V. E. S. **A interculturalidade nos livros didáticos de inglês**. In: Simpósio Internacional Linguagens e Culturas: homenagem aos 40 anos dos Programas de Pós-Graduação em Linguística, Literatura e Inglês da UFSC, 2011 v. 1. p. 1-15.

SILVA, Flávia Kellyane Medeiros da; RODRIGUES, Priscila da Silva Santana. A formação do professor de português: entre a teoria e a prática. **Revista Letras Raras**, Suplemento Vol. 2, N. 1 Campina Grande, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, M. (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001, p. 31-76.

SZUNDY, P.T.C. The commodification of English in Brazilian public universities: language ideologies entextualized in the scope of the program English without Borders. In: **Revista da Anpoll**, nº 40, Florianópolis, jan./jun. 2016, p. 101-114. Disponível em:

<<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/1020/850>>. Acesso em: 17 maio 2021.

TELLES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, Vol. 5, Nº. 2, 2002 (91-116).

TORTATO, C. **O livro didático público de inglês: uma análise a partir das diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna do estado do Paraná**. 2010, 141p. Dissertação (Mestrado em Linha de Cultura, Escola e Ensino). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2010.

VERCEZE, R. M. A. N.; SILVINO, E. F. M. Livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista v. 4, n. 4 p. 83-102 jan./jun. 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact*. New York: Linguistic Circle of New York. **Indian Journal of American Studies**, 1953.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Empirical foundations for a theory of language change**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.

YONG, Zhao; CAMPBELL, Keith P. English in China. **World Englishes**, 2005, 14(3), 377-90.

APÊNDICE A

Glossário

Obs.: Este glossário será compartilhado, por *e-mail*, com todos os professores de Português da rede municipal de Teixeira de Freitas-BA, a qual utilizou e ainda utiliza os livros didáticos analisados por esta pesquisa, com a finalidade de contribuir com o trabalho pedagógico destes junto aos seus alunos. O autor desta pesquisa também entrará em contato com as editoras dos manuais estudados, propondo a estas que, nas próximas edições destes, acrescentem este glossário como suplemento dos seus manuais didáticos.

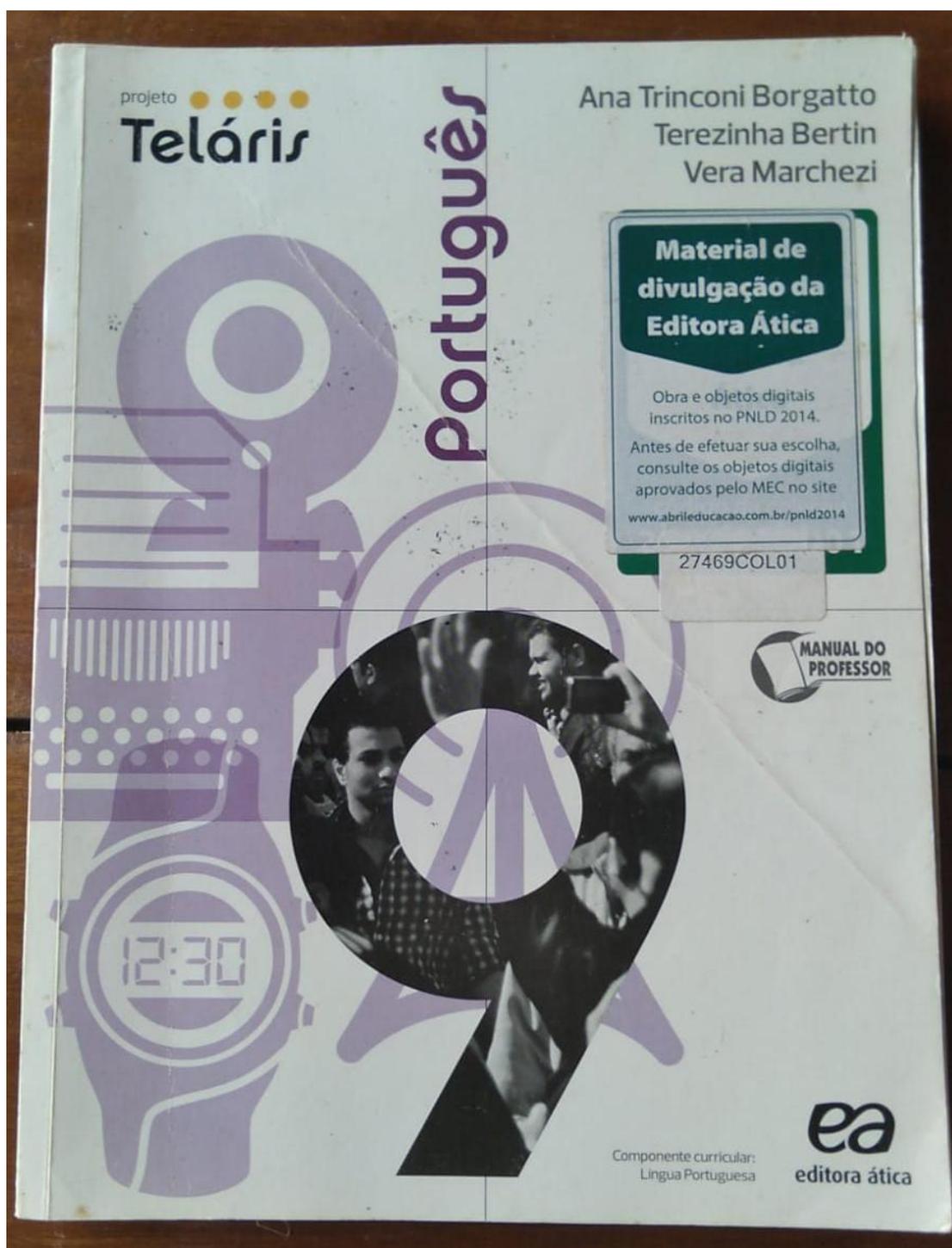
GLOSSÁRIO		
Item Lexical	Pronúncia	Significado
backup	/ˈbæk.ʌp/	cópia de segurança
big brother	/ˌbɪg ˈbrʌð.ə/	grande irmão; irmão mais velho
bip	/bɪp/	bipe
blog	/blɔːg/	páginas on-line que podem ser diários pessoais, periódicos ou empresariais
blogger	/ˈblɔː.gə/	blogueiros
bogagrip	/bɔːgeɪgrɪp/	alicate de contenção para pegar peixe
broadcasting	/ˈbrɔːd.kæstɪŋ/	transmissão
brother	/ˈbrʌð.ə/	irmão
bullying	/ˈbʊl.i.ɪŋ/	assédio moral, geralmente entre adolescentes
bungee jumping	/ˈbʌn.dʒɪˌdʒʌm.pɪŋ/	bungee jumping; salto de alturas usando cordas elásticas
busdoor	/bʌsdɔːr/	porta de ônibus; no Brasil, peça publicitária afixada na parte traseira de ônibus
cartoon	/kɑːrˈtuːn/	cartum; tirinha
catch and release fishing	/kæʃ ən rɪˈliːs ˈfɪʃ.ɪŋ/	pescaria tipo pesque e solte
CD	/siːˈdiː/	compact disc: disco compacto
cena tech	/ˈsɛnə tek/	tirinha sobre tecnologia
charge	/ˈtʃɑːʒ/ /tʃɑːrdʒ/	cartum; tirinha
chat	/tʃæt/	bate papo
cheque in (check in)	/tʃek ɪn/	verificação de entrada
chip	/tʃɪp/	chipe
cloud computing	/ˌklaʊd kəmˈpjʊːtɪŋ/	armazenamento em nuvem; armazenamento na internet
common snook	/ˈkɒm.ən snuːk/	robalo
country	/ˈkʌn.tri/	país
crack	/kræk/	quebrar
cult	/kʌlt/	culto
custom	/ˈkʌs.təm/	personalizar
desktops	/ˈdesk.tɑːp/	computador de mesa
DJ	/diːˈdʒeɪ/	discotecário, quem coloca a música para tocar
down	/daʊn/	baixo
download	/ˈdaʊn.laʊd/	colocar programas na memória do computador
eastman kodak company	/ˈkʌm.pə.ni/	empresa específica
e-commerce	/iːˈkɔː.mɜːs/	comércio de compra e venda online
e-mail	/iː.meɪl/	sistema computacional de correio eletrônico
facebook	/ˈfeɪs.bʊk/	site de rede social

fashion	/ˈfæʃ.ən/	moda
fashion sale	/ˈfæʃ.ən seɪl/	venda de moda
fax	/fæks/	cópia de um documento feito por um tipo de impressora
flash	/flæʃ/	clarão
footstats	/ˈfʊtʃˈtɑːt/	empresa de estatística de futebol
for square	/skwɛr/	quarteirão
funk	/fʌŋk/	estilo musical
gay	/geɪ/	pessoa homoafetiva
gigabytes	/ˈgɪɡ.ə.baɪt/	uma unidade de contagem de informação de um computador
glamour	/ˈglæm.ə-/	deslumbrante
google	/ˈguː.gəl/	nome de um instrumento de pesquisa online
google latitude	/ˈguː.gəl ˈlæɪ.tuːd/	GPS do google
greenpeace	/greɪnˈpiːs/	ONG envolvida em causas ambientais
grid	/grɪd/	grade
hacker	/ˈhæk.ə-/	especialista em desenvolvimento de sistemas que os acessa mesmo sem permissão
hip hop	/ˈhɪp.hɑːp/	estilo musical
home page	/ˈhoʊm ˌpeɪdʒ/	página de website que normalmente introduz o leitor ao site
hot-link	/ˈhɒt.lɪŋk/	texto ou dígito que caso clicado online redireciona para outro site
internet	/ˈɪn.tə.net/	sistema global de redes de computadores interligadas
iphone 4	/ɪˈfoʊn/	telefone da marca apple
iPOD	/ɪˈɑː.pɒd/	player de mídia da marca apple
jingle	/ˈdʒɪŋ.gəl/	som repetitivo, usado normalmente em propagandas
largemouth bass	/ˈlɑːʒeɪ ˈmɒt/	espécie de peixe
LBS - location base service	/louˈkeɪ.jən beɪs ˈsɜː.vɪs/	serviço baseado em software para localização geográfica
life	/laɪf/	vida
link	/lɪŋk/	elo; vínculo ou ligação
lobby	/ˈlɒ.bi/	salão
mad	/mæd/	louco/furioso
making a life	/ˈmeɪ.kɪŋ.a.laɪf/	trabalhar por dinheiro
making a living	/ˈmeɪ.kɪŋ.aˈlɪv.ɪŋ/	forma de ganhar dinheiro para se sustentar
marketing	/ˈmɑːr.kɪ.tɪŋ/	processos envolvidos em compra e venda
media	/ˈmiː.di.ə/	mídia
microbike	/ˈmaɪ.kroʊ/	moto minúscula
mouse	/maʊs/	rato/periférico de computador
mp3 player	/em.piːˈθriː ˌpleɪ.ə-/	aparelho para armazenar e reproduzir arquivos de áudio
net	/net/	rede
netfind	/netˈfɪd/	mecanismo de busca que pode começar a aparecer no seu navegador da Web
messenger	/ˈmes.ɪn.dʒə-/	mensageiro
notebooks	/ˈnoʊt.bʊk/	um computador pequeno ou um caderno
off	/ɑːf/	desligado
online	/ˈɑːn.laɪn/	conectado
outdoor	/ˈaʊt.dɔːr/	cartaz de rua
performance	/pəˈfɔːr.məns/	atuação
photoshop	/ˈfoʊ.tʃəʊ.ʃɑːp/	programa de edição de fotos
pizza delivery	/ˈpiː.t.sə dɪˈlɪv.ə.i/	entrega de pizza
podcast	/ˈpɑːd.kæst/	programa de rádio de internet

power	/ˈpaʊ.ə/	poder
rain	/reɪn/	chuva
rap	/ræp/	estilo de musica popular proveniente dos EUA
reggae	/ˈreg.ɛɪ/	estilo musical proveniente da África que consiste em fazer críticas sociais
rock in rio	/rɔ:k ɪn rɪʊ/	festival musical que acontece todo ano no Rio de Janeiro
sale	/seɪl/	vendas
sampler	/ˈsæm.plə/	um pedaço de pano decorativo com letras, palavras
search	/sɜ:tʃ/	procurar
serial killer	/ˈsɪr.i.əl ˌkɪl.ə/	assassino em série
show	/ʃəʊ/	apresentar/exibir
site	/saɪt/	endereço eletrônico
skydiving	/ˈskaɪ.daɪ.vɪŋ/	paraquedismo
skype	/skaɪp/	um software que permite conversar com o mundo todo
slogan	/ˈsləʊ.ɡən/	lema
smartphones	/ˈsmɑ:rt.fəʊn/	telefone celular
stop	/stɑ:p/	parar
surf	/sɜ:f/	surfar
tablets	/ˈtæb.lət/	aparelho eletrônico com as mesmas funcionalidades que um telefone, só que maior
teen	/ti:n/	adolescente
top models	/tɑ:p ˈmɑ:del/	principais modelos
trail	/treɪl/	trilha
trailer	/ˈtreɪ.lə/	reboque; trecho/resumo de um filme
tweet	/twi:t/	tuitar; piado de pássaros
twist and shout	/twɪst ən ʃaʊt/	torcer(girar) e gritar; música dos Beatles (dance e grite)
twitter	/ˈtwɪt.ə/	nome da rede social
up	/ʌp/	para cima
videogame	/vɪdʒioˈɡeɪm/	jogo eletrônico
viking	/ˈvaɪ.kɪŋ/	termo usado para se referir aos nórdicos
web	/web/	sistema de informação conectadas na internet
webblog	/ˈweb.lɑ:g/	páginas on-line que podem ser diários pessoais, periódicos ou empresariais
website	/ˈweb.saɪt/	um conjunto de páginas de informações na internet sobre um determinado assunto

ANEXO A

Primeiro Manual Didático analisado: “Português: Projeto Teláris” – 9º. ano



ANEXO B

Segundo Manual Didático analisado: “Para viver juntos: Português” - 9º. ano

